

DISCURSOS DE UM PATRIMÔNIO EM CRISE

A FRAGMENTAÇÃO DOS SUPORTES DE MEMÓRIA
EM BENTO RODRIGUES, MINAS GERAIS



JOÃO PEDRO OTONI

ORIENT.: PROF. DR. LEONARDO BARCI CASTRIOTA

UFMG
EAD | PPG-ACPS

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável

João Pedro Otoni

Discursos de um Patrimônio em Crise:
A fragmentação dos suportes de Memória em Bento Rodrigues, Minas Gerais

Belo Horizonte
2020

João Pedro Otoni

**DISCURSOS DE UM PATRIMÔNIO EM CRISE:
A fragmentação dos suportes de Memória em Bento Rodrigues, Minas Gerais**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável

Área de Concentração: Bens Culturais, Tecnologia e Território

Orientador: Leonardo Barci Castriota

Belo Horizonte
2020

FICHA CATALOGRÁFICA

O88d

Otoni, João Pedro.

Discursos de um patrimônio em crise [recurso eletrônico] : a fragmentação dos suportes de memória em Bento Rodrigues, Minas Gerais / João Pedro Otoni. - 2020.

1 recurso eletrônico (186 f. : il.), pdf.

Orientador: Leonardo Barci Castriota.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Patrimônio cultural - Teses. 2. Memória - Teses. 3. Análise crítica do discurso - Teses. I. Castriota, Leonardo Barci. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 350.85

Ficha catalográfica elaborada por Hugo Pires CRB 9/1843

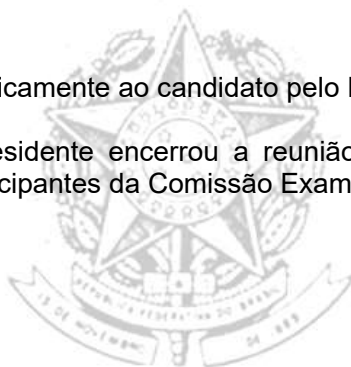
ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO ALUNO João Pedro Otoni nº de matrícula 2018710855, DO CURSO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE CONSTRUÍDO E PATRIMÔNIO SUSTENTÁVEL DA ESCOLA DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Aos vinte dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte, às quatorze horas, virtualmente através da plataforma ZOOM, reuniu-se a Comissão Examinadora de Dissertação para julgar o trabalho " Discursos de um patrimônio em crise: A fragmentação dos suportes de memória em Bento Rodrigues, Minas Gerais", requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, na área de concentração "Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável". Abrindo a sessão, o orientador, professor doutor Leonardo Barci Castriota, após expor as Normas Regulamentares do Trabalho Final, pediu para o aluno iniciar a apresentação do seu trabalho. Seguiu-se arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a comissão reuniu-se, sem a presença do mestrando e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado:

- (X) Aprovação
() Aprovação com solicitação das revisões constantes nesta ata
() Reprovação

O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pelo Presidente da Comissão.

Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ata, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Leonardo Barci Castriota – Orientador (PPG-ACPS / UFMG)

Prof. Dr. Flávio de Lemos Carsalade (PPG-ACPS / UFMG)

Prof. Dr. Rafael Winter de Oliveira (PPGG / UFRJ)

Ciente:

Aluno(a)

Belo Horizonte, 20 de novembro de 2020.

Homologado pelo Colegiado do Programa dos cursos de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável em

Coordenador:



Prof. Dr. Leonardo Barci Castriota "ad referendum"

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador Leonardo Castriota, pela generosidade dos ensinamentos, pela escuta atenta e indicações precisas; à professora Maria Cristina Villefort Teixeira, pelo encorajamento e apoio na pesquisa; ao professor Flávio de Lemos Carsalade, pelas conversas nas disciplinas e considerações na qualificação; às professoras Mônica Olender e Ana Barbosa, pelo incentivo a seguir o caminho acadêmico.

À Isadora, Marina e Giovanni, companhias cotidianas de vida; Aos amigos do mestrado – Bárbara, Gabriela, Henrique, João, Mariana, Marília e Marina – pelos momentos leves e pela jornada que vivemos juntos; à professora Zeynep Ünal, Claudia e Samantha, por dividirmos a aventura essencial para este trabalho que foi o *“ICORP On The Road”*; aos meus pais, Maria Isabel e Fausto, pelo apoio e torcida; à minha irmã, Ana Tereza, por estarmos sempre juntos; ao Régis, pelo companheirismo e torcida.

Ao PPG-ACPS, professores e funcionários, pela dedicação; à CAPES, pela oportunidade e apoio financeiro; à Universidade Federal de Minas Gerais, pela educação de excelência, pública e gratuita.

A todos que trabalharam com empenho e compromisso com o outro nessa pandemia do Covid-19. E, principalmente, aos moradores de Bento Rodrigues, pela força e resistência.

Muito obrigado!

A gente sente falta de tudo, não tem como sentir falta só
de uma coisa, não.

*Maria Eliza Alves da Silva, 14 anos, moradora de Bento Rodrigues.
A Sirene, ed.42, out. 2019, p.9*

A casa era por aqui...
Onde? Procuro-a e não acho.
Ouço uma voz que esqueci:
É a voz deste mesmo riacho.

Ah quanto tempo passou!
(...)

Tantos que a morte levou!
(E a vida... nos desenganos...)

A usura fez tábua rasa
Da velha chácara triste:
Não existe mais a casa...

- Mas o menino ainda existe.

Manuel Bandeira

RESUMO

Esta dissertação objetiva investigar as vivências e as múltiplas camadas presentes ao se tratar da memória social e de patrimônio cultural frente a contextos de crise e eventos críticos, tendo como estudo de caso o desastre ocorrido em novembro de 2015 na localidade de Bento Rodrigues em Minas Gerais. Inicialmente, a pesquisa lança-se em estudos da grande área das ciências sociais com o objetivo de compreender a memória enquanto fenômeno social. Investiga-se sobre a memória, destacando a sua diferenciação da história e a compreendendo enquanto fato coletivo ou individual. Um ponto-chave para o estudo são as análises feitas quanto aos suportes de memória e à constituição do patrimônio cultural, e de que forma estes se relacionam perante contextos de crise ou eventos críticos. As investigações metodológicas se darão aproximando o olhar das particularidades presentes nas vivências que possam refletir questões da memória familiar, coletiva e social. Assim, perante a comunidade em questão, pretende-se entender o impacto causado pela perda dos seus suportes de memória. Para isso, faz-se uso de uma proposta metodológica baseada na “Análise Crítica do Discurso (ACD)” como uma abordagem para se compreender os discursos formulados pela comunidade em questão a partir de suas vivências em crise, assim como dos agentes e grupos que os circundam. Além disso, essa metodologia permitiu investigar acerca da forma como o discurso do patrimônio e da memória pode ser usado, adulterado, exacerbado ou obliterado pelos diferentes atores presentes e atuantes neste contexto de fragmentação da memória e do patrimônio.

Palavras-chave: patrimônio cultural; memória; crise; discurso; Bento Rodrigues.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate the experiences and the multiple layers present when dealing with social memory and cultural heritage in the face of crisis contexts and critical events, having as a case study the disaster that occurred in November 2015 in Bento Rodrigues in Minas Gerais. Initially, the research seeks through studies in the large area of the social sciences to understand memory as a social phenomenon. It investigates memory, highlighting its differentiation from history and understanding it as a collective or individual fact. A key point for the study is the analyses made regarding the supports of memory and the constitution of the cultural heritage, and how they are related to contexts of crisis or critical events. The methodological investigations will take place by looking at the particularities present in the experiences that may reflect issues of family memory, collective and social memory. Thus, with regard to the community in question, it is intended to understand the impact caused by the loss of its memory supports. For this, a methodological proposal based on the "Critical Discourse Analysis (ACD)" is used as an approach to understand the speeches formulated by the community in question from their experiences in crisis, as well as the agents and groups that surround them. In addition, this methodology allowed to investigate about how the discourse of heritage and memory can be used, adulterated, exacerbated or obliterated by the different actors present and active in this context of fragmentation of memory and heritage.

Keywords: cultural heritage; memory; crisis; discourse; Bento Rodrigues.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01:	Barragem de Fundão e Bento Rodrigues, 20 de julho de 2015	20
Figura 02:	Barragem de Fundão e Bento Rodrigues, 11 de novembro de 2015	20
Figura 03:	Cone da Memória de Bergson	29
Figura 04:	Instalação “Beauty” e esquema gráfico da obra	31
Figura 05:	Ruínas da Igreja em Canudos	46
Figura 06:	Lagoa formada pelo dique S4 em Bento Rodrigues, MG.	46
Figura 07:	Reunião com os moradores de Bento Rodrigues para entrega do “Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues”	70
Figura 08:	Capa da notícia de recebimento do “Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues” pelo Ministério Público do Estado de Minas Gerais.	70
Figura 09:	Capa da notícia “Proposta de desapropriação surpreende moradores de Mariana” da Agência de Jornalismo Investigativo “Pública” de setembro de 2019	71
Figura 10:	Trecho da “Nota do ICOMO/BRASIL” de setembro de 2019	73
Figura 11:	Imagens da Audiência Pública realizada em Mariana (Minas Gerais) promovida pelo MPMG em setembro de 2019	74
Figura 12:	Capa da notícia “Não seremos ouvidos sobre o futuro do nosso patrimônio?” do Jornal “A Sirene” de setembro de 2019	75
Figura 13:	Concepção tridimensional do discurso	91
Figura 14:	Nuvem de termos nos discursos de posse dos presidentes dos EUA (1969 – 2013) ao lado de nuvem de termos no discurso de posse do presidente Barack Obama em 2013	96
Figura 15:	Capas do Jornal “A Sirene”	101

Figura 16:	Nota de esclarecimento do jornal “A Sirene”	104
Figura 17:	Gráfico síntese dos editoriais das 51 edições	111
Figura 18:	Gráfico síntese dos editoriais do primeiro ano de publicação	115
Figura 19:	Gráfico síntese dos editoriais do segundo ano de publicação	116
Figura 20:	Gráfico síntese dos editoriais do terceiro ano de publicação	117
Figura 21:	Gráfico síntese dos editoriais do quarto ano de publicação	118
Figura 22:	Gráfico síntese dos editoriais do quinto ano de publicação	119
Figura 23:	Mapa com os suportes de memória indicados pelos moradores de Bento Rodrigues	123
Figura 24:	Mapa destacando o Bento e o eixo dos suportes de memória	124
Figura 25:	Mapa de Bento Rodrigues com destaque para área onde a lama causou destruição do território	127
Figura 26:	Capela de São Bento à direita e Bar da Sandra à esquerda (Bento Rodrigues/MG)	128
Figura 27:	Capela de Nossa Senhora das Mercês (Bento Rodrigues/MG)	129
Figura 28:	Primeira Missa em Bento Rodrigues (2017)	130
Figura 29:	Bodas de Prata de Marcos Muniz e Marinalda Muniz na capela de São Bento em Bento Rodrigues (2017)	131

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 01:	Tabela com técnicas possíveis de serem utilizadas no 'REAP'	58
Tabela 02:	Técnicas propostas para serem utilizadas na pesquisa	64
Tabela 03:	Correntes de pensamento e definições de discurso	80
Tabela 04:	Editores – ed. 00 a ed. 50	105
Tabela 05:	Síntese dos dados levantados sobre a participação de Bento Rodrigues	108
Tabela 06:	Levantamento das publicações sobre Bento Rodrigues	121
Tabela 07:	Distribuição ano a ano das reportagens que tratam da memória de Bento Rodrigues	121
Gráfico 01:	Participação de Bento Rodrigues no jornal "A Sirene"	107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
AD	Análise do Discurso
ADC	Análise do Discurso Crítica
AHD	<i>Authorized Heritage Discourse</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDA	<i>Critical Discourse Analysis</i>
COMPAT	Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Mariana
EAD-UFMG	Escola de Arquitetura e Design da Universidade Federal de Minas Gerais
HD	<i>Hard Drive</i>
ICOMOS	<i>International Council on Monument and Sites</i>
ICSA/UFOP	Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto
IPAC	Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Mariana
LABEURB	Laboratórios de Estudos Urbanos
LC	Linguística Crítica
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MG	Minas Gerais
MPMG	Ministério Público do Estado de Minas Gerais
PPG-ACPS	Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável
RAP	<i>Rapid Assessment Procedures</i>
RRA	<i>Rural Rapid Appraisal</i>
TAC	Termo de Ajustamento de Conduta
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	MEMÓRIA, CRISE E PATRIMÔNIO	23
2.1	Memória.....	23
2.1.1	Memória e História	24
2.1.2	Memória individual e memória coletiva	26
2.1.3	Suportes de memória.....	30
2.2	Memória e Crise: Patrimônio.....	39
2.3	Memória e patrimônio em crise	44
3	LEITURAS DA MEMÓRIA	50
3.1	Exórdio	50
3.2	Escovar vivências e discursos	52
3.3	Etnografia.....	53
3.3.1	Rapid Ethnographic Assessment Procedures	56
3.3.2	Battery Park City	60
3.3.3	Um ‘REAP’ para Bento Rodrigues	63
3.4	Os discursos da memória e do patrimônio	66
3.5	Discurso	78
3.5.1	Os estudos do discurso: Análise Crítica do Discurso ou Análise do Discurso	82
3.5.2	Aproximação da metodologia com o estudo de caso	87
3.5.3	Proposta metodológica e <i>corpus</i> de análise	90
4	DISCURSOS DESPERTOS	99
4.1	Contexto de produção e representatividade da comunidade	102
4.2	Análise ampliada – Editoriais do jornal	109

4.3 Discursos da Memória	120
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
APÊNDICES	139
ANEXOS	176
REFERÊNCIAS.....	180

1 INTRODUÇÃO

Temos com a casa e com a paisagem que a rodeia a comunicação silenciosa que marca nossas relações mais profundas. As coisas nos falam, sim, e por que exigir palavras de uma comunhão tão perfeita? (BOSI, 1979, p.361)

A modernidade, enquanto conceito empregado ao longo dos séculos, estabelece diferentes relações com o passado e a tradição. Habermas (*apud* CASTRIOTA, 2009) pontua três momentos distintos dessa relação: o primeiro, presente desde a Idade Média, onde a tradição é vista pela modernidade como um exemplo a ser seguido, de maneira acrítica; o segundo, surgido, principalmente, com o Iluminismo do séc. XVIII, a retomada do passado ainda se faz presente, mas de forma crítica, questionadora dos cânones existentes; por fim, o terceiro, surgido em fins do século XIX, com a negação completa da tradição e enaltecimento de um porvir. Como corrobora o filósofo e lingüista búlgaro Tzvetan Todorov (2000), cria-se a partir deste momento na Europa um “tipo de sociedade da qual não havia exemplo anterior” (TODOROV, 2000, p.15); uma sociedade em que o passado não é visto como um meio de legitimação, que não outorga um lugar de honra a memória.

Adentramos, assim, o contexto do século XX que traz galopantes transformações à sociedade ocidental; estamos vivenciando um aprofundamento desta modernidade de maneira acelerada. Referenciando-nos ao autor Zygmunt Bauman (2001), podemos dizer que estamos inseridos em um contexto de “mundo moderno-líquido”: ainda estamos habitando o mundo moderno, caracterizado pela quebra de diversas barreiras e pelas negações e alterações do *status quo*, porém, presenciamos a liquefação vertiginosa dos valores, modos, hábitos e relações humanas. O mundo moderno-líquido se apresenta como um estado profundo de transformações e não de estagnação, com características ainda relevantes do que foi, porém, contendo fortes alterações.

Este panorama apresentado pode ser visto como fundado pelos avanços na tecnologia e pelo aprofundamento das relações sociais do capitalismo informacional. Vivenciamos um momento em que somos cada vez mais empurrados para um futuro global, em que novidades se apresentam a cada segundo; o mundo informacional, altamente conectado, nos leva a quebrar barreiras físicas anteriormente presentes, assim, coabitamos diversas partes do globo. Quanto mais nos vemos diante deste

vórtice de modificações, mais nos vemos perdidos, sem referenciais, e cogitamos o interesse e busca por nossas raízes, nossas memórias, em busca de conforto e certezas. Após um grande momento de exaltação da modernidade, desde o Iluminismo até as primeiras décadas do século XX, o homem se viu diante de momentos em que o futuro e a memória de grupos humanos estavam postos em risco (guerras, holocausto, fomes), e passou a questionar o valor de todos estes avanços a qualquer custo. Ademais, como aponta Todorov (2000), os regimes totalitários do século XX revelaram a existência de um perigo que estava dormente: a supressão deliberada da memória. Apesar de não ser algo relativamente novo - desde as primeiras guerras de conquistas entre povos a eliminação dos hábitos, referências, memórias do povo vencido se faz presente - foi com os tiranos do século XX que se tornou evidente a sistematização do apagamento das memórias alheias.

Com este cenário traçado, notamos estar cada vez mais presente em nossa sociedade o desejo pelos arquivos e registros. Quantos são os museus e memoriais construídos nas últimas décadas, o *boom* nas produções audiovisuais memorialistas, o arquivamento de dados (*HDs*, *pen-drives*, supercomputadores), além da surgimento e expansão exorbitante das redes sociais (*instagram*, *facebook*, *twitter*) em que tudo se registra e se armazena. O pesquisador alemão em literatura comparada Andreas Huyssen (2000) coloca que este processo de renovação do interesse pela memória se apresenta de forma mais clara nos Estados Unidos e na Europa a partir da década de 1970, e destaca “o *boom* das modas retrô e dos utensílios retrô, a comercialização em massa da nostalgia, [...], a difusão das práticas memorialísticas nas artes visuais [...]” (HUYSSSEN, 2000,p.14). Porém, com todos esses recursos e anseios por resgatar passados, notamos que o homem não vem habitando de fato a memória, tendo em vista o seu entendimento sociológico de memória-social. Resguardamos essas diversas entidades elencadas, estes ‘lugares de memória’, o fardo da memória, e recorreremos a elas quando o mal-estar do mundo moderno-líquido nos sufoca.

A curiosidade sobre os lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a esse momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual em relação aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 2008, p.19)¹

A memória para esta dissertação é entendida como um fato social, entendimento que foi concebido por Maurice Halbwachs (2003) na primeira metade do século XX. Diferentemente do entendimento usual, da memória individual, o contar e relembrar histórias, a memória aqui será investigada como uma construção diária, formadora de um coletivo de pessoas. Como destaca a psicóloga Ecléa Bosi (1979) ao fazer uma análise de Halbwachs: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1979, p.17). Muito mais do que um elemento do passado, podemos perceber que a memória é fato presente e direcionador de futuro.

Em busca da compreensão de como a memória se faz cotidiana, coletiva e social introduz-se o termo ‘lugares de memória’, cunhado por Pierre Nora (2008). Estes podem ser entendidos como qualquer suporte em que se faça referência a um evento, pessoa, local, ritual, organização, etc, que existiu ou que tenha uma história em um tempo passado. São suportes, físicos ou não, que têm a intenção primária de fazer recordar. Dessa maneira, tanto documentos, como monumentos, ou edificações podem carregar a alcunha de ser um ‘lugar de memória’, assim como acontecimentos relevantes à história e a própria obra histórica. É o que podemos compreender melhor segundo a exemplificação de Michael Pollak (1989):

Entre eles (os lugares de memória) incluem-se evidentemente os monumentos, esses lugares da memória analisados por Pierre Nora, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias (POLLAK, 1989, p.03).

¹ Tradução livre: La curiosidad por los lugares en los que se cristaliza y se refugia la memoria está ligada a este momento particular de nuestra historia. Momento bisagra en el cual la conciencia de la ruptura con el pasado se confunde con el sentimiento de una memoria desgarrada, pero en el que el desgarramiento despierta suficiente memoria para que pueda plantearse el problema de su encarnación. El sentimiento de continuidad se vuelve residual respecto a lugares. Hay lugares de memoria porque no hay ámbitos de memoria. (NORA, 2008, p.19)

Chega-se então, às questões principais que serão levantadas nesta dissertação: e quando não mais possuímos (ou quando estão fragmentados) alguns (ou vários) dos 'lugares de memória' em que as memórias se ancoravam e se mantinham vivas e cotidianas? O que acontece quando estes suportes são perdidos ou deteriorados por uma ação, antrópica ou natural, trágica e, muitas das vezes, inesperada?

Este será o objeto de pesquisa a ser detalhado e aprofundado: a busca pela compreensão (teórica e prática) da relação de uma comunidade com a perda de seus suportes de memória. A partir da assimilação de que "lugares de memória" nos habitam (ASSMANN, 2011), a partir das nossas ligações neurais, perpassando os nossos gestos, hábitos, costumes, modos de interação, seria imprudente dizer que após um desastre estes estariam perdidos em uma comunidade que sobreviveu. Assim, opta-se pelo vocábulo 'suportes' para enfatizar a materialidade presente nestes resquícios da memória.

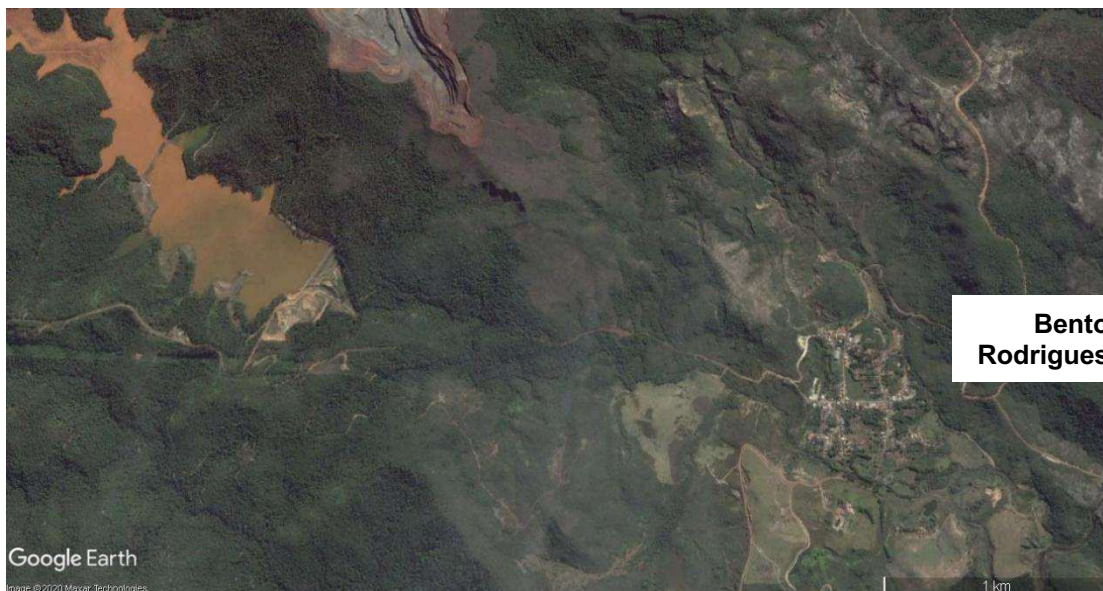
Para o estudo de caso é proposto, inicialmente, um recorte socioespacial objetivando a aproximação com a realidade brasileira/sul-americana. Este recorte é feito principalmente por dois motivos: o primeiro, pela possibilidade de se traçar paralelos e fazer avançar o tema com estudos relativos à área de memória social, identidade e patrimônio cultural a partir de uma ótica latino-americana e, o segundo, pela proximidade, tanto física quanto temporal, com os fatos e a possibilidade de se conseguir informações, relatos e experiências em campo.

Foram levantados, então, casos recentes em que poderia ser estudado este tema, dentre eles: a enchente ocorrida em São Luiz do Paraitinga (2010) que ocasionou danos e perdas ao patrimônio cultural da cidade; o desastre no Morro do Bumba em Niterói (2010); as enchentes e deslizamentos ocorridos na região serrana do Estado do Rio de Janeiro (2011), desmantelando diversas famílias; e o maior desastre socioambiental da história do Brasil, o rompimento da barragem de Fundão, das mineradoras Samarco Mineração S.A., Vale Mineração S.A. e BHP Billiton, em Mariana (2015).

Devido à proximidade espacial e temporal com o ocorrido, e tendo em vista que os processos de reassentamento das comunidades atingidas ainda estão em curso, bem como os questionamentos relativos ao patrimônio cultural perdido ou danificado, optou-se pela escolha como estudo de caso o evento do rompimento da Barragem de rejeitos do Fundão no município de Mariana, Minas Gerais e, mais especificamente,

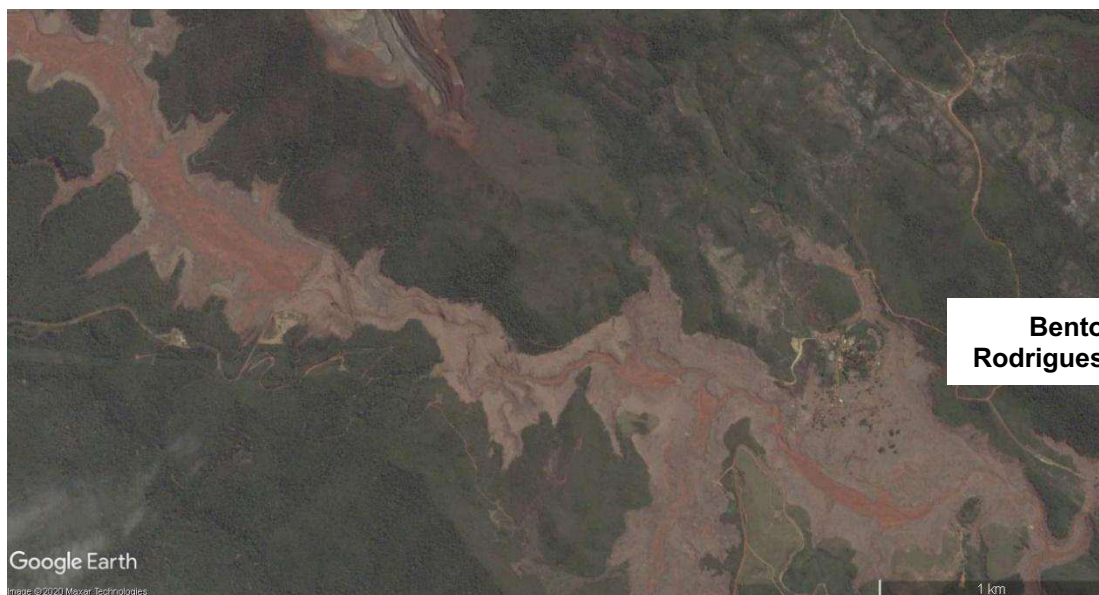
dos processos subsequentes relativos à comunidade e o território do subdistrito de Bento Rodrigues².

Figura 01: Barragem de Fundão e Bento Rodrigues, 20 de julho de 2015



Fonte: Google Earth, 2020. Indicações do autor.

Figura 02: Barragem de Fundão e Bento Rodrigues, 11 de novembro de 2015



Fonte: Google Earth, 2020. Indicações do autor.

² Por opção nossa, não constará no corpo principal da dissertação uma descrição do ocorrido em 05 de novembro de 2015, e os eventos posteriores, escritos por nós. A comunidade já teve sua história contada e recontada diversas vezes nas mais diferentes plataformas. Assim, opta-se por adicionar um capítulo no qual os fatos (históricos ou atuais) estarão presentes através de recortes dos discursos dos próprios moradores e também de grupos que permeiam os fatos ocorridos. Porém, optasse por incluir como um apêndice (Apêndice A) um trecho da descrição do desastre sócio-técnico publicado como artigo no “III Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação” (PPG-ACPS/UFMG/2018).

Após a delimitação do objeto de análise, a percepção da perda dos suportes de memória, e o estudo de caso selecionado, os rebatimentos do desastre da Samarco de 2015 nos moradores de Bento Rodrigues, busca-se traçar os objetivos esperados. Parte-se inicialmente da *hipótese* de que para manutenção de uma coletividade – abordando neste caso, tanto em esferas ampliadas, como toda a população de Bento Rodrigues, quanto em esferas reduzidas, como o grupo que compõe uma família – das relações sociais e do convívio se faz necessária a presença de suportes de memória. Serão, então, traçados objetivos que procurarão questionar e analisar esta hipótese de maneira prática e teórica. Assim, o *principal objetivo* do trabalho é analisar de maneira crítica os efeitos da fragmentação ou perda de suportes de memória para uma comunidade.

Em seguida, tendo em vista o que foi apresentado, entendendo a complexidade da situação, tanto relativo aos parâmetros humanos/sociais quanto aos materiais/arquitetônicos/urbanos, traçam-se alguns *objetivos específicos* para este trabalho. Inicialmente, a compreensão da **memória** enquanto fato social, e as camadas que esta apresenta quando articulada conjuntamente a conceitos como de **crise** e **patrimônio**. Buscaremos estabelecer paralelos e dissonâncias entre estes conceitos, perpassando tanto pela formação dos conceitos em si, da relação entre eles, e dos impactos contemporâneos. Este primeiro objetivo específico tem por intenção sustentar os próximos passos da pesquisa. Mas além disso, buscaremos dentro deste objetivo específico, abordagens alternativas às clássicas, investigando-se em outras epistemologias, quanto possível, o olhar para com o tema.

Os seguintes objetivos serão alcançados a partir da aplicação da metodologia de análise do discurso proposta para esta pesquisa, sendo o *segundo objetivo específico*, o de mapear e sistematizar os 'suportes de memória' levantados por uma parcela da população. Para alcançarmos este objetivo a investigação se dará na forma de análise dos discursos do *corpus* escolhido, e na assimilação por parte do pesquisador dos referenciais destacados pela comunidade. Esta parte da pesquisa poderá servir de base para futuras ampliações do estudo, e também de apoio para a comunidade atingida como material acadêmico para futuras ações. O *terceiro objetivo específico* é analisar de que forma os discursos relativos ao patrimônio, memória e passado podem ser usados, adulterados, exacerbado ou obliterados pelos diferentes atores presentes e ativos nesse contexto de fragmentação da memória e do patrimônio.

A metodologia sistematizada para as análises que serão feitas ao longo da pesquisa provém do campo de estudos da linguística, denominada “Análise Crítica do Discurso” (ACD). Esse campo de experimentações teórico-metodológicas se estrutura a partir da década de 1960, e este trabalho tem como principais referências o pesquisador e linguista inglês Norman Fairclough (2016) e também o pesquisador e linguista neerlandês Teun van Dijk (2018). Buscando uma aproximação de pesquisas que já aplicaram metodologias semelhantes na área do Patrimônio Cultural, teremos as pesquisadoras inglesas Laurajane Smith (2006) e Emma Waterton (2010) como nossas referências. O *corpus* escolhido para análise é o jornal “A Sirene”, criado em um contexto de luta pelo direito à voz dos atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, da mineradora Samarco, em Mariana (Minas Gerais). O veículo vem sendo publicado mensalmente desde fevereiro de 2016 e é fruto de um acordo entre os atingidos, o Ministério Público e a Arquidiocese de Mariana. Há a colaboração de grupos técnicos de apoio da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, também, da assessoria técnica dos atingidos, representada em muitos momentos pela Caritas Brasileira.

Assim, almeja-se de maneira geral, com este trabalho sistematizar o conhecimento acerca das teorias sobre memória social, os seus lugares e suportes de memória, aproximando das vivências e ações posteriores às situações de desastre (contextos de crise e eventos críticos), através da proposição e aplicação de metodologias que se aproximem da comunidade, gerando um arcabouço teórico-metodológico para o campo ampliado do patrimônio cultural.³

³ Como parte do processo de defesa da dissertação, encontra-se no apêndice (Apêndice B) o resumo do artigo publicado em congresso juntamente com o orientador de acordo com o Regulamento do PPG-ACPS, art. 69.

2 MEMÓRIA, CRISE E PATRIMÔNIO

• 2.1 Memória

O que é memória? Esta é uma pergunta complexa que apresenta diversas respostas ao longo da história humana, como demonstra Aleida Assmann (2011) em seu livro, mas pode-se compreender a memória como uma capacidade psíquica que os seres humanos têm de, consciente ou inconscientemente, compreender e construir uma distinção do que foi, para o que está sendo e do que será. Muito mais do que um depósito, a memória é uma construção, uma experiência em processo que tem o ato de recordar, rememorar como essência em sua constituição. Para Urtizberea (2017) o recordar se trata da recuperação de uma ideia geral e a construção dos detalhes concretos condicionadas ao contexto presente, às emoções e expectativas vividas no momento em que se rememora. Segundo Le Goff (2003), a memória é uma propriedade psíquica de conservar certas informações, “graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p.419).

Cabe aqui, iniciar por um importante viés de abordagem. Não serão o foco deste trabalho os processos fisiológicos, neurais que se passam em nosso cérebro que são relativos à memória. Porém, pode-se trazer algumas informações que porventura colaborariam para as informações que iremos discutir em seguida. A neurocientista Elizabeth Phelps (THE ..., 2019) argumenta que as nossas memórias não estão escritas de forma que dela recordarmos tudo da forma como aconteceu, demonstrando que, de fato, cerca de 50% dos detalhes de certa recordação se esvai em um ano, e que em nossa estrutura cerebral as memórias também são formadas através de uma construção de estímulos.

Quando você tem uma experiência, como apresentar um recital, informações sensoriais são processadas em diversas partes do seu cérebro. O som do violoncelo – córtex auditivo. O atrito das cordas com os dedos – córtex parietal posterior. O rosto do seu amigo na plateia – giro fusiforme. A tensão de se apresentar em público – amígdala. E a parte do cérebro que reúne todos esses elementos é o lobo temporal medial, que inclui uma estrutura importante chamada hipocampo. Quando você relembra o momento depois, o lobo temporal medial ajuda a combinar esses elementos de novo. A história da sua vida são os momentos como esse de que você recorda. (THE ..., 2019)

Elizabeth Phelps (THE ..., 2019) continua demonstrando que a memória, enquanto função neural, é formada por associação, e que quanto mais conseguimos associar fatos, criar uma narrativa, mais facilmente conseguiríamos lembrar posteriormente. “História, lugar e emoção são a base de algumas das nossas memórias mais fortes” (THE ..., 2019).

Compreendendo que, a nível fisiológico, nossas memórias são construídas e articuladas, que elas não estão disponíveis para nós como em um HD onde poderíamos acessá-las, investigaremos neste momento acerca da memória enquanto condição social, enquanto parte da vivência humana em sociedade. Cabe destaque que os três pontos principais que são base para a nossa memória enquanto faculdade neural – história, lugar e emoção – são também aqueles que exploraremos ao longo deste trabalho, buscando assimilar em um espectro ampliado.

- **2.1.1 Memória e História**

Dentro da primeira perspectiva, faz-se necessário, ao se iniciar, alguns apontamentos relativos à memória, traçar a diferenciação entre memória e história. A par dos conceitos costumeiramente abordados, em que os termos são colocados de certa maneira como sinônimos, estes dois campos de estudo estão próximos, porém apresentam diferenças relevantes, que os distanciam mais do que os aproximam. Maurice Halbwachs (2003) já na primeira metade do século XX nos mostrava que memória e história se apresentavam distantes em sua definição: para o autor, a memória coletiva termina quando a história se faz necessária. Assim, a memória se faz no presente, no cotidiano das pessoas, ela é guiada por um grupo vivo, é passível de interpretações, modificações. Já a história se inicia quando o grupo já não existe mais, quando se faz necessário registrar fatos que ocorreram. Perde-se a multiplicidade da memória, e se registram os fatos tendo o viés do historiador. Pierre Nora (2008) corrobora com este entendimento, afirmando que a memória está em constante evolução, apresenta deformações, expansões e retrações. Já a história é rígida, estática, uma operação intelectual, acadêmica que tem por preceito a análise e o discurso crítico. A memória está imbuída no presente do grupo ao qual pertence, é múltipla, atuante tanto na pluralidade quanto na individualidade. A história apresenta vocação para ser universal, abrangente. Ainda segundo Nora (2008), a memória está intimamente ligada ao espaço, aos objetos, aos gestos, enquanto a história se

apresenta ligada às evoluções e às relações das coisas. “A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo” (NORA, 2008, p.09). É notória, assim, a diferenciação entre estes dois campos do saber.

De maneira geral, memória é entendida como algo relativo ao indivíduo, reservada ao campo íntimo, compartilhada por parentes e amigos próximos, tendo como suportes objetos que são guardados com carinho e/ou fotos que registram momentos especiais. Nos anos 1920-30, entretanto, Halbwachs já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, incluindo nesta leitura os entendimentos do campo da sociologia e da antropologia que levam em consideração o meio em que o sujeito está inserido.

Ao iniciar suas argumentações acerca de memória e história em seu estudo, Aleida Assmann (2011) recorre a relevantes autores dos últimos séculos para reflexão. Ao chamar à cena Friedrich Nietzsche a autora destaca que, para o pensador, a história estaria ligada ao vocábulo “recordar”; em oposição, a memória estaria ligada ao “esquecer”. Para Nietzsche (*apud* ASSMANN, 2011), história e memória são vistos como dois modelos culturais: o primeiro, “ele considera ameaçador, o presente encontra-se sobre o peso do passado” (ASSMANN, 2011, p.144), já no segundo, memória, o autor compreende a nostalgia, em que “é o passado que se encontra sob o peso do presente” (ASSMANN, 2011, p.144). Podemos compreender isso pelo fato básico, recorrente em outros autores já citados (HALBWACHS, 2003; NORA, 2008), de que memória se identifica aos portadores vivos, com suas perspectivas parciais, “pertence a todos e a ninguém” (ASSMANN, 2011, p.144).

Em outro momento, Le Goff (2003) explica que a história vai ser a ciência do passado, “com a condição de saber que este passado se torna objeto da história” (LE GOFF, 2003, p.26). Já a memória, para o autor, seria essencialmente mítica, “deformada, anacrônica, mas constitui o vívido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado” (LE GOFF, 2003, p.29). Lowenthal (1998) ao estudar a maneira como conhecemos e acessamos o passado, encontra três caminhos possíveis: o da memória, o da história e o dos fragmentos. Para o autor, memória e história são recorrentemente diferenciadas, enquanto memória é “inevitável e indubitável *prima-facie*; a história é contingente e empiricamente verificável” (LOWENTHAL, 1998, p.66). Ainda acrescenta que história e memória deveriam ser menos distinguíveis enquanto tipos de conhecimento, mas mais enquanto atitudes relativas a este conhecimento.

Como já apontado, Halbwachs (2003) é um dos grandes cânones do pensamento relativo à memória, especificamente a memória social. Como visto, para o autor, a memória se faz presente, principalmente, enquanto fato social, compartilhado pelos indivíduos de um grupo. Para ele haveria duas distinções básicas entre memória coletiva e história: a memória coletiva é uma corrente de pensamento contínua e vinculada a grupos específicos, e só existem enquanto este grupo existir; a memória coletiva é plural, múltipla, enquanto a história almeja a unicidade. Buscando uma proposta de abordagem que não fosse polarizadora, Assmann (2011) traz a seguinte afirmação:

A polarização brusca de história e memória parece-me tão insatisfatória quanto a equiparação plena de ambas. Por isso é que gostaria de sugerir, a seguir, a fixação de história e memória como dois modos de recordação, que não precisam excluir-se nem recalcar-se mutuamente. Seguir os passos de Nietzsche e representar a história e memória como uma “alternativa coagida” (Reinhart Koselleck) faz jus ao *pathos* do desencantamento da retórica ligada à crítica cultural. Gostaria de afastar o problema desse contexto e perguntar de que maneira esses conceitos podem ser referidos um ao outro de modo produtivo e voltar a tornar-se utilizáveis do ponto de vista analítico. (ASSMANN, 2011, p.147)

Paul Ricœur (2007), ao estudar os textos de Halbwachs, compreende a articulação do autor sobre três perspectivas, a da memória individual, a da memória coletiva e a da memória histórica. E inclusive faz um adendo que, “no horizonte”, almeja-se uma memória integral, aquela que conseguiria articular as três memórias acima citadas, e de que neste momento Halbwachs (apud RICŒUR, 2007, p.407) afirma “Nada esquecemos”.

● 2.1.2 Memória individual e memória coletiva

Segundo a leitura de Bosi (1979), podemos tomar conhecimento sobre os dois entendimentos de memória que nos são trazidos por dois grandes teóricos: Henri Bergson e Maurice Halbwachs (2003), e, de certa maneira, como eles se contrapõem. Pode-se dizer que a grande diferença entre os dois autores está no fato de que para Halbwachs não há como analisar a memória do sujeito sem levar em consideração a sociedade, o contexto social, as relações familiares, enfim, as referências que este sujeito carrega consigo. Já para Bergson, a memória é entendida como um fator isolado ao sujeito: em seus estudos o autor não considerou, primariamente, as relações sociais que afetam na formação, percepção, leitura e análise de suas

memórias. Para Bergson, a memória estaria ligada à pura subjetividade (o espírito) do sujeito, e a percepção estaria ligada à pura exterioridade (a matéria) do mesmo. A lembrança bergsoniana supõe a memória como uma retomada de fatos do passado, de forma pura, sem interferências, quase onírica – porém até mesmo os sonhos são influenciados por quem somos hoje, por nossas referências (BOSI, 1979). Por sua vez, Halbwachs nos mostra que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (*apud* BOSI, 1979, p.55). Além disso, o autor mostra, como já citado, a importância das referências – sociedade, contexto social, etc. - e de quem nós somos hoje para o entendimento dos fatos do passado.

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (*apud* BOSI, 1994, p.55).

A memória, segundo Halbwachs (2003) se apresenta de duas maneiras, sendo uma inerente à outra, que se complementam e se retroalimentam: memória coletiva e individual.

Examinemos a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2003, p.72)

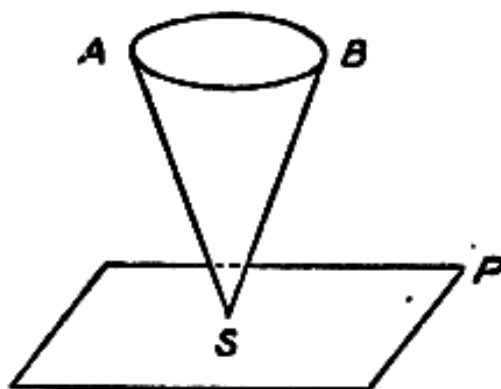
Halbwachs (2003) aponta que memória faz parte de uma construção, e contrapõe este ponto com o pensamento de Bergson. Segundo Bergson (*apud* HALBWACHS, 2003), guardamos tudo que nos ocorreu em nossa memória; o impedimento para acessá-la se dá devido a obstáculos em nosso cérebro. Já para Halbwachs (2003), a memória não está presente de forma completa em camadas obscuras de nosso cérebro, mas em fragmentos e resquícios que são evocados e construídos quando em contato com “indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado” (HALBWACHS, 2003, p.97). Apesar deste contraponto apresentado por Halbwachs, a pesquisadora Ecléa Bosi (1979) mostra que à época em que publicou os seus estudos Bergson trouxe uma distinção da abordagem sobre a memória. Até então, a memória era vista através de um esquema mecanicista, onde as lembranças se alojavam em nosso cérebro. Bergson possibilitou a ampliação dessa visão ao afirmar

que toda memória permanece inconsciente e latente, em um estado potencial em que poderia ser solicitada. “No entanto, o papel da consciência, quando solicitada a deliberar, é sobretudo o de colher e escolher, dentro do processo psíquico, justamente o que não é a consciência atual, trazendo-o à sua luz” (BOSI, 1979, p.14).

Dentre as diversas contribuições de Bergson (*apud* BOSI, 1979) estão as definições que o autor faz de duas memórias: a “memória isolada” e a “memória hábito”. A “memória isolada” seria aquela singular, evocado por um momento único na vida, sem paralelos. Esta definição de memória remete a momentos não repetitivos, algo fora do cotidiano, que surge à mente de forma quase inconsciente e nos remete a fatos isolados, como a lembrança visual de algo vivido na infância, o cheiro característico de um local visitado, etc. Já a “memória hábito” seria aquela ligada a fatos cotidianos, mecânicos e repetitivos. Como a memória do caminho para se chegar a um local frequentado cotidianamente, ou assim como o ato de escrever, ou o de falar uma língua estrangeira. Dessa forma, para esta definição de memória se inserem todos os fatos da memória como elemento vivo e presente, apesar de não descartar a memória isolada que não está inserida no cotidiano, mas surge em momentos singulares. Ambas as memórias são relevantes, necessárias e importantes ao nosso cotidiano.

Em seus estudos, Bergson (*apud* BOSI, 1979) se utiliza da metáfora do cone que toca uma superfície para explicar o funcionamento da memória (Figura 03). Para o autor a base AB seria o reduto de todo o passado, de todas as experiências vivenciadas, e o vértice S seria o ponto de encontro com o presente. O plano P é a representação do universo, assim, a nossa vivência de mundo toca o universo em nosso presente, gerando a construção de um cone de experiências passadas. Segundo Bergson (*apud* BOSI, 1979) este momento de criação das experiências pode ser definido como “atos perceptuais que se cumprem no plano do presente e deixam passar as lembranças.” (BOSI, 1979, p.10)

Figura 03: Cone da Memória de Bergson



Disponível em: BOSI, 1979, p.10

Abordando tanto a memória individual quanto a memória coletiva podemos introduzir os elementos que as constituem. De maneira geral, pode-se dizer que elas apresentam elementos semelhantes que se diferenciam na forma como são assimilados. Segundo Pollak (1992) temos como primeira fonte de memória os acontecimentos diretamente vividos pelo grupo ou indivíduo; como uma segunda fonte de memória estão os acontecimentos caracterizados pelo autor como “vividos por tabela” (POLLAK, 1992, p.2), que são aqueles vivenciados pelo grupo que se está inserido ou pela coletividade de grupos, mas não pelo indivíduo – estes acontecimentos são assimilados pela memória por meio da socialização tanto política quanto histórica. Incluem-se como elementos de memória também pessoas, personagens, lugares, elementos do espaço, além dos acontecimentos que se passaram com elas e/ou neles.

Tendo em vista o objetivo a que se quer chegar com o presente trabalho, analisar de maneira crítica os efeitos da fragmentação ou perda de suportes de memória por uma comunidade, trataremos da memória como um fato social, memória coletiva como apontada por Halbwachs (2003). Sendo assim, a memória coletiva é “(...) um conjunto de lembranças construídas socialmente e referenciadas a um conjunto que transcende o indivíduo” (ABREU, 1998, p.84). A importância das memórias individuais não será negligenciada, porém elas serão analisadas e entendidas no contexto amplo da memória social, como se articulam e contribuem para a sua formação.

Como já explicitado, a memória coletiva é um elemento vivo, que está inserido no momento presente e está intimamente ligada a um grupo. Por ser algo não registrado, que se atém a funções do cotidiano, a memória coletiva é fluida e que “retém do

passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência de um grupo” (ABREU, 1998, p.84). Por esse sentido, Andreas Huyssen (2000) caracteriza memória como “transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social” (HUYSEN, 2000, p.37). Tendo isto em vista, podemos concluir que a memória é subjetiva, ela se molda de acordo com o grupo que a mantém. Além disso, a memória é seletiva, portanto, para se conseguir fazer um estudo sobre ela é necessário o cuidado com o contexto em que ela está inserida. Por outro lado, a própria interpretação da memória não é objetiva, ela carrega consigo os pré-conceitos do sujeito que a analisa.

Outrossim, além de ser um elemento do passado que está presente no dia-a-dia, a memória tem uma importância vital como indicador de futuro. Um grupo, que reconhece o seu passado e se apropria dele, identifica de forma mais clara os seus pares, e desta maneira consegue criar dentro dele mesmo um sentimento de continuidade, de constante construção, e por isso, como aponta Merleau-Ponty (*apud*. BOSI, 2003, p.66) “o tempo da lembrança não é o passado, mas o futuro do passado”. A memória é grande formadora de identidade de um coletivo; Halbwachs (2003) intitula essa conexão de grupo formada pela memória como ‘comunidade afetiva’, uma das funções positivas desempenhadas pela memória.

● 2.1.3 Suportes de memória

No ano de 1993, em uma de suas primeiras obras, Olafur Eliasson⁴ já expressava um dos seus grandes interesses ao criar suas instalações e projetos artísticos: o olhar individual, a percepção do ser ao estar à frente da obra. A obra que será brevemente analisada tem o nome de “Beauty”, e se trata de uma instalação em que o objetivo principal é a criação de um arco-íris. A instalação é criada de maneira simples, uma sala escura, sem interferências de iluminação externa, um dispositivo que cria uma bruma de água e uma fonte de luz branca.

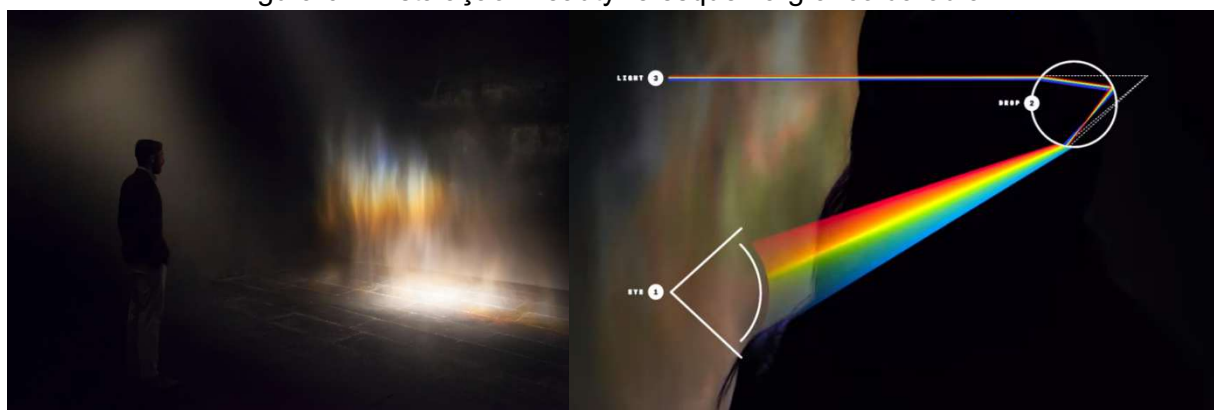
Um dos meus primeiros trabalhos foi uma tentativa de fazer um arco-íris. Pensei em como um arco-íris se forma. Mas a verdade é que não é nada demais. O que importa é o ângulo do olhar, a gota d’água e a

⁴ Olafur Eliasson (1967 -) é um artista dinamarquês conhecido por suas instalações e esculturas. Faz uso frequente de materiais elementares, como água, luz, vento, temperatura, adicionado a soluções tecnológicas para criar obras em que o foco é a experiência do usuário. Uma de suas obras mais conhecidas é o “The Weather Project” instalado na Tate Modern, em Londres, no ano de 2003. (Olafur Eliasson Biography, disponível em < <https://olafureliasson.net/biography>>, acesso em out 2019)

luz. Se não houver um olho, não há ângulo e não há arco-íris. A pessoa ao seu lado não vê seu arco-íris, porque o olho está em outro lugar. Esse espaço depende da sua presença. Quando você sai da exibição, não tem ninguém no local. Então não há arte. (ABSTRACT:... 2019)

Pelo relato do próprio artista e pelo esquema abaixo (Figura 04), é possível perceber a importância do olhar individual, e como ele é condicionante para a existência da obra. A luz branca atravessa a bruma de água que atinge assim o olhar do espectador; apenas com essa condição é formada a obra, o arco-íris. Traça-se aqui um paralelo com o estudo em questão, da existência da memória e da importância de seus suportes. Assim como na existência do arco-íris se faz necessário o ser que olha, que detém o ângulo de visão necessário para a formação do fenômeno luminoso, no fenômeno da memória necessita-se do ser que lembra (HALBWACHS, 2003) e, além disso, a semelhança se faz presente também no momento em que “(...) é impossível que duas pessoas que presenciaram um mesmo fato o reproduzam com traços idênticos quando o descrevem algum tempo depois” (HALBWACHS, 2003, p.96).

Figura 04: Instalação “Beauty” e esquema gráfico da obra.



Disponível em: Beauty, Olafur Eliasson

<<https://olafureliasson.net/archive/artwork/WEK101824/beauty>>, acesso em out de 2019.

Tal qual a existência do arco-íris é efêmera e condicionada à experiência e aos registros, também o é a existência da memória, como destaca o personagem Grande Irmão no livro “1984” de Orwell (2009): “Afirma-se que os fatos passados não têm existência objetiva e que sobrevivem apenas em registros escritos e nas memórias humanas” (ORWELL, 2009, p.251).

No esquema de três pontos da existência do arco-íris – sendo, **olhar/ângulo + gota d’água/meio + luz** - faz-se uma analogia a existência da memória e sua articulação intrínseca com o ser e o suporte - sendo, **ser + suporte + memória**. Na ausência de

qualquer destes pontos cessa a existência do fenômeno da memória. Como será elaborado a seguir, trataremos dos suportes de memória, a partir de uma abordagem ampliada. O que são estes suportes? Qual a importância deles para a vivência do que foi? Como eles podem ser indicadores de passos futuros?

Investiga-se uma definição para o termo “suportes de memória” e com ele as demais questões que tangem sua essência. Assmann (2011) inicia o seu livro acerca dos “Espaços da Recordação” buscando compreender o que ela define como mídias da memória. A autora (ASSMANN, 2011) começa fazendo uma diferenciação entre duas abordagens sobre memória, àquelas que tratam do assunto em um viés médico ou psicológico e àquelas que tratam sob a ótica dos estudos culturais. Neste último, como destaca, se faz inevitável considerar “certas práticas e mídias” (ASSMANN, 2011, p.23). Os indivíduos, os grupos coletivos quando em interação, e as culturas constroem suas memórias de forma interativa através do estabelecimento de comunicação, inicialmente por meio da língua, mas também por outros suportes, como: imagens, objetos, práticas, rituais. Desde os tempos mais remotos, a repetição de padrões de comportamento, perpassando por inscrições em suportes rígidos, a escrita, atingindo-se os monumentos, a fotografia, as filmagens e o computador, todos estes foram e são suportes, mídias - segundo Assmann (2011) - nos quais a memória se cristalizou. Importante destacar que ao longo da história humana, e com a modificação do suporte presente em cada época, metáforas foram feitas destes suportes com a própria feitura da memória. A memória como um grande papel em nosso cérebro onde era inscrito os relatos, a memória como um rolo de filme em que poderíamos retroceder para pontos passados, a memória como um HD ou *pen-drive* que armazena os eventos passados. Um significativo passo na compreensão das mídias da memória se dá quando a professora coloca também o corpo humano como um meio em si da existência da memória, “na medida em que os processos psíquicos e mentais de recordação são ancorados de maneira tanto somática quanto neural” (ASSMANN, 2011, p.25).

Jacques Le Goff (2005) retoma Tomás de Aquino para nos mostrar que pensar a memória estava vinculado, desde o século XIII, a pensar em formas de rememoração, e que neles estavam incluídos os suportes de memória, materiais ou não. Segundo Aquino (*apud* LE GOFF, 2005) seriam três as regras mnemônicas:

- 1) É necessário encontrar “simulacros adequados das coisas que se

deseja recordar” e “é necessário, segundo este método, inventar simulacros e imagens porque as intenções simples e espirituais facilmente se evolvem da alma, a menos que estejam, por assim dizer, ligadas a qualquer símbolo corpóreo, porque o conhecimento humano é mais forte em relação ao sensibiliza; por esta razão, o poder mnemônico reside na parte sensitiva da alma” (op. cit., p.69). A memória está ligada ao corpo

2) É necessário, em seguida, dispor “numa ordem calculada as coisas que se deseja recordar de modo que, de um ponto recordado, se torne fácil a passagem ao ponto que lhe sucede”. A memória é razão.

3) É necessário “meditar com frequência no que se deseja recordar”. É por isso que Aristóteles diz que “a meditação preserva a memória” pois “o hábito é como natureza” (ibidem).

Já em finais do século XIX, Bergson (*apud HALBWACHS, 2003*) destacava a relação entre memória e seus suportes ao tratar das formas do reconhecimento. O autor (BERGSON *apud HALBWACHS, 2003*) nos mostra que o reconhecimento é uma das formas de estímulo para a memória, e segundo ele existem dois tipos reconhecimentos – práticas da memória: por imagens e por movimentos. No primeiro, a sensação da lembrança seria evocada por uma imagem de um objeto, que se liga a outras imagens formando assim uma espécie de quadro, um retornar do momento em que àquela imagem evocada se fez presente. Diferentemente, a sensação de familiaridade por movimento se dá quando um objeto visto ou evocado “determina em nosso corpo os mesmos movimentos de reação que tivemos no momento em que anteriormente o percebemos” (HALBWACHS, 2003, p.55). A memória, então, segundo Bergson, é estimulada e evocada através de suportes, que no momento da escrita do texto (séc. XIX) eram lidos como imagens de objetos vistos ou evocados. Estava já presente em seu discurso a relação da materialidade com a expressão do corpo, mostrando que padrões de comportamento, de movimento e de vivências também seriam traços de memória construídos.

Levando à reflexão os ensinamentos de Bergson, e expandindo as considerações acerca dos suportes de memória, Halbwachs (2003) irá tratar da exteriorização da memória. Como já explorado no primeiro tópico, o autor enfatiza a memória enquanto constructo coletivo, estimulado pela vivência com a sociedade e o meio. Por isso, destaca que lembrar não depende simplesmente de nossa vontade “porque a nossa vontade não é forte o suficiente” (HALBWACHS, 2003, p.59). O recordar, o construir da memória, se faz pela lembrança dispersa entre muitos ambientes. Destaca o autor que o passado deixou vestígios em nossa sociedade, a parte os clássicos estudados

pela história – gravuras e livros -, estão presentes também nos aspectos dos lugares e, inclusive, aproximando da abordagem de Bergson, nos modos de pensar e sentir.

É essencial para Halbwachs (2003) a relação entre o contexto espacial e a memória coletiva. Um grupo inserido em um determinado território o molda à sua imagem e, concomitantemente, se adapta e se molda pelas materialidades que previamente existem e resistem. “O grupo se fecha no contexto que construiu. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém com este passa ao primeiro plano da ideia que tem de si mesmo”, destaca Halbwachs (2003, p.159). Ecléa Bosi (1979) corrobora com as considerações de Halbwachs (2003) e acrescenta que “Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade” (BOSI, 1979, p.360). A psicóloga e professora aprofunda as considerações feitas acerca dos suportes de memória com auxílio da definição de Violette Morin dos “objetos biográficos”. Segundo Morin (*apud* BOSI, 1979) são “objetos biográficos” aqueles que envelhecem com o seu possuidor: relógios de família, medalhas, louças antigas, artefatos profissionais. Todos estes refletem experiências vividas, e se aproximam de maneira mais íntima dos seus proprietários, podendo ser definidos como uma categoria específica dos suportes de memória.

Uma ampliação do conceito de suporte de memória proposto por Bosi (1979) é compreender o próprio grupo enquanto um sistema de memória. Como destaca o trecho:

O grupo é suporte de memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado (...). As lembranças grupais se apoiam umas às outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecemos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência (BOSI, 1979, p.336)

Esta ampliação provoca a reflexão da fundamental posição do grupo e, principalmente, do indivíduo enquanto ser memorizador – *vide* metáfora da obra “Beauty”. Bosi (1979) destaca que os suportes de memória são cenários e artefatos necessários para a ativação e efetivação da memória social, mas acima de tudo são as vivências da coletividade que fazem com que estes tenham significado. E mais do que isso: inserido nessa coletividade está o indivíduo, e ele, somente ele, que pode ter acesso às camadas do passado e é capaz de reter objetos que são “significativos

dentro de um tesouro comum” (BOSI, 1979, p.333).

Em 1985, David Lowenthal (1998) publica uma análise sobre o passado, e categoriza três meios para se conhecer o mesmo. São eles: memória, história e os fragmentos. Iremos nos ater nos fragmentos, definidos pelo autor (LOWENTHAL, 1998) como resíduos de processos, provas presentes de circunstâncias passadas, ou como define Febvre (*apud* LE GOFF, 2005) “tudo o que, pertencendo ao homem, dependendo do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem” (LE GOFF, 2005, p.530). Lowenthal especifica a definição de fragmentos, sendo os produzidos pelo homem chamados de artefatos, e os naturais, que ainda carecem de nome específico, porém “ambos atestam o passado biologicamente, por envelhecimento e desgaste e, historicamente, por formas e estruturas anacrônicas” (LOWENTHAL, 1998).

Resta menos da semana passada do que do dia de ontem, e menos do ano passado do que do mês que passou. “Você consegue ver o ontem; a maior parte dele ainda subiste”, reflete o inventor de ficção Jack Finney. “E existe muito de 1965, 1962 e 1958. E também sobrou um bom pedaço de 1900. E... há fragmentos de épocas ainda mais remotas. Construções isoladas. Às vezes, várias agrupadas... fragmentos remanescentes de uma clara manhã de abril de 1871, de uma tarde cinzenta do inverno de 1840, de uma alvorada chuvosa de 1783”. (LOWENTHAL, 1998, p.151)

O historiador norte-americano demonstra que os fragmentos/artefatos são resquícios de um passado que estão em contínua degradação, e que a cada momento resta menos de passados mais distantes. Os fragmentos/artefatos são recursos finitos e não-renováveis. Um ponto de destaque se dá quando o autor mostra que os fragmentos/artefatos existem simultaneamente no passado e no presente, sendo passíveis de interpretações múltiplas, ou seja, o que nos leva a identificar certos objetos como antigos vai depender do meio ambiente em que ela está inserida, da história que habita, do indivíduo e da cultura que a analisa. Aprofunda-se a análise ao adentrar nos defeitos e virtudes dos mesmos sendo limitações, o âmbito restrito e sua estaticidade, e vantagens, a ausência de preconceito intencional, a acessibilidade e a coexistência. Adentrando nestes pontos, temos:

Limitações:

1. Âmbito restrito: no que concerne a este ponto, Lowenthal (1998) demonstra que o passado descortinado por uma relíquia é limitado. As relíquias oferecem

apenas suposições sobre comportamentos e vivências, sendo necessário o uso de relatos e outros suportes para atingir certa completude. Esta categoria de suporte de memória carece de interpretações, como define o autor, elas “são mudas” (LOWENTHAL, 1998, p.157).

2. Estaticidade: as relíquias, em sua maioria, seriam estáticos registros do passado. Enquanto a visibilidade e notório interesse por elas se dá por sua aura de antiguidade, há uma privação da energia de inovação. Dessa forma, diferentemente de outros suportes de memória, a maioria das relíquias demonstram apenas “momentos suspensos no tempo” (LOWENTHAL, 1998, p.158).

Vantagens:

1. Ausência de preconceito intencional: há uma premissa de que as relíquias se mantêm como testemunhos mais confiáveis do passado por sua dificuldade na modificação, diferentemente dos relatos e histórias escritas, por exemplo. Destaca-se que, com o aprofundamento dos estudos da história, fica evidente a possibilidade de falsificações e alterações também destes fragmentos. Entretanto, objetos, em sua maioria, conseguem ser uma fonte mais fidedigna da vivência passada.
2. Acessibilidade: as relíquias, como construções, monumentos e vias públicas, estão abertas e acessíveis à contemplação e análise por qualquer observador. “História e memória geralmente surgem na forma de histórias que a mente precisa filtrar deliberadamente; os fragmentos físicos permanecem diretamente ao alcance de nossos sentidos” (LOWENTHAL, 1998, p.159).
3. Coexistência: as relíquias são fragmentos do passado vivos e presentes no cotidiano. Dessa maneira, sua coexistência com o vigente reforçam a interação, e “ampliam assim os horizontes de hoje” (LOWENTHAL, 1998, p.164).

Por fim, abordam-se a definição e as discussões trazidas por Pierre Nora (2008), cuja abordagem surge à mesma época dos escritos de Lowenthal (1998), na década de 1980. O autor é inventor do termo “lugares de memória”, amplamente difundido e estudado. O termo surgiu a partir da publicação de uma coletânea de tomos, composta por sete volumes: o primeiro “*Les Lieux de Mémoire*”, os três seguintes “*La République*”, e os três últimos “*Les France*”. Este extenso trabalho de Nora tem origem

em seminários organizados entre 1978 e 1981, na “*École des Hautes Études en Sciences Sociales*”, em Paris, que discutiam a identidade e a memória na França a partir de uma abordagem da Nova História⁵. Os tomos se organizam a partir de conceituações trazidas por Nora, e com contribuições de diversos autores que analisam marcos da história e memória francesa tendo em vista a vivência atual.

Esse trabalho se destaca pelo percurso teórico enveredado por Nora (2008) na conceituação dos “lugares de memória”. Seriam estes, lugares, em sua leitura mais abrangente, podendo ser materiais ou concretos, indo em direção aos abstratos e imateriais. O que os une enquanto lugares de memória é a capacidade de integrar três aspectos: material, funcional e simbólico.

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança (NORA, 2008, p.21)

O que Nora define como grande diferencial para um objeto, ação, ritual, etc., se tornar um lugar de memória é sua “vontade de memória”. Este princípio se define como uma potencialidade para exprimir a vivência simbólica de um passado, muito mais do que apenas um resquício do que foi. Quando preservado sem esta vontade, esta intenção, os objetos/ações tornariam se simplesmente “lugares da história”. Os “lugares de memória” seriam, então, recintos em que o tempo se cristaliza, onde o trabalho do esquecimento não é mais conduzido, onde se materializa o imaterial, e, ademais, “os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (NORA, 2008, p.22).

O autor é categórico ao afirmar que se ainda habitássemos nossa memória não teríamos a necessidade de lhe consagrar lugares. Esta afirmação é o mote principal para a gênese do conceito, por não mais sermos uma sociedade de “meios de

⁵ Nova História, ou *Nouvelle histoire*, é uma corrente de pensamento em história, fundada na França nos anos 1970, tendo como principais expoentes Jacques Le Goff e Pierre Nora. Acreditam na pesquisa histórica para além dos discursos e documentos oficiais, valorizam uma abordagem plural e abrangente.

memória”, em que a memória é vivida de maneira cotidiana, necessitamos de definir habitáculos para a mesma, os mais diversos presentes em nossa sociedade, partindo desde objetos cotidianos como o calendário – que representa uma sistematização cultural do tempo – atingindo festas e celebrações, e por fim, também, os monumentos, arquivos, museus, obras arquitetônicas.

Esta afirmação da ruptura com os meios de memória define um ponto crucial na obra do autor; analisada por Paul Ricœur (2007), a obra de Nora pode ser caracterizada pela interpretação da ruptura entre memória e história. Este novo fenômeno é um estágio em que a memória é captada pela história e não vive mais em meio ao cotidiano presente, não sendo mais um “fenômeno sempre atual, um vínculo vivido no presente eterno” (RICŒUR, 2007, p.413). Esta não vivência presente da memória faz com que ela se torne simplesmente uma memória arquivística, uma “memória historicizada”, em que os “lugares de memória” seriam “restos” mediados pelos grupos que optam por preservar. A partir do momento que se passa por uma escolha, uma mediação da preservação, uma memória apropriada, segundo Nora (*apud* RICŒUR, 2007) não estaríamos mais na memória verdadeira, mas na história.

Um contraponto a este pensamento de captação da memória pela história e do não habitar da memória é trazido pela pesquisadora Jacy Alves de Seixas (2004). Para a autora, dois efeitos contemporâneos importantes da apropriação da memória pela história, apontada por Nora, seriam: sua extrema operacionalidade e produtividade, e a vulnerabilidade teórica. No primeiro ponto, a autora defende que este *frenesi* com a memória permitiu a emergência salutar de diversos movimentos indenitários, e destaca o desdobramento e o aparecimento de novas noções como as “memórias subalternas”, “memórias esquecidas”, “lembranças proibidas”, entre outras. No segundo ponto, a autora desconstrói em parte a argumentação de Nora ao afirmar que em suas colocações é engendrada a maneira como a história captou a memória, mas não se discute as formas de produção e reprodução da memória. “Tudo se passa como se a memória só existisse teoricamente sob os refletores da própria história” (SEIXAS, 2004, p.43). Por fim, em contraponto à afirmação “sedutora” (SEIXAS, 2004, p.44) de Nora, Jacy Seixas defende que é porque habitamos ainda nossa memória, mesmo que descontínua e fragmentada, que a consagramos lugares, “cada vez mais numerosos e, frequentemente, inusitados (ao menos ao olhar sempre armado da história)” (SEIXAS, 2004, p.44).

Concluimos este percurso por entre teóricos que almejaram definir os lugares de memória com algumas considerações importantes. Inicialmente podemos retomar a primeira metáfora expressa na obra de Olafur Elliason, os ‘suportes de memória’ seriam então qualquer forma, material ou imaterial, em que se há a capacidade de retomar, de maneira simbólica, fatos, vivências, experiências ou momentos passados. Os ‘suportes de memória’ seriam, assim, mediadores nos quais o ser que lembra apoia e retoma a memória enquanto constructo humano. Destaca-se a individualidade destes ‘suportes’ quando olhados sob a ótica da memória individual, e a atenção que se deve ter quando olhado sob a ótica da memória coletiva, principalmente devido às disputas de poder e controle sobre as formas de manutenção e propagação de memórias e histórias oficiais ou oficiosas.

● 2.2 Memória e Crise: Patrimônio

Continuando com a compreensão das múltiplas camadas que tangem o conceito de memória, aproximam-nos, neste subcapítulo, do conceito de “crise”, e como o surgimento deste conceito pode estar ligado à noção ocidental de patrimônio. Teremos como suporte os teóricos e pesquisadores da antropologia e sociologia, entre eles Roitman (2016), Pasquino (1998), Vigh (2008) e Brunkhorst (1996). O termo, crise, será lido por diferentes abordagens, compreendendo desde sua constituição histórica, atingindo os questionamentos atuais.

Crise, de maneira prosaica, é entendida como um momento fora da normalidade, de alteração, de mudança. Dentro da perspectiva histórica, a constituição do termo como o compreendemos hoje advém do século XVIII, em que crise passa a designar um momento de cisão, de mudança no curso da história. Se amplia as discussões, principalmente através das considerações de Vigh (2008), que nos mostra que crise não é apenas um momento, evento, mas pode ser lido também como o contexto que o enseja. A partir destas e outra conceituações serão feitas as aproximações com as teorias do patrimônio cultural.

Na contemporaneidade, a crise se apresenta como uma narrativa recorrente, presente em quase todas as situações (ROITMAN, 2016), perpassando esferas micro a macro; por exemplo, a “crise econômica de 2008”, a “crise ambiental”, a “crise da previdência”, alcançando o cotidiano, como “crise no trabalho”, “crise no trânsito”. Contudo, este termo amplamente utilizado necessita de uma compreensão de suas raízes históricas

e conceituais. Quando se aciona o vocábulo, é comum a questão “crise comparada com o que?” – mesmo em discussões prosaicas evoca-se esta pergunta. A etimologia da palavra “crise” sugere o julgamento, tem por origem o termo grego *krinô*, que significa separar, escolher, cortar, decidir, julgar (ROITMAN, 2016).

Aqui, a história da palavra é importante e esclarecedora. O grego *krisis* não distingue entre crise e crítica, cobrindo “diferença e conflito, mas também decisão no sentido de resultado definitivo, decisão judicial ou, de fato, qualquer julgamento - algo que hoje se encaixaria na esfera crítica” (Kosseleck, 1973: p.197). Essa ligação original entre os aspectos subjetivo e objetivo da crise subsiste quando criticar entra em moda na modernidade. Na época do Iluminismo esses dois usos divergem, ao mesmo tempo em que continuam sobrepostos. Com essa separação, porém, as palavras crítica e crise, usadas basicamente na Idade Média no sentido médico, tornam-se altamente politizadas. (BRUNKHORST, 1996, p.157)

Como exposto no trecho acima, a história conceitual do termo pode ser referenciada no trabalho de Reinhart Koselleck (*apud* ROITMAN, 2016), em que crise antes do século XVIII se apresentava como uma definição/metáfora do Julgamento Final, além de um termo médico utilizado para momentos de decisão na vida do paciente, em que uma atitude deveria ser tomada para se alterar a condição do mesmo. Ao longo do século XVIII, o termo passa a ser tratado como um conceito histórico de mudança. A explicação para esta alteração se dá no sentido em que até o século XVIII o tempo se dava como um meio onde a história se fazia. A partir deste século nota-se o processo de temporalização da história, com ele a “história não ocorre mais no tempo (...), o próprio tempo se torna um princípio ativo, transformador (histórico)” (ROITMAN, 2016, p.3). Então, o que era uma profecia (como o Julgamento Final) se torna um prognóstico. Essa qualidade temporal adicionada à história caracteriza um ponto transformador em que o tempo é constantemente produzido e que é sempre novo: o futuro está em aberto. Dessa maneira, crise passa a significar a marca de um novo tempo, na medida em que denota “uma fase de transição única e imanente, ou uma época histórica específica” (ROITMAN, 2016, p.3).

Corroborando com as pontuações de Roitman (2016), Pasquino (1998) define claramente crise como um “momento de ruptura do funcionamento de um sistema” (PASQUINO, 1998, p.305). Para o autor (PASQUINO, 1998) esta mudança não necessariamente se define como positiva ou negativa, mas surge, na maioria das vezes de forma imprevista. Ainda em suas considerações, pontuam que a crise se caracteriza por três elementos: a imprevisibilidade, a duração limitada, e pela

incidência no funcionamento do sistema. Dessemelhante, de certa maneira, do que pontua Vigh (2008), que veremos mais adiante, Pasquino (1998) crê na possibilidade de análise do sistema em três momentos: o momento precedente à crise, o momento em que a crise se instala, e, por fim, quando a mesma modifica e se incorpora ao sistema e não é mais identificável.

Introduz-se, então, para ampliação crítica sobre o conceito de crise, a abordagem trazida pelo antropólogo dinamarquês Henrik Vigh (2008). Para o autor (VIGH, 2008) crise deve ser entendida não apenas como o evento, mas também como um contexto. O autor introduz a cronicidade à reflexão sobre crise, e questiona que comumente tratamos da crise através de uma contextualização histórica e, também, focando nos eventos posteriores ao evento crítico. Entretanto, em muitos casos a crise advém de um processo prolongado, e não apenas do momento histórico precedente que a deflagra. Além disso, o autor inclui que “crise não é uma ruptura, mas uma fragmentação” (VIGH, 2008, p.9); isso significa que não é apenas um momento decisivo de mudança, mas sim uma condição durável e persistente.

Compreendendo brevemente a conceituação de crise, questiona-se de que forma a mesma se relaciona ao conceito de patrimônio cultural. Estes dois conceitos serão aproximados, a nosso ver, por duas perspectivas que se complementam: a primeira do surgimento na temporalidade ocidental e a segunda da crise da memória como fundante do patrimônio e seus suportes. Dentro da primeira perspectiva, retorna-se à compreensão do surgimento do conceito de patrimônio, com o auxílio de Françoise Choay (2001). Como nos mostra a autora, patrimônio é uma palavra antiga que há muito remete às estruturas familiares e jurídicas de sociedades estáveis, que possuem enraizamento no tempo e no espaço. Entretanto, a noção de patrimônio cultural, como algo de valor para a sociedade que o possui e amplamente divulgado, tem origens em meados do século XV em Roma, com a constituição do monumento histórico. Os valores da modernidade são incorporados, e ao longo da constituição dos estados modernos nos séculos XV e XVI, se vê a necessidade de afirmação de uma história comum de uma nação. Avançando na história, ao longo da Revolução Francesa são levantadas questões sobre o que se preservar dado o momento de grande transformação que se estava passando, e um marco para a definição do patrimônio cultural se dá em 1837, quando da criação da primeira “Comissão dos Monumentos Históricos” na França.

Neste ponto podemos trazer a aproximação entre os conceitos de crise e patrimônio no que tange à temporalidade ocidental. Como demonstra Gonçalves (2015), o conceito de patrimônio surge também quando da alteração do “tempo histórico”, aquela já citada moderna concepção do tempo que emerge a partir do século XVIII.

(...) o regime moderno de representação do tempo histórico toma como ponto de partida uma assimetria entre o passado e o presente. O passado passa a ser considerado um universo obscuro do qual não emanaria nenhuma luz sobre o presente. Não por acaso, a noção moderna de patrimônio (juntamente com os Estados nacionais) juntamente com o sentimento coletivo de que esse patrimônio estava sob ameaça de destruição emergiram nesse contexto de final do século XVIII e final do século XIX (GONÇALVES, 2015, p.217)

O surgimento dos dois conceitos se relaciona justamente por ser um momento de discussões, mudanças e efervescências. A leitura histórica necessitava da determinação de marcos para as mudanças que ocorriam, surgindo o conceito de crise, e simultaneamente a estas mudanças epistemológicas bruscas surge o conceito de patrimônio.

Além desta aproximação histórico/temporal dos conceitos, podemos aproximá-los também pela segunda perspectiva, através do teórico e professor Ulpiano de Meneses (1999). Em seu texto, o autor nos mostra como a crise na memória está relacionada ao surgimento, e atual crescimento, da documentação, do patrimônio, e dos “lugares de memória” (NORA, 2008). Para o autor, a crise da memória na sociedade ocidental não surge na modernidade, mas se alonga desde tempos antigos. Ao citar Platão, Meneses (1999) nos mostra que este já havia sublinhado que a escrita enfraquece a memória, alojando-a “fora do homem”. Esta perspectiva compreende a crise da memória não como um evento, mas como um processo que se estende desde as fundações da sociedade ocidental. Para Meneses (1999), a crise da memória se dá, em maior relevância, devido a cinco dimensões: a epistemológica, a técnica, a existencial, a política e a socioeconômica.

A primeira dimensão, epistemológica, se relaciona à própria “noção de passado e as relações com ele tecidas” (MENESES, 1999, p.13). Esta dimensão é a mesma já explicada, da percepção do tempo histórico moderno, em que o tempo é visto como uma flecha, dissociando o momento vivido do presente com o momento passado. Na dimensão técnica, Meneses (1999) destaca o “progressivo processo de externalização da memória” (MENESES, 1999, p.15), um processo técnico que se inicia com a

invenção da escrita, alcançando as poderosas memórias artificiais. A dimensão existencial tem vinculação profunda com a anterior, na medida em que a sociedade se constitui de tal maneira que não mais existiria memória espontânea, e que é preciso se criar memórias artificiais. Este ponto cabe uma expansão, e possibilidade de paralelo com a teoria de Pierre Nora (2008). Segundo Nora, se habitássemos de fato a memória, não a precisaríamos lhe sagrar lugares para rememorar, os “lugares de memória”. Para o autor, passamos de uma sociedade de “meios de memória” para uma sociedade que define “lugares de memória”⁶. A quarta dimensão da crise da memória se dá na dimensão política; para esta, o autor (MENESES, 1999) demonstra como em nossa sociedade há pressões estruturais de amnésia. É exemplificado pelo “fenômeno da autofagia que marca nosso desenvolvimento urbano” (MENESES, 1999, p.19), onde a lógica da especulação imobiliária se evidencia e alimenta um sistema desigual de consumo. Por fim, a última dimensão analisada por Meneses (1999), a socioeconômica, se faz presente em todas as outras já abordadas, mas que para o autor cabe a distinção com a intenção de ressaltar algumas características específicas. Nesta dimensão se foca principalmente na sociedade da informação e na maneira como “as condições de produção, circulação e consumo da informação (...) introduziu novos padrões perceptivos e ontológicos.” (MENESES, 1999, p.19).

Corroborando com os argumentos expostos, trazemos, por fim, a análise de Jacques Le Goff (2005). Segundo o autor a fragmentação da memória pode ser lida como um processo; dessa maneira aproxima-se da compreensão desta crise juntamente à cronicidade lida por Vigh (2008). Para Le Goff (2005), este processo pode ser definido como a “longa agonia da arte da memória” (LE GOFF, 2005, p.452), que segundo Yates (*apud* LE GOFF, 2005) tem início em fins da Idade Média e o início da imprensa até alcançar o começo do século XVIII.

Assim, compreende-se que no século XVIII foi estruturado o conceito de crise como conhecemos hoje; assim como as noções de patrimônio cultural ocidental,

⁶ A autora Choay (2001), discute amplamente a diferenciação entre os conceitos de monumento e monumento histórico, e que se relaciona a discussão de se definir os lugares do lembrar. O primeiro como sendo aquele feito com a intenção da rememoração, o segundo aquele que adquire o valor histórico de se lembrar algo, mas que não possuía esta camada em um primeiro momento. Esta necessidade da rememoração de fatos, inclusive trajando esta camada a monumentos que não há possuíam em sua concepção é uma característica presente na sociedade ocidental europeia (ou com raízes europeias). Como demonstra Choay (2001) até por volta de 1870 a sociedade japonesa não compreendia esta noção de monumento histórico, tendo em seu cotidiano a vivência da memória da rememoração, através da reconstrução ritual, da arte viva, entre outros.

principalmente se tratando da gestão e preservação. Esta aproximação feita, pode mostrar que a crise crônica da memória - que segundo Meneses (1999) ao citar Platão começa com a invenção da escrita, e segundo Le Goff (2005) começa com a invenção da imprensa - leva a sociedade ocidental a constituir também diferentes suportes desta memória não mais vivida enquanto **meio** (NORA, 2008), mas sagrando-lhe **lugares** de rememoração, entre eles os denominados patrimônios.

- **2.3 Memória e patrimônio em crise**

Ao longo do subcapítulo anterior, buscou-se a definição de crise e de que forma este conceito estaria ligado à memória e à criação do conceito ocidental moderno de Patrimônio. A abordagem agora será por uma nova camada: será tratada a perspectiva da memória e do patrimônio em estado de crise, momentos de desvio, rupturas e crises agudas ou crônicas. Como o patrimônio e a memória se articulam nestes momentos? Segundo Bosi (1979) os momentos de fragmentação, alteração no percurso da memória são inerentes à condição de existência da mesma, mas a memória, para a autora possui a capacidade de remar “contra a corrente do tempo” (BOSI, 1979, p.342). A memória corre o perigo de se desviar quando há obstáculos, mas novos pontos de partida e de leitura podem ser criados. “As transformações profundas por que passa a família, a perda e a chegada de novos membros são pontos de partida. Atrás deles os caminhos se perdem, descontínuos, apagados” (BOSI, 1979, p.342)

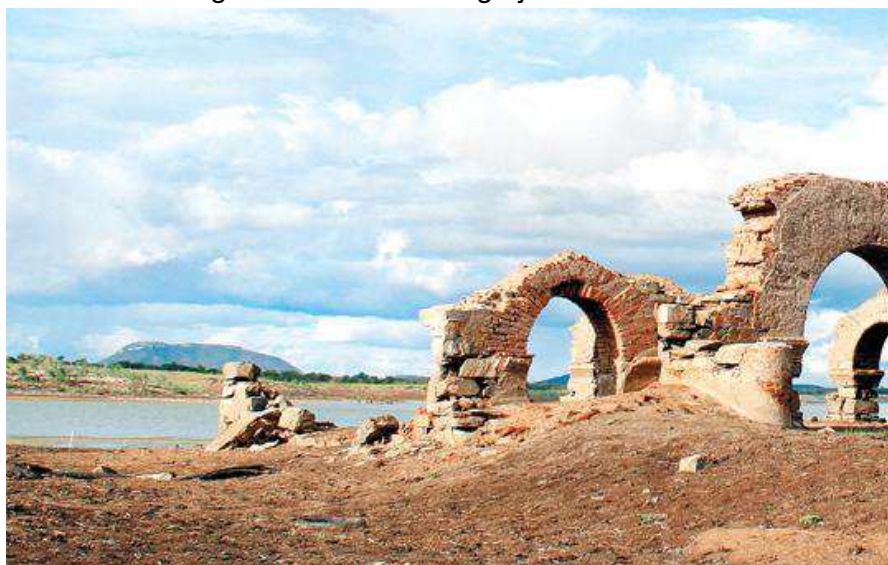
A autora continua sua argumentação nos mostrando, ao fazer referência a Simone Weil, que a existência humana, enquanto coletividade, tem como raízes a conservação de certos tesouros do passado. E que o desenraizamento, causado principalmente pelo predomínio das relações financeiras sobre as relações sociais, pode ser vista como uma violência, “um dos mais cruéis exercícios de opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças” (BOSI, 1979, p.362). Corroborando, Marilena Chauí (*in* BOSI, 1979, p.XIX) afirma que “a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros”. Uma comunidade pulverizada, esfacelada, repartida, teria a capacidade de lembrar? A perda da conexão com seus referenciais e com seus pares não seria, então, uma violência à memória? Como afirma J. Michel Alexandre (*in* HALBWACHS, 2003, p.230) “(...) não é o indivíduo em si ou alguma entidade social que recorda, mas

ninguém pode se lembrar realmente a não ser em sociedade, pela presença ou pela evocação, portanto recorrendo aos outros ou a suas obras”.

Vejamos um exemplo: segundo Gevehr (2016) a memória não é apenas o ato de lembrar, não é, também, apenas uma conquista de determinado grupo, mas também um instrumento de poder, havendo uma luta pela dominação do que recordar, do que lembrar, e do que esquecer. No ano de 1893, em um contexto de extrema pobreza e carência de recursos, segundo Adoue (2011), após diversos episódios de secas, se organiza no norte da Bahia o mais expressivo movimento messiânico da história brasileira – Canudos. Antônio Conselheiro, juntamente com seus seguidores, se mudam para uma velha fazenda abandonada denominada Belo Monte e lá constituem o povoado, que rapidamente se levanta com casas de pau-a-pique alcançando uma população estimada de 25.000 habitantes, cerca de 5.200 casas. Este povoado era formado por pastagens e terras com plantações de uso coletivo; apenas as casas, os móveis, alguns animais, e objetos de uso eram propriedade familiar. Havia escolas de alfabetização, e aqueles que não poderiam trabalhar, por alguma deficiência física ou idade, recebiam auxílio dos demais (ADOUE, 2011). Toda a sociedade se organiza em torno ao messias Antônio Conselheiro, realizando cultos, não permitindo prostituição ou consumo de bebidas alcólicas. Toda esta coletividade estruturada, este povoado que não seguia os ditames administrativos do Estado, ou os preceitos religiosos católicos, foi destruída com a Guerra de Canudos de 1897, com o argumento de não só propagar a “ideia de Canudos” (ADOUE, 2011, p.5). Esta memória foi deliberadamente apagada para que não se propagasse uma idealização de sociedade que estava contra as ordens da nação. “Não era suficiente destruir Canudos, não era suficiente não deixar sobreviventes. Era preciso controlar a memória de Canudos. Contá-la como ficção, com estranhamento. (ADOUE, 2011, p.7). Os processos de violência à memória, no contexto de Canudos, não cessaram com a guerra de extermínio ocorrida em 1897. Em 1968, em pleno regime militar, as reminiscências materiais do que fora Canudos são cobertas pelas águas do açude de Cocorobó, um projeto estruturado por Getúlio Vargas ao visitar a localidade em 1940.

Frequentemente, no período das secas, podem ser vistas na área cruces, ossadas e crânio, muros e peças de artilharia que trazem à tona a lembrança de um passado de horror que não se quer mais lembrar na atualidade. A tranquilidade das águas da represa simboliza a paz que voltou ao local (GEVEHR, 2016, p.951)

Figura 05: Ruínas da Igreja em Canudos



Disponível em: Correio 24 Horas < <https://glo.bo/2WLI28x>> Acesso em: 05 de Nov. 2019.

Esta destruição, este apagamento deliberado da memória se apresenta como muito cruel e recorrente. Podemos inclusive, neste ponto fazer um paralelo com o território e a comunidade em estudo desta dissertação. O povoado de Bento Rodrigues (MG), após ser violentamente atingido por um mar de lama, em novembro de 2015, que destruiu suas casas, passou também por uma violência de proporções próximas: a construção do dique S4 (aprovado pelo decreto nº500, oficializado em setembro de 2016 pelo Governo do Estado de Minas Gerais) e o alagamento (Figura 06) de um terço das terras do povoado, atingindo 55 propriedades (MUNIZ, 2017).

Figura 06: Lagoa formada pelo dique S4 em Bento Rodrigues, MG.



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

A comunidade de Bento Rodrigues, já altamente fragilizada, se viu novamente diante de mais um processo de apagamento de suas vivências. Foi dada como justificativa,

como descrito na reportagem publicada pelo veículo de comunicação dos próprios atingidos (MUNIZ, 2017), a prevenção de mais um grande dano ambiental. Entretanto, a construção deste dique afetou além das propriedades dos atingidos, os remanescentes de um importante vestígio histórico do vilarejo, um muro de pedras do século XVIII, e se aproximou de maneira arriscada dos remanescentes da antiga capela de São Bento também do século XVIII.

Para mim, não podemos admitir que a cena do crime seja encoberta com a água e rejeito. As únicas provas e garantias que temos são as ruínas e as casas que sobraram. A construção do dique S4 é inadmissível neste momento. Não conseguimos assimilar a perda que tivemos e tão cedo eles já querem tomar o que é nosso, aquilo que levamos gerações para construir. Querem nos furtrar. (A SIRENE, Ago 2016, p.06)

A vivência de determinado grupo, por um período de tempo, faz com que se criem hábitos, não apenas de movimentos, mas também de pensamentos, adaptados às referências materiais, aos objetos exteriores que regulam o seu viver. Estabelecer modificações neste cenário de vida não é difícil, como afirma Halbwachs (2003, p.163) “as pedras e os materiais não oferecerão resistência”. Porém, os grupos que ali habitam resistirão, confrontos existirão, para que se consiga voltar “pelo menos aos seus arranjos antigos” (HALBWACHS, 2003, p.163). Indaga Bosi (1979, p.371) “Podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas, as pedras mudam de lugar, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligavam a elas? ”.

Em consonância com o pensamento de Halbwachs, porém adicionando uma nova camada, trazemos algumas afirmações de Yi-Fu Tuan (1980). Para o geógrafo sino-americano, os remanescentes materiais da memória, denominada por ele como “artefatos”, fazem parte do nosso dia-a-dia, e por isso, podem ser vistos como mais pertencentes ao presente do que ao passado. Cada vez que visitamos um lugar, revisitamos uma vivência prévia; porém, nesse retorno modificamos o nosso olhar para com o que vivenciamos, pois nós mesmos nos encontramos diferentes do primeiro momento. Entretanto, sem o auxílio destes suportes materiais, “é mais difícil conseguir uma empatia imaginativa pela continuidade e profundidade do tempo, pelo sabor de um passado” (TUAN, 1980, p.470), mesmo se dele permanecerem registros escritos. Para Tuan (1980), a nossa tristeza ao ver artefatos do passado destruídos vem desta possibilidade de um período de nossa vida pessoal e coletiva desaparecer sem deixar vestígios.

Entretanto, como evidencia Assmann (2011), não há nada que tenha mantido as discussões sobre memória e história tão vivas e presentes ao longo do século XX quanto as catástrofes da destruição e do esquecimento. Porém, perdem-se muitos materiais e registros do que foi, como destaca Lyotard (*apud* ASSMANN, 2011, p.280) “só se pode esquecer o que foi registrado, pois apenas o que foi registrado também pode ser apagado novamente”. As fixações materiais não constituem uma “precaução efetiva contra o esquecimento” (ASSMANN, 2011, p.280), pois, como Platão já havia afirmado, o início da destruição da memória se deu quando da invenção da escrita.

Todo este percurso também pode apresentar um outro viés. Analisou-se a crise e fragmentação da memória e do patrimônio sob a ótica ocidental moderna, em que manter vivo e presente no cotidiano das pessoas o patrimônio construído por elas faz com que o senso de identidade do grupo e deste com o território permaneça, também, vivo. Todavia, para finalizar, podemos pensar que a destruição de remanescentes, quando desejada e compreendida pelo grupo, pode ser também uma vivência mnemônica. Como afirma Gonçalves (2015), alguns autores têm apontado que a materialidade de objetos e espaços pode ser vista não apenas como um ‘suporte’, mas também como parte de um ‘processo’ de “produção de formas de autoconsciência individual e coletiva” (GOLÇALVES, 2015, P.222). Podemos, então, inserir um exemplo, muito relatado, do povo Batamaliba, habitantes da República Togolesa, noroeste do continente africano. O autor (GONÇALVES, 2015) nos mostra que esta população constrói casas, muito similares a pequenos castelos, feitos com uma técnica próxima ao adobe. Esta população compreende suas construções como seres vivos, e eles as descrevem utilizando partes do corpo humano: uma casa tem cabeça, pernas, braços. A biografia desta casa se confunde com a biografia do homem mais velho da família que a habita e, também por isso, quando este morre, a casa deve ser destruída (GONÇALVES, 2015). Podemos perceber neste exemplo, que o processo de construção e destruição simboliza a manutenção de parte da memória deste povo, muito mais que os resquícios materiais que eles possuem.⁷

Conclui-se, com base nas reflexões e exemplos expostos, que a relação dos grupos com a crise, fragmentação ou destruição de seus referenciais materiais de memória é

⁷ Em 2004, parte das construções deste grupo foi inscrita na “Lista de Patrimônios da Humanidade” (<http://whc.unesco.org/en/list/1140/>), o que Gonçalves (2015) questiona, tendo em vista que a lógica de preservação deste povo difere dos critérios ocidentais usualmente adotados.

múltipla e condicionada à construção cultural do povo. De qualquer modo, fica evidente que, ao tratarmos de memória, rupturas não esperadas ocasionam a perda de referenciais de um coletivo.

3 LEITURAS DA MEMÓRIA

As palavras tem a força de construir a realidade, elas moldam a energia dos lugares, mas elas também podem ser uma prisão ou uma maldição. Em português, a língua falada no Brasil, a terminação *-eiro* não denomina origem ou localidade, denomina profissão. Logo, brasileiro é uma profissão, não uma origem. Minha explicação aqui: brasileiro era o termo usado para se referir aos caras que transportavam pau-brasil, caras que extraíam a riqueza daqui para enriquecer outro lugar do mundo, sem compromisso nenhum com esse chão e essa gente. Por essa razão, a palavra brasileiro é uma espécie de termo pejorativo. *O correto seria sermos brasileiros*. Se usarmos para nos descrever a mesma palavra usada para descrever quem sem responsabilidade nenhuma arrancou muitas das riquezas daqui, estamos presos a uma maldição que, a longo prazo, tem sim força para minar qualquer espírito coletivo que possa surgir nesse lugar. Aliás, acho que esse tempo em que vivemos é o resultado direto desse tipo de descuido. A palavra nos vincula, de alguma maneira, a sermos eternamente uma ex-colônia, não um país. (EMICIDA, 2020, destaque nosso)

● 3.1 Exórdio

Quando do momento de exame de qualificação – processo de validação dos percursos teóricos desenvolvidos e análise da adequação da metodologia proposta ao objeto de estudo no tempo previsto para a pesquisa de mestrado –, a pesquisa que aqui se apresenta em forma de dissertação estava comprometida com a incursão a campo. Para se compreender o objeto de estudo e atingir os objetivos propostos se fazia necessário o contato com as pessoas, o convívio com a comunidade que já estava sendo pesquisada. Não sabíamos, todavia, que um grande impeditivo estava se aproximando em nosso horizonte.

Em pouco menos de um mês após a aprovação no exame de qualificação, começam a surgir as primeiras notícias acerca do “novo coronavírus”. Wee e Mcneil Junior (2020) em sua reportagem no dia 08 de janeiro de 2020, apresentam o vírus no *The New York Times* como uma nova pneumonia cuja as evidências mostravam não ser largamente disseminado entre humanos – uma das primeiras reportagens publicadas no ocidente sobre o vírus. Entretanto, esse prognóstico se mostrou inválido, vimos o vírus que passou a ser identificado como Sar-CoV-2 e se alastrou pelo mundo, criando um momento de crise aguda. O mundo desacelerou, entramos em isolamento social. Diversos artigos e pesquisas foram atrás da compreensão do impacto desta pandemia

nas universidades e centros de pesquisa, principalmente nos alunos, professores e pesquisadores (MAJOWICZ, 2020; SKIPPER, 2020; RZYMSKY, NOWICK, 2020; CRANFORD, 2020). Através destas recentes publicações é possível perceber que o impacto ainda está longe de conseguir ser calculado, mas ele existe e atinge diversas camadas, desde a realização de um grande evento científico (cancelamento do “Encontro Anual da *American Chemical Society*” com mais de 15.000 participantes) à saúde mental de pesquisadores lidando com o isolamento social.

Para a pesquisa que aqui estamos tratando - que lida com contextos de crise, eventos críticos – não poderíamos prever a ocorrência desta pandemia, e que ela nos afetaria tão diretamente. Tornou-se inviável para o momento a realização de um estudo de campo etnográfico como se havia previsto. O REAP, metodologia selecionada que será apresentada nas próximas páginas, já estava em andamento quando foi necessário parar e repensar os rumos que tomaríamos. O antropólogo Daniel Miller (2020), professor no Departamento de Antropologia da *University College London*, faz um incentivo para que os alunos pesquisadores na área de antropologia continuem os seus trabalhos de etnografia, mesmo que *online*, referenciando alguns trabalhos já feitos e indica alguns caminhos. Foi analisada esta possibilidade, porém, o contato com a comunidade a ser estudada – os moradores de Bento Rodrigues – ainda não havia sido fortemente estabelecido e, devido à brevidade da pesquisa de mestrado, optamos por não continuar com esta metodologia. Entretanto, entendendo que a sistematização e reflexão acerca da metodologia REAP já havia sido realizada e que este trabalho não poderia ser abandonado, optamos por mantê-la no corpo da dissertação, para que outras pesquisas possam fazer uso. Além disso, esse registro se torna importante neste momento por expor os impactos que a pandemia do COVID-19 gerou nas pesquisas acadêmicas brasileiras. Deixar os registros do percurso da pesquisa neste documento também se faz importante para que outros pesquisadores, ao passar por processos semelhantes, se sintam acolhidos e compreendam que estes fazem parte de uma trajetória de pesquisa. Além disso, não caberia neste momento deslocar a metodologia REAP e a aproximação com a etnografia para um apêndice, considerando que estes estudos tiveram grande impacto para as percepções para com a comunidade, para o modo como a escrita se desenvolveu, a forma como se optou pela mudança de metodologia e, inclusive, a aplicação da nova metodologia. Previamente à etapa de qualificação, havia-se levantado a hipótese de se trabalhar com a “Análise Crítica do Discurso (ACD)” como uma metodologia complementar ao

REAP. Como será relatado nos próximos subcapítulos, essa possibilidade surge a partir de uma experiência específica ocorrida com os pesquisadores envolvidos com a pesquisa de Bento Rodrigues (MG). Analisando todo o contexto, tendo sido feita a revisão dos objetivos, opta-se pela adoção da ACD como metodologia principal a ser implementada.

Nas próximas páginas percorre-se o caminho metodológico explicitado, alcançando a sistematização da ACD e como ela se articulava com os referenciais teóricos expostos, hipótese levantada e objetivos estabelecidos.

● 3.2 Escovar vivências e discursos

Ao atingir a velhice, aos 92 anos, o autor Manoel de Barros, por um convite ou vontade latente, resolve escrever acerca de sua vida, produzir uma autobiografia. Inicialmente pensa em produzir três livros, e que cada um pudesse abranger uma fase de sua vida, infância, juventude/fase adulta e velhice. Porém, ao escrever os três primeiros textos percebe o vasto mundo a percorrer na infância. Assim, opta por escrever o que disse ser os seus últimos livros: *Memórias Inventadas: a infância* (2003); *Memórias Inventadas: segunda infância* (2006); e *Memórias Inventadas: terceira infância* (2008). Ressalta-se o aparente paradoxo presente no título, memórias inventadas, destacando a perspicaz análise do poeta que demonstra como a memória pode ser resguardada, escrita em uma biografia, ao mesmo tempo em que é modificada, reestrutura e imaginada (YAMAMOTO, 2016).

No primeiro livro da coletânea, Manoel de Barros (2018) descreve uma situação curiosa dele enquanto criança ao encontrar com um grupo de arqueólogos (ver 'Anexo A'). O menino ao se deparar com os homens esfregando ossos não compreende o ofício deles, mas logo em seguida percebe que faziam aquilo por amor, e que tinham um objetivo: "(...) eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações (...) (BARROS, 2018, p.17). Assim, o jovem garoto decide por escovar, então, palavras, e procurar nelas as significâncias remotas, os primeiros traços da sonoridade "mesmo que ainda bígrafos" (BARROS, 2018, p.17).

Expandindo esta proposta do jovem Manoel de Barros, por escovar palavras e encontrar nelas acepções múltiplas, traz-se a proposta desta metodologia. Almeja-se, através da seleção de metodologias feitas, com este trabalho, alcançar camadas e perspectivas variadas sobre o estudo de caso. Escovar as vivências, os discursos, os

gestos e as percepções buscando compreender o que ocorreu com a comunidade e a localidade de Bento Rodrigues, tendo como cerne as fragmentações e rupturas materiais da memória.

Para isto, tendo em vista os dois principais assuntos de interesse, os impactos de um evento e contexto de crise aos indivíduos e grupos e os impactos aos suportes de memória e ao patrimônio instituído, que se associam e se complementam, estruturam-se as metodologias da “Etnografia/REAP” e a “Análise Crítica do Discurso”. Por conta das mudanças já relatadas, a metodologia da “Análise Crítica do Discurso” é aplicada e busca alcançar os objetivos. Essa metodologia tem o objetivo de compreender as relações, sentimentos e percepções dos indivíduos expressas nos discursos frente a vivência do evento crítico e do contexto de crise. Assim como, almeja compreender a forma como o discurso do patrimônio e da memória pode ser usado, adulterado, exacerbado ou obliterado pelos diferentes atores presentes e atuantes nos eventos em estudo.

● 3.3 Etnografia

Tendo em vista o contexto abordado, do “desastre sociotécnico” (ZHOURY *et al.*, 2018, p.40) do Vale do Rio Doce, investigou-se acerca de uma metodologia de pesquisa que pudesse se aproximar das vivências dos indivíduos e grupos em estudo. Encontra-se no campo ampliado da Antropologia o suporte da etnografia como uma possibilidade de atuação em campo, como bem coloca Geertz um saber-fazer que também almeja “perseguir pessoas sutis com questões obtusas” (GEERTZ, 2008, p.20). A etnografia pode ser definida como uma forma de pesquisa interpretativa, uma observação atuante. Ela contempla a inserção e testemunho direto, dentro de um período de tempo, de um determinado grupo de pessoas, e, logo em seguida, a análise dessa vivência. Este grupo em análise normalmente possui um vínculo entre eles, estão associados de alguma maneira. A etnografia surge, como teoria e metodologia de pesquisa, no final do século XIX e início do século XX, objetivando uma análise holística de sociedades, em sua maioria, isoladas. (MATTOS; CASTRO, 2011). Três nomes podem ser destacados nesse primeiro momento da prática-teoria etnográfica moderna, são eles: o antropólogo polonês Bronisław Kasper Malinowski, o antropólogo germano-estadunidense Franz Boas e o antropólogo inglês Alfred Reginald Radcliffe-Brown (SANTOS, 2008). Porém, com o passar das décadas, a

etnografia se reinventa como uma disciplina capaz de atuar não apenas em sociedades ditas exóticas, mas também capaz de compreender as mudanças sociais, políticas e culturais dos espaços urbanizados (MAGNANI, 2009). Há uma mudança crucial na percepção do 'eu' e do 'outro', passa-se a questionar sobre este lugar do 'pesquisador' e do 'nativo'. Dessa maneira, surgem diversas outras abordagens para com a etnografia, como etnografia reversa, auto etnografia, alcançando a etnografia online (SANTOS, 2008).

Ampliando o entendimento da metodologia – teoria (PEIRANO, 1995) – da etnografia, cabe inserir o que motiva a ida a campo. O etnógrafo é movido inicialmente por incertezas, dúvidas e perguntas. Ele anseia a busca por algo que a pesquisa de escritório não o sacia (SILVA, 2009). O pesquisador se expõe de maneira a questionar o senso comum acadêmico, as teorias encontradas em livros. Ele está aberto à vivência, e busca explorar o mundo e negar as demarcações das fronteiras intelectuais (PEIRANO, 1995).

Como destaca Weber (2009), o etnógrafo é um “observador profissional que coloca em obra, sobre a base de múltiplas identidades, uma técnica particular de observação e de autoanálise” (WEBER, 2009, p.168). De maneira geral, o fazer etnográfico pode ser entendido como um conhecimento adquirido através dos percursos, e por uma jornada que precisa de tempo. Não se trata de uma ida a um museu, em que as informações se destacam, mas de passos que tateiam em busca de informações, muitas das vezes, inesperadas (SILVA, 2009). Inicialmente, como aponta Magnani (2009), a ida a campo é permeada por momentos em que se pode maravilhar, se surpreender – denominada primeira impressão. Porém, ao longo do trajeto da pesquisa, o observador torna-se familiar e passa a compreender as nuances das atuações sociais, políticas e culturais do grupo em análise – denominada experiência reveladora.

Metodologicamente, a pesquisa etnográfica é dividida em três fatos essenciais: andar, ver e escrever (SILVA, 2009). O primeiro – **andar** – diz sobre a vivência em campo, os percursos escolhidos (permitidos), provenientes muitas das vezes da interação entre pesquisador e pesquisado. Neste primeiro fato podemos destacar também o modo como se dão as interações, pois “(...) a pesquisa de campo implica, necessariamente, um confronto de diferenças” (PEIRANO, 1995, p.10). A experiência com o universo dos pesquisados é baseado em compartilhamentos, que pode ser

mais ou menos exitoso devido às resistências encontradas, se tratando principalmente da inserção nas atividades praticadas, dos trabalhos executados, dos rituais realizados, entre outros (MAGNANI, 2009). O segundo – **ver** – trata da percepção do etnógrafo; porém, destaca-se esse ver como um olhar organizado, diferente de simplesmente enxergar, a ele cabe uma organização do que foi fitado, reparado ao longo dos percursos. Ademais, é essencial a compreensão que nessa experiência etnográfica, o ver está modificado por uma subjetividade intrínseca do etnógrafo, que é ampliada pela presença atuante na cena que observa. Ou seja, o observador, como peça exterior, produz uma alteração no espaço e nas vivências que estão sendo vistas (SILVA, 2009). Por fim, o terceiro – **escrever** – em que o pesquisador após se deparar com a vivências, busca, em seus próprios termos, descrevê-la, e assim, compreender a lógica presente e aproximá-la das teorias existentes (MAGNANI, 2009). O escrever, como aponta Silva (2009) se trata de um olhar revisto, uma organização em matéria textual do que foi apreendido. Strathern (2014) divide o fazer etnográfico em dois momentos, o **andar** e o **ver** estariam enquadrados dentro do campo, e o **escrever**, fora do campo, “no gabinete, na escrivaninha ou no próprio colo” (STRATHERN, 2014, p.345). Ainda segundo a autora (STRATHERN, 2014), esse transladar de momentos, principalmente a partir dos 1990, não significa mais deslocar-se no espaço, mas deslocar-se no tempo, entre momentos distintos de imersão e separação.

Resta uma questão incômoda: toda etnografia é boa? Boas etnografias cumprem, pelo menos, três condições: i) consideram a comunicação no contexto da situação (cf. Malinowski); ii) transformam, de maneira feliz, para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo, transformando experiência em texto; e iii) detectam a eficácia social das ações de forma analítica. (PEIRANO, 1995, p.386)

Ademais, ao realizar a pesquisa etnográfica é necessário estar aberto para ser afetado, como pontua Favret-Saada (1990). Se permitir embrenhar na comunidade a ser pesquisada e, de fato, experienciar a troca. Uma prática em que não se deve exercitar o narcisismo, assumindo o risco do seu “projeto de conhecimento se desfazer” (FAVRET-SAADA, 1990, p.7). Porém, com o discernimento da alteração das percepções do arcabouço teórico, mas sem se perder em meio a uma aventura, atingindo, de fato, uma etnografia.

Por fim, um dos pontos de destaque na escolha desta metodologia/teoria de pesquisa é a capacidade de se inserir nas vivências da comunidade de análise e, quando bem-

sucedida, captar de maneira holística as nuances acerca do tema pesquisado. Objetivando a compreensão qualitativa do impacto que a perda dos suportes de memória causa em uma determinada comunidade, a interação direta e de maneira generosa se faz necessária. A troca entre as teorias apreendidas e sistematizadas, com as vivências dos atingidos é um campo fértil para análise e compreensão do tema a ser pesquisado. Tratando-se do desastre sociotécnico do Vale do Rio Doce, especificamente da comunidade de Bento Rodrigues, a escolha pela etnografia se justifica por dois motivos apontados por Mattos e Castro (2011): o primeiro, pela análise holística da cultura, em que ela não é entendida “como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade” (MATTOS; CASTRO, 2011, p.50), mas como um complexo de significados, mediador entre os sistemas sociais e os comportamentos humanos; e o segundo, pela introdução dos pesquisados de forma ativa e participativa no processo de modificação dos sistemas sociais.

● 3.3.1 Rapid Ethnographic Assessment Procedures

Após a breve introdução ao fazer etnográfico, o compreendendo como uma proposta metodológica que conseguiria abarcar dados e análises para os objetivos elencados, foi investigado um exemplo de aplicação da etnografia em situação similar a encontrada no estudo de caso proposto; Bento Rodrigues, Minas Gerais. O estudo de caso abarca, como já exposto, uma situação crítica em que uma comunidade é fragmentada e perde quase que completamente a materialidade de seu povoado. Junto com a perda dessa materialidade se perdem também as vivências cotidianas, as práticas culturais imateriais, a vivência da paisagem cultural que se fazia presente. Isto posto, encontrou-se a metodologia de pesquisa denominada “*REAP*” (*Rapid Ethnographic Assessment Procedures*), adaptada e consolidada nos Estados Unidos da América pelo “*National Park Service*”⁸, órgão Federal Estadunidense de gestão de bens culturais.

A metodologia “*REAP*” tem sua origem em métodos de avaliação rápida (*Rapid Assessments Procedures - RAP*) criados no final da década de 1970 e início da década de 1980 para pesquisas em dois campos de trabalho distintos: um em projetos

⁸ O “*National Park Service*” é uma agência do Governo dos Estados Unidos responsável pela gestão dos bens de interesse cultural à nível nacional, compreendendo atualmente 58 parques nacionais e 333 outros locais de interesse histórico, cultural e natural.

de desenvolvimento agrário-rurais, e o outro em programas de saúde pública e epidemiologia (TAPLIN; SCHELD; LOW, 2002).

Procedimentos de avaliação rápida (RAP), um termo amplamente usado no campo da saúde, originou-se como um manual publicado em 1981 por Susan Scrimshaw e Elena Hurtado, que foi aplicado pela primeira vez na Guatemala e posteriormente testado em 15 outros países (Macintyre 1995; Manderson 1997). Um termo usado no desenvolvimento agrícola é a avaliação rural rápida (RRA), originada em workshops realizados em Sussex, Reino Unido, em 1978 e 1979 (Beebe 1995; Manderson e Aaby 1992). (TAPLIN; SCHELD; LOW, 2002, p.81)⁹

Segundo Taplin, Scheld e Low (2002), seriam dois os principais problemas existentes que foram solucionados com a adoção dos métodos de avaliação rápida: a necessidade de coletar e assimilar informações sociais e econômicas em contextos de mudança rápida; e a cultura das agências de governo de não contratar uma equipe de pesquisadores permanentes, mas uma equipe de consultores que tem vivências breves nas comunidades.

O método do “*REAP*” (LOW; TAPLIN; LAMB, 2005) é estruturado a partir de dois princípios metodológicos básicos: a triangulação e a interação de técnicas. A metodologia faz o uso de diversas técnicas almejando maximizar a validade e a confiabilidade dos múltiplos dados provenientes de diferentes fontes. Estes dados são então triangulados para prover uma compreensão holística da situação analisada. A interação das técnicas tem por objetivo a promoção de uma constante reavaliação dos dados coletados e dos caminhos a serem seguidos com a pesquisa.

As técnicas (*‘method’*) utilizadas, como pode-se perceber na ‘Figura 05’ apresentam grande variação quanto ao material necessário, produto alcançado e o que se pode apreender com a aplicação da mesma. Cabe destaque que cada uma destas técnicas apresenta também complexidades variáveis em alguns aspectos como proximidade com a comunidade e demanda de tempo e recurso para execução.

⁹ Tradução Livre – “Rapid assessments procedures (RAP), a term widely used in the health field, originated as a manual published in 1981 by Susan Scrimshaw and Elena Hurtado, which was first applied in Guatemala and later field-tested in 15 other countries (Macintyre 1995; Manderson 1997). A term used in agricultural development is rapid rural appraisal (RRA), which originated in workshops held in Sussex, United Kingdom, in 1978 and 1979 (Beebe 1995; Manderson and Aaby 1992).” (TAPLIN; SCHELD; LOW, 2002, p.81)

Tabela 01: Tabela com técnicas possíveis de serem utilizadas no 'REAP'

Método	Material	Produto	O que pode ser aprendido
Histórico e documentos de arquivo	Notícias de jornal, coleção de livros e artigos, notas escritas	História do local e sua relação com as comunidades de entorno	Fornecer contexto histórico para o presente estudo e para o planejamento do processo
Mapeamento de traços físicos	Lixo coletado, padrões de erosão	Descrição de atividades noturnas no local	Identifica atividades noturnas não observadas
Mapas comportamentais	Mapas do local no espaço-tempo	Descrição das atividades diárias nos locais	Identifica atividades culturais no local
Visita a campo guiada	Entrevistas transcritas e mapa do local do consultor	Descrição do local do ponto de vista dos membros da comunidade	Entendimento centrado na comunidade do local; significado local
Entrevistas individuais	Folhas de entrevista	Descrição das respostas dos grupos culturais	Respostas da comunidade e interesse no local
Entrevistas com especialistas	Transcrição de entrevistas em profundidade	Descrição das respostas das instituições locais e líderes comunitários	Interesse dos líderes comunitários no processo de planejamento do local
Entrevistas improvisadas em grupo	Transcrição do encontro	Descrição da perspectiva do grupo, valor educacional	Consenso do grupo sobre questões e problemas
Grupos focais	Gravação em fita e transcrição da discussão	Descrição dos problemas que surgem na discussão em pequenos grupos	Extraí conflitos e desacordos dentro do grupo cultural
Observação participante	Notas de campo	Descrição sociocultural do contexto	Fornecer contexto para estudo e identificar preocupações da comunidade

Disponível em: LOW, 2003, p.54, tradução nossa

As críticas ao método estão focadas em sua validade e confiabilidade, mas cabe inserir a afirmação de Taplin, Scheld e Low (2002), segundo a qual essas pesquisas proveem uma imagem da prevalência do fenômeno, atitude ou comportamento analisado, mas não um panorama amplo de sua extensão ou difusão. Estes métodos também são questionados quanto à validade de sua construção, quando comparados

a tradicionais etnografias – que são construídas com longos períodos de permanência e observação. É posto (LOW; TAPLIN; LAMB, 2005) que a triangulação de técnicas consegue reduzir o risco de uma construção equivocada.

Nos Estados Unidos da América essa metodologia vem sendo utilizada para avaliar e gerenciar os impactos sociais às comunidades que vivem próximas ou estão inseridas nos contextos dos parques nacionais (TAPLIN; SCHELD; LOW, 2002). Nestes casos, o “REAP” almeja investigar e descrever as relações culturais entre comunidades locais específicas e o território dos parques, muitas das vezes para auxiliar na nomeação destes sítios para o “*National Register of Historic Places*” (LOW, 2003).

Para se conseguir compreender o escopo desta metodologia, inserem-se dois casos em que foi aplicado o ‘REAP’ (LOW, 2003): o primeiro no caso “*Independence National Historical Park*”, localizado na Filadélfia, Estados Unidos; e o segundo no caso “*Ellis Island Bridge and Access*”, em Nova Iorque, Estados Unidos. O foco desta breve análise se deu nas técnicas adotadas e no tempo necessário para execução das mesmas, diferentemente do caso do “*Battery Park City*”, que será elucidado em sequência, em que nos interessava compreender todo o processo ocorrido.

O primeiro caso, do “*Independence National Historical Park*”, teve como objetivo primário compreender a importância da etnia e da representação cultural no uso do parque em questão. Alguns objetivos secundários foram elencados, como identificar os líderes, as comunidades presentes e seus valores culturais, a relação com os usuários do parque e, também, captar as perspectivas e demandas destes variados grupos. Todos estes objetivos se mostravam como necessários de serem atingidos para um bom manejo do parque e para a manutenção de sua sustentabilidade social. As seguintes técnicas foram utilizadas: pesquisa histórica e documental; mapas mentais de comportamento; visita à campo guiada; entrevistas individuais; entrevistas com especialistas; observação participante; e grupos focais. Todo o processo teve a duração de 63 dias, cerca de 3 meses, considerando dias úteis (ver ‘Anexo C’)

O segundo caso, do “*Ellis Island Bridge and Access*”, teve como objetivo principal investigar acerca de quatro cenários de projetos proposto para acesso a ilha Ellis, em Nova Iorque: uma ponte, uma balsa, um trem elevado e um túnel. Almejava-se com esta pesquisa compreender como as populações – moradores, vendedores, profissionais, entre outros - poderiam se apropriar culturalmente de cada uma destas alternativas. A pesquisa se constituiu na compreensão dos grupos em análise, no

estudo de seus valores associados e de seus pontos de vista acerca dos impactos de cada projeto. As seguintes técnicas foram utilizadas: mapas de vestígios físicos; mapas mentais de comportamento; visita à campo guiada; entrevistas individuais; entrevistas com especialistas; entrevistas com grupos; e grupos focais. Todo o processo teve a duração de 29 dias, pouco mais de um mês, considerando dias úteis (ver 'Anexo C'). Seguiremos para o estudo do caso do *"Battery Park City"*, todo o processo nos interessou por uma aproximação que poderia ser feita, os efeitos em uma comunidade após um evento crítico.

- **3.3.2 Battery Park City**

A aproximação e o interesse em se compreender a maneira como se deu a aplicação da metodologia *REAP* neste caso se deu, principalmente, devido à similaridade da situação em que ele foi utilizado, que será descrita. O dia 11 de setembro de 2001 ficou marcado na história ocidental¹⁰ como o dia dos ataques terroristas às torres gêmeas do complexo *"World Trade Center"* de Nova Iorque, Estados Unidos. Além do impacto direto e imediato à comunidade que fazia uso deste complexo, outros 6000 moradores da região tiveram suas vidas diretamente impactadas. Em julho de 2002 foi iniciada uma pesquisa (LOW; TAPLIN; LAMB, 2005) com a comunidade do bairro de Nova Iorque onde estava localizado o complexo do *"World Trade Center"*, o *"Battery Park City"*.

Esta pesquisa foi conduzida pela professora e pesquisadora Setha M. Low; a opção pelo uso desta metodologia se deu por prover resultados relevantes, com custos relativamente baixos, em um rápido período de tempo. Nesta aplicação, a equipe fez uso das seguintes técnicas: observação participante, entrevista de campo com residentes, entrevista com funcionários públicos atuantes na área e com líderes comunitários. O objetivo principal da pesquisa foi analisar os impactos do atentado terrorista na comunidade, tendo como foco as dinâmicas da comunidade pré- e pós-atentado, através da "lente" de quatro grupos populacionais - *"folk models"* –

¹⁰ Além de ter ficado marcado na história ocidental, o dia 11 de setembro de 2001 também está presente na memória de grande parcela da população mundial. Quantos são os relatos das lembranças de "onde eu estava quando aconteceu", qual o programa estava passando quando a programação da TV foi interrompida, "como eu fiquei sabendo da notícia". Mas, além disso, devido ao tempo decorrido estas memórias começam a se fragmentar, e começam a se confundir com os relatos já ouvidos. A série documental *'The Mind – Explained'* (2019) mostra como este evento foi lido e reinterpretado na mente das pessoas.

identificados. Algumas perguntas guiaram esta pesquisa:

Como os moradores foram afetados pelo impacto físico da perda de lares e locais de trabalho e pelo impacto social da perda de amigos e vizinhos, além da ruptura dos laços e relacionamentos sociais?
 Como os moradores foram afetados pelo trauma emocional de testemunhar a morte e a ameaça de terrorismo em seu próprio bairro?
 Como os padrões da vida cotidiana e da atividade social mudaram em resposta a essa tragédia? (LOW; TAPLIN; LAMB, 2005, p.657)¹¹

É destacado no trabalho (LOW; TAPLIN; LAMB, 2005) que, inicialmente, para realizar a pesquisa foi feita uma análise prévia¹² para se compreender como as pessoas poderiam ter respondido a esta experiência trágica – devido à proximidade na qual moravam e vivenciavam o *'World Trade Center'* e, também, pelas experiências prévias que poderiam ter tido relativo a crises, mortes e tragédias. Dentro desta análise se considerou, também, a formação do bairro, como a comunidade se estruturou – em quais décadas se deu ocupação e quais grupos populacionais conviviam na região. Além disso, procurou-se perceber quais foram as ações tomadas logo após o atentado – quantas pessoas se mudaram, qual foi a taxa de vacância dos apartamentos antes e depois, para onde estes residentes e trabalhadores se mudaram. Toda esta análise é entremeada por uma teoria, sistematizada também pela própria coordenadora do grupo (ALTMAN; LOW, 1992), conhecida como *'place attachment'*, que seria o vínculo emocional de uma pessoa ou grupo a um lugar, sendo um conceito essencial para a psicologia ambiental que vem sendo estudado/tangenciado há pelo menos 50 anos (LEWICKA, 2011). No momento desta análise prévia que foram encontrados e mapeados os quatro grupos populacionais - *"folk models"* – identificados pelos líderes da comunidade, seriam eles:

1. A comunidade do *'Battery Park City'* formada e consolidada antes do 11 de setembro de 2001, mas que foi desestruturada principalmente por famílias que deixaram o bairro.
2. A comunidade do *'Battery Park City'* que não estava formada e consolidada, mas a tragédia os aproximou e fez surgir um senso de comunidade.

¹¹ Tradução Livre - How have residents been affected by the physical impact of the loss of homes and places of work, and by the social impact of losing friends and neighbours as well as the disruption of social ties and relationships? // How have residents been affected by the emotional trauma of witnessing death and the threat of terrorism in their own neighbourhood? How have the patterns of everyday life and social activity changed in response to this tragedy? (LOW; TAPLIN; LAMB, 2005, p.657)

¹² Esta análise prévia foi feita a partir da consulta com dados demográficos, reportagens produzidas por meios de comunicação, outros estudos realizados e, também, através do contato com lideranças do bairro.

3. Os novos residentes que se mudaram após o atentado, trouxeram vitalidade para o bairro – principalmente famílias recém-formadas - mas ainda não estão inseridos na comunidade.
4. Os novos residentes que se mudaram para o bairro apenas por conta dos alugueis baixos e que se mudariam novamente assim que os preços aumentassem, majoritariamente formado por solteiros jovens, trabalhadores ou estudantes.

Estes quatro grupos mostram como há variações de vivências e conseqüentemente das percepções de uma tragédia quando se analisa sob o viés do vínculo com o local. Não se tem, neste caso, uma comunidade unificada, mas uma multiplicidade de fatores como idade, estado civil, tempo de permanência no bairro, objetivo em estar no bairro, que refletiram nas análises feitas pelo 'REAP'. Ademais, estão refletidos também os diversos conflitos e opiniões divergentes, por serem grupos tão distintos.

Após a coleta deste panorama, que já faz parte do processo da metodologia, os pesquisadores iniciaram as idas à campo através de uma observação participante. Toda esta coleta de dados e vivência junto ao território e à comunidade permitiu com que noções pré-concebidas fossem revistas, outras confirmadas e novas proposições surgissem, para só então se estruturar as questões¹³ a serem feitas à população. No trabalho, os pesquisadores destacam que como esta é uma metodologia rápida, o número de pessoas entrevistadas normalmente é abaixo de 100: neste caso foram entrevistadas 65 pessoas.

Algumas considerações podem ser feitas acerca dos resultados alcançados. Como já era previsto, a partir dos dados demográficos, o grupo analisado alterou-se consideravelmente, tendo como referência dados do 'Censo' anterior à tragédia, reforçando os grupos elencados pelos líderes comunitários. A região apresenta limites de percepção pela população bem definidos, o que já era característico. São elencadas diversas falas em que os entrevistados destacam os prédios vazios, os novos residentes, certo receio quanto a essas mudanças drásticas ocorridas, além de uma percepção coletiva de medo e insegurança. Os pesquisadores inclusive destacam esta mudança no 'clima emocional'¹⁴, em que a percepção do medo se faz

¹³ As questões feitas para a comunidade encontram-se no 'Anexo A'.

¹⁴ Tradução Livre - Emotional Climate (LOW; TAPLIN; LAMB, 2005, p.675)

constante, mas em contraste há também certo senso de segurança provido tanto pela presença constante de novos funcionários de segurança dos edifícios, quanto pelas conexões que foram estreitadas pela comunidade que permaneceu. Por fim, o trabalho destaca o aumento da participação popular em lutar por suas demandas, a formação de grupos com lideranças comunitárias estruturadas e ativamente atuantes, e o desejo dos que ali vivem e convivem em voltar para uma normalidade existente prévia ao 11 de Setembro.¹⁵

● 3.3.3. Um 'REAP' para Bento Rodrigues

Neste percurso de pesquisa acerca da metodologia, busca-se nesta etapa elaborar uma proposta de 'REAP' para o caso em questão: a comunidade e o território de Bento Rodrigues, Minas Gerais, suas tragédias, rupturas, fragmentações, resistências, histórias e memórias

Os três casos mencionados ilustram como a metodologia 'REAP' vem sendo utilizado de maneira ampla e, além disso, consegue demonstrar que com relativamente pouco tempo é possível atingir os objetivos elencados. Tendo isto em visto propôs-se uma seleção de técnicas para compor o 'REAP' a ser aplicado no presente trabalho, quais sejam:

- I. Pesquisa histórica e documental
- II. Observação participante
- III. Visita a campo guiada
- IV. Mapas mentais de comportamento
- V. Entrevistas individuais

¹⁵ A professora Setha M. Low continuou com estudos que tratam das problemáticas ao entorno do atentado de 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque, Estados Unidos. Um dos seus trabalhos (LOW, 2004) discute as repercussões e narrativas acerca da memorialização da tragédia, sobre como tem sido os discursos acerca do caso, quais são os desejos da população em contraste às narrativas oficiais – o que se quer dizer, o que pode ser dito, o que se quer ouvir e o que se ouviu. Além disso, em outro trabalho (LOW, 2002) a autora discute a relação entre os espaços públicos e cultura, em como estes espaços podem ser lidos como provedores de trocas e aprendizados, e como o atentado refletiu na existência destes espaços na cidade de Nova Iorque, tendo em vista que os espaços públicos passaram a ser altamente vigiados e policiados. A autora alcança, neste trabalho, discussões acerca da preservação de espaços para aprendizado e para o exercício da democracia. Estes outros dois trabalhos podem acrescentar para esta pesquisa nas próximas etapas das análises, tendo em vista que o território de Bento Rodrigues (Minas Gerais) é um espaço de disputas, em que há um jogo de narrativas e em que a questão da preservação da memória, do exercício da democracia e do uso do mesmo – museu de território, barragem, abandono - tem sido posto em debate.

VI. Análise

A seleção de cada uma destas técnicas se deu, inicialmente, por compreender o que poderia ser apreendido com cada uma delas, tendo em vista os objetivos a serem alcançados, levando-se também em consideração a disponibilidade de tempo e recursos para se realizar esta pesquisa dentro do âmbito de uma pesquisa de mestrado. As técnicas foram organizadas de forma a permitir uma aproximação escalonada com a comunidade, a partir do momento em que pesquisador e comunidade vão ganhando confiança mútua as técnicas caminham para um contato maior. Como exposto, cada uma destas técnicas tem um tipo específico de material como base e ela produz um dado que poderá ser analisado posteriormente, fazendo-se relação com as demais. Podemos resumir as técnicas que serão utilizadas na seguinte tabela:

Tabela 02: Técnicas propostas para serem utilizadas na pesquisa

Método	Material	Dado	Análise
Pesquisa Histórica e Documental	Livros, Jornais, Artigos, Revistas	História do local e relevância documental	Contexto histórico
Observação participante	Notas de campo	Descrição das percepções por parte do pesquisador	Identificação dos anseios e referências
Visita a campo guiada	Transcrição dos relatos e do mapa de percurso	Descrição do território pelo ponto de vista de um membro da comunidade	Compreensão do olhar da comunidade sobre o território; os significados dos locais
Mapas mentais de comportamento	Mapas produzidos com a comunidade	Descrição das atividades cotidianas no território	Identificação da vinculação entre as atividades e os suportes de memória
Entrevistas individuais	Questionário entrevista	Descrição das respostas levantadas	Compreensão dos suportes de memória de maneira objetiva

Fonte: Do autor, 2019

Descreveremos agora cada uma destas técnicas e o porquê do uso das mesmas, tendo como referência o trabalho ‘Social Sustainability: People, History and Values’ (LOW, 2003):

1. Pesquisa Histórica e Documental: É o primeiro passo de todas as aplicações

do 'REAP'. Coletar materiais e informações acerca do caso que será estudado, dentre estes estão documentos históricos, arquivos, trabalhos produzidos, jornais e revistas. Esta técnica é essencial pois permite compreender de forma holística a história do local e permite, em muitos casos, compreender os conflitos e cooperações existentes.

2. **Observação Participante:** O pesquisador mantém consigo um caderno de anotações e se insere no campo de maneira a compreender as vivências dos indivíduos e comunidades com o território sem ainda contar com uma entrevista estruturada ou mapa de apoio. Esta técnica permite captar informações sobre o contexto e é essencial para a interpretação dos outros dados coletados.
3. **Visita a campo guiada:** Para esta técnica se faz necessária a presença de um ou dois membros da comunidade junto ao pesquisador. Eles irão a campo, no território em estudo, e caminharão por ele ao mesmo tempo em que os indivíduos da comunidade descrevem o território e destacam os seus pontos de vista. Para o bom funcionamento desta técnica é necessária uma boa relação entre os membros da comunidade e o pesquisador.
4. **Mapas mentais de comportamento:** Em posse de um mapa da área em estudo o pesquisador junto a alguns membros da comunidade participa de uma conversa sobre as suas vivências no território, os seus pontos referenciais, os seus hábitos e usos do espaço.
5. **Entrevistas individuais:** As entrevistas são coletadas com membros da comunidade em análise. A construção das perguntas à serem feitas advém de todo o processo anterior de contato com os indivíduos. O número de entrevistados pode variar caso a caso.

Após a ida à campo, e da aplicação da metodologia "REAP" (LOW, 2003) o pesquisador retorna ao seu trabalho de escritório, buscando consolidar e refletir acerca do material levantado. Como exposto, a sexta parte da metodologia seria a análise, neste momento triangulam-se os dados levantados, o que possibilitará uma amplitude de reflexões e comparações. Estima-se que todo este processo leve por volta de 40 dias, tendo como referência os outros trabalhos acima mencionados.

● 3.4. Os discursos da memória e do patrimônio

Ao longo deste subcapítulo abordaremos a experiência etnográfica que motivou a pesquisa a seguir a metodologia da “Análise Crítica do Discurso (ACD)”. Os conceitos aqui abordados, que serão ampliados através de uma discussão metodológica, serão memória e patrimônio, e os discursos que fazem uso destes conceitos. Como visto anteriormente no subcapítulo “Memória e Crise: Patrimônio”, o conceito de patrimônio é estruturado conjuntamente a criação dos Estados Modernos, ao longo do séc. XV e XVI. Entretanto, sua constituição enquanto normativas de gestão, formas de conservação, no Ocidente, advém de períodos posteriores à Revolução Francesa (séc. XVIII). Como já foi mostrado, o passado, a memória e os resquícios materiais que dela deriva, são objetos de reflexão e preservação anteriores à constituição dos Estados Modernos (MENESES, 1999; LE GOFF, 2005). David Harvey (2001) corrobora com este entendimento, que esta preocupação com o passado tem raízes muito mais profundas do que o debate contemporâneo em torno do patrimônio normalmente alcança. E faz um adendo crucial, que esta tendência de ver o patrimônio apenas como um fenômeno moderno, corrobora na redução de debates que poderiam ir para além das práticas contemporâneas de gestão e conservação. Caso ampliássemos a perspectiva de entendimento, observando o patrimônio como “um processo ou uma condição humana do que um único movimento ou um projeto pessoal” (HARVEY, 2001, p.320)¹⁶, possibilitaríamos discussões que abarcaria a manutenção de identidades, o empoderamento de sociedades subalternas e o fortalecimento de memórias fragmentadas.

Desta maneira, Laurajane Smith (2006) mostra que patrimônio cultural é um processo de comprometimento, formado por performances de comunicação (fazer e ser), que tem por objetivo construir significados *no* e *para* o presente. A autora (SMITH, 2006) parte da premissa que todo patrimônio é intangível, não por negar as materialidades intrínsecas, mas por compreender que o que o faz ser compreendido como tal são seus valores associados e o seu discurso inerente.

As ideias dominantes sobre os valores patrimoniais da "cultura material autêntica" e do "ambiente construído" estão sendo reescritas e redefinidas dentro de um processo cultural que privilegia a

¹⁶ Tradução Livre – “(...) as a process or a human condition rather than as a single movement or personal project.” (HARVEY, 2001, p.320)

performatividade do "fazer" e "ser", em vez da posse ou associação com objetos materiais. Isso não quer dizer que a fisicalidade do lugar e do objeto são abandonadas como elementos importantes nos processos do patrimônio, mas sim que são desprivilegiados e reatribuídos papéis de apoio em um processo que visa fundamentalmente fornecer e criar oportunidades para atos de lembrança e comemoração e, sobretudo, das redes sociais. (SMITH, 2006, p.238)¹⁷

Além disso, Smith (2006) constrói em seu trabalho um conceito que ela denomina Authorized Heritage Discourse (AHD), que, dentro desta perspectiva em que o patrimônio não deveria ser visto enquanto matéria, mas sim enquanto processo, foi elaborado ao longo de séculos por elites dominantes do ocidente, objetivando a manutenção de memórias e patrimônios dentro de uma premissa elitista, machista, branca e euro-centrada. Este conceito será caro a nós pois buscamos com este trabalho observar outras faces possíveis do patrimônio cultural, assim como Smith (2006) fez em seus estudos de caso.

Há um discurso dominante no Ocidente sobre Patrimônio, que eu nomeio 'Discurso Autorizado de Patrimônio', que se ocupa para autorizar um espectro de premissas sobre a natureza e o significado de patrimônio (SMITH, 2006, p.4)¹⁸

O discurso do patrimônio se articula e diverge, muitas das vezes, segundo Smith (2006), em três principais perspectivas: o discurso científico, dos profissionais da área do patrimônio cultural, baseado em evidências e estudos; o discurso popular, da prática e vivência cotidiana; e o discurso regulador, do Estado, que regulamenta e determina ações para com o patrimônio. Dessa maneira, o patrimônio passa a ser visto não apenas como um recurso ou processo social e cultural, mas também um campo de disputas políticas.

Isto posto, insere-se a segunda metodologia, da análise do discurso, que atuará almejando compreender a relação de uma comunidade com a perda de seus suportes

¹⁷ Tradução Livre – “Dominant ideas about heritage values of ‘authentic material culture’ and the ‘built environment’ are being rewritten and redefined within a cultural process that privileges the performativity of ‘doing’ and ‘being’, rather than the possession of, or association with, material objects. This is not to say that the physicality of place and object are abandoned as important elements in the heritage process, but rather they are de-privileged, and reassigned supporting roles in a process that is fundamentally about providing and creating opportunities for acts of remembering and commemoration, and above all social networking.” (SMITH, 2006, p.238)

¹⁸ Tradução Livre – “(...) there is a dominant Western discourse about heritage, which I term the ‘authorized heritage discourse’, that works to naturalize a range of assumptions about the nature and meaning of heritage” (SMITH, 2006, p.4)

de memória, os impactos sofridos pela comunidade que se relacionam à destruição material de seu patrimônio, além de buscar assimilar a forma como o discurso do patrimônio e da memória pode ser usado, adulterado, exacerbado ou obliterado pelos diferentes atores presentes e atuantes nos eventos em estudo.

Na sua forma mais simplista, como observa Wetherell (2001: 3), o discurso é o 'estudo do uso da linguagem', é uma análise de como a linguagem é usada 'para fazer as coisas', mas não é redutível à linguagem (ver também Taylos 2001: 5) Trata-se da inter-relação entre linguagem e prática (Hall 2001: 72) (SMITH, 2006, p.14)¹⁹

Esta metodologia foi inserida após as vivências em campo do pesquisador, que será descrita logo a seguir. Segundo Smith (2006), podemos definir a Análise Crítica do Discurso (ACD) como uma metodologia que se baseia não apenas na análise do discurso em si, mas também no contexto social e político em que esse discurso está inserido, e para além disso, uma análise dos impactos sociais que este discurso pode gerar.

A situação que provocou a inserção desta metodologia se relaciona com a produção e divulgação do “Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues” (ICOMOS/BRASIL, 2019a). Após o desastre ocorrido no território de Mariana, em 5 de novembro de 2015, acirra-se um processo de disputas no território de Bento Rodrigues. Com o objetivo emergencial de salvaguardar os resquícios materiais do povoado de Bento Rodrigues, a prefeitura de Mariana (MG), via Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Mariana (COMPAT), realiza o tombamento de todo o povoado – ainda sem um estudo que pudesse sustentar o mesmo. Assim, compreendendo que para a preservação efetiva seria necessária a realização de estudo mais aprofundado, o COMPAT aciona o Ministério Público do Estado de Minas Gerais, que por sua vez convida o Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS/BRASIL) para realizar tal tarefa.

Todo o processo de pesquisa e atuação em campo tem início em finais de 2015, início de 2016 e continua até abril de 2019. A formulação do Dossiê (ICOMOS/BRASIL, 2019a) teve um destacado início com a elaboração da “Declaração de Significância”, instrumento de salvaguarda em texto breve, que almeja ser amplamente

¹⁹ At its most simplistic, as Wetherell (2001:3) observes, discourse is the 'study of language use', it is an analysis of how language is used 'to do things', but is not reducible to language (see also Taylos 2001:5). It is about the inter-relationship between language and practice (Hall 2001: 72) (SMITH, 2006, p.14)

compreendido, onde estão expressos os valores e significados de tal bem cultural, além de ser uma referência para futuras ações de conservação, gestão e restauração.

Coerentemente com a perspectiva da conservação-baseada-em-valores, decidiu-se adotar no caso de Bento Rodrigues uma abordagem pautada prioritariamente pelos preceitos da Carta de Burra, [...]. Um dos conceitos centrais desta Carta vai ser a ideia de “significância cultural”, que indica a “importância” de um objeto ou lugar como um “todo” e que pode ser determinada através da análise dos valores atribuídos a ele. [...] Para se determinar a “significância cultural” de Bento Rodrigues era necessário, então, compreender e registrar a distribuição de todas as camadas dos atributos tangíveis e intangíveis do sítio em questão, o que é normalmente realizado através da produção de um tipo de documento conhecido como “Declaração de Significância”, que se colocou como primeiro passo do nosso trabalho. (ICOMOS; CASTRIOTA, 2019, p. xv)

Desta primeira etapa, de compreensão dos valores e elaboração da “Declaração de Significância”, se iniciou o processo de elaboração do Dossiê. Esse processo se realizou parcialmente através de disciplinas ministradas no Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (PPG-ACPS/UFMG), coordenado pelo Professor Leonardo Castriota, e contou, também, com vasta pesquisa documental histórica, diversas idas a campo, trocas de experiências e reflexões com outros grupos de pesquisadores, além da essencial participação popular dos moradores de Bento Rodrigues através de diversos grupos focais. A participação dos moradores é destacada ao longo de todo o texto do Dossiê através de trechos de suas falas e também com o direcionamento teórico-metodológico da produção do documento.

Assim, em finais de 2018, o Dossiê (ICOMOS/BRASIL, 2019a) entra em fase final de ajustes de formatação e edição de texto. Em abril de 2019 o estudo encontra-se finalizado é levado para uma reunião de entrega e discussão para ajustes que os moradores pudessem julgar necessário (Figura 07). Nesta reunião são feitas ponderações, principalmente acerca de termos utilizados (como o termo ‘ex-moradores’, que deveria ser modificado para ‘moradores’ – uma demonstração do processo de empoderamento da comunidade), e os pesquisadores acatam as demandas e finalizam o Dossiê.

Figura 07: Reunião com os moradores de Bento Rodrigues para entrega do “Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues”



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

Dando prosseguimento aos processos de entrega do Dossiê e de cumprimento dos acordos estabelecidos em 2015, a equipe responsável pela elaboração do mesmo se reúne em sessão solene, no dia 24 de maio de 2019, na Escola de Arquitetura da UFMG, de entrega do documento (Figura 08).

Figura 08: Capa da notícia de recebimento do “Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues” pelo Ministério Público do Estado de Minas Gerais.

The screenshot shows the homepage of the MPMG website. The main navigation menu includes: CONHEÇA O MPMG, ÁREAS DE ATUAÇÃO, ATOS E PUBLICAÇÕES, ACESSO À INFORMAÇÃO, and COMUNICAÇÃO. The news article is titled "MPMG recebe dossiê de tombamento de Bento Rodrigues produzido pela UFMG" and is dated 30/05/2019. The article text describes the handover of the dossier to the MPMG by UFMG researchers. A sidebar on the right lists "Patrimônio Cultural" with sub-items: Apresentação, Notícias, Perguntas Frequentes, Casos Emblemáticos, Legislação, and Material de Apoio. A small image at the bottom of the article shows a group of people in a meeting.

Fonte: Site do Ministério Público do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <<https://www.mpmg.mp.br/comunicacao/noticias/mpmg-recebe-dossie-de-tombamento-de-bento-rodrigues-produzido-pela-ufmg.htm>>. Acesso em 03 nov. 2019

Após a entrega realizada aos moradores de Bento Rodrigues, e esta entrega ao Ministério Público do Estado de Minas Gerais, estavam cumpridas as obrigações diretas, relativas ao Dossiê, tanto com a população, quanto com a instância pública que acionou os pesquisadores. Mesmo assim, por diversas vezes, a equipe entrou em contato com o COMPAT (Mariana-MG) para entrega do Dossiê também para a administração pública, mesmo que compreendendo que eles teriam acesso via Ministério Público, haja vista que foi o mesmo que solicitou a elaboração. Os contatos estabelecidos não se efetivaram em uma reunião (até setembro de 2019).

Em 10 de setembro de 2019, os pesquisadores são surpreendidos com a publicação da notícia “Proposta de desapropriação surpreende moradores de Mariana” (MACIEL, 2019) pela agência Pública de Jornalismo investigativo (Figura 09) onde constava a descrição da referida proposta de desapropriação dos moradores de Bento Rodrigues, com a suposta efetivação do Museu de Território sugerido pelo “Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues” (ICOMOS/BRASIL, 2019).

Figura 09: Capa da notícia “Proposta de desapropriação surpreende moradores de Mariana” da Agência de Jornalismo Investigativo “Pública” de setembro de 2019



Fonte: Agência de Jornalismo Investigativo “Pública”. Disponível em: <<https://apublica.org/2019/09/proposta-de-desapropriacao-surpreende-moradores-de-mariana>>. Acesso em 03 nov. 2019

Nesta notícia consta em anexo o documento intitulado “Termo de Compromisso e Responsabilidade Socioambiental” que teria autoria do Ministério Público do Estado de Minas Gerais e do Ministério Público Federal (2019). Este documento propõe um processo de desapropriação por parte do Estado/Município dos imóveis que se inserem em descrita área, com a justificativa da implantação de um museu de território

em Bento Rodrigues. O documento faz uso de um pretense respaldo do “Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues” (ICOMOS/BRASIL, 2019) para justificar as ações. Segue trecho do documento:

Cláusula 1ª: Constituem objetos do presente termo (1) a justa indenização pela ocupação dos terrenos requisitados administrativamente para construção do Dique S4 em Bento Rodrigues no período entre 20 de setembro de 2016 e 20 de setembro de 2019; **(2) a justa indenização para desapropriação** por parte do Estado/ Município dos imóveis objetos da requisição administrativa, bem como dos demais imóveis que constituem o distrito de Bento Rodrigues; (3) o reconhecimento do valor cultural do distrito de Bento Rodrigues; (4) a definição de medidas de reparação integral pelos danos ao meio ambiente cultural no Município de Mariana, através de (a) instituição do circuito turístico Caminhos da Mineração, nos termos da Lei Municipal 2855, de 15 de maio de 2014, integrando ao Circuito Estrada Real; (b) implantação de ponto do Circuito Caminhos da Mineração em Paracatu de Baixo, abrangendo a Igreja Santo Antônio e demais imóveis protegidos; **(c) implantação e administração pelo, prazo mínimo de 30 anos, do museu de território Bento Rodrigues**; (d) reparação in natura dos danos ao patrimônio material e imaterial, arqueológico e espeleológico no Município de Mariana; (e) elaboração e implantação, no que couber, de estudos, inventários, diagnósticos, planos, programas, medidas e ações voltados à proteção do patrimônio edificado; móvel; paisagístico; imaterial; arqueológico e espeleológico; bem como à educação patrimonial. (MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS; MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2019, p.23, grifo do autor)

b) arcar com os custos **para justa indenização dos imóveis**, a ser paga aos proprietários desapropriados, na área do museu do território prevista no **dossiê de tombamento**; (MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS; MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2019, p.28, grifo do autor)

Esta divulgação gerou grande comoção por todos os moradores de Bento Rodrigues (Minas Gerais) que se viram mais uma vez alvos de ingerências, sem estarem em acordo. A notícia, como dito, surpreendeu os autores do Dossiê, e o ICOMOS/BRASIL prontamente formulou uma nota de esclarecimento sobre os fatos, em 11 de setembro de 2019 (Figura 10).

Figura 10: Trecho da “Nota do ICOMOS/BRASIL” de setembro de 2019



Fonte: ICOMOS/BRASIL, 2019b

5. Que, na escuta da população atingida realizada por nossa equipe, apareceu reiteradamente a necessidade de se respeitar o direito de propriedade de cada um deles, mesmo que se opte por preservar as ruínas das edificações como se encontram. (ICOMOS/BRASIL, 2019b, p.1)

A nota divulgada pelo ICOMOS/BRASIL (2019b) contém também trechos do próprio Dossiê (ICOMOS/BRASIL, 2019a), onde se faz presente a necessidade clara de escuta e participação popular, o respeito ao direito de propriedade e o papel fundamental dos moradores na constituição do Museu de Território.

Independente da nomenclatura, o principal é que enquanto os museus tradicionais têm por objetivo "servir" prioritariamente ao conhecimento e à cultura (analisada sob um viés mais clássico do termo), **o principal objetivo de um museu comunitário é "servir" à comunidade** e buscar a promoção de seu desenvolvimento, entendendo por desenvolvimento local o “processo pelo qual um território detecta e usa todos os recursos disponíveis (naturais, humanos e culturais), por meio das forças ativas da comunidade” (VARINE, 2014. p. 26). Sendo assim, o museu comunitário possui uma dimensão cultural muito significativa podendo ser um meio para ampliar e valorizar a cultura do lugar, através do seu objetivo de produzir mudanças locais e regionais positivas, ligadas às raízes sócio-culturais e psicológicas da comunidade local. // Ressalta-se o **papel fundamental da comunidade em todas as etapas da formação de um museu comunitário**, desde a sua idealização até à sua implantação, funcionamento e gestão (VARINE, 2005). (ICOMOS/BRASIL, 2019a, p.270, grifo do autor)

De modo emergencial, para conter maiores danos, o Ministério Público do Estado de Minas Gerais convoca um Audiência Pública para esclarecer os fatos (Figura 11) no dia 12 de setembro de 2019. Nesta reunião estavam presentes de forma massiva a população de Bento Rodrigues, representantes do Ministério Público Estadual e Federal, representantes da prefeitura de Mariana, representantes do governo do

Estado de Minas Gerais, representantes da equipe que elaborou o Dossiê, além de representantes de empresas responsáveis por auditar as ações que estão sendo feitas no território de Bento Rodrigues

Figura 11: Imagens da Audiência Pública realizada em Mariana (Minas Gerais) promovida pelo MPMG em setembro de 2019



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Ao longo da reunião, foram expostos, de forma alargada no tempo, diversos pareceres acerca das ações que estavam sendo tomadas em Bento Rodrigues pelos auditores. E logo em seguida, após a exposição dos auditores técnicos, entram as falas dos representantes do Estado explicando que nenhuma ação relativa ao “Termo de Compromisso e Responsabilidade Socioambiental” (MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS; MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2019) seria tomada sem a participação efetiva da população. Os representantes dos Ministérios Públicos (Estadual – Minas Gerais e Federal) deixaram claro que este documento divulgado era um “ruído” e que não estavam previstas ações que não fossem construídas em conjunto à população. Abriu-se então para falas dos presentes que não compunham a mesa, houve a participação ativa da comunidade, clamando por seus direitos, destacando que após quase quatro anos da tragédia pouco foi feito. Logo em seguida, os representantes da equipe de elaboração do Dossiê leram a nota divulgada pelo ICOMOS/BRASIL, que foi acompanhada por discussões e questionamentos, por representantes do COMPAT, acerca da efetiva participação popular na elaboração do documento.

Era perceptível ao longo de toda a audiência um clima de preocupação e aversão, mas que ao fim ocorre uma tentativa de apaziguamento ao se dizer que o referido ‘Termo’ não deveria ainda ter sido exposto, e que ele seria um “ruído”. Claramente os

moradores se viram mais uma vez expostas a processos decisórios em que eles eram deixados à parte. Porém, naquele momento, foi possível se conter prováveis danos maiores aos moradores e suas propriedades.

Por fim, retomando a pesquisa de escritório e elaboração desta metodologia, foi encontrada a notícia de 04 de setembro de 2019, escrita por Janaína Flores (moradora de Bento Rodrigues), Lucimar Muniz (familiar de moradores de Bento Rodrigues), Maria Cecília Alves (assessora da Cáritas), com apoio de Juliana Carvalho e Wigde Arcangelo, para o jornal “A Sirene” – importante meio de divulgação das vivências e lutas da comunidade de Bento Rodrigues.

Figura 12: Capa da notícia “Não seremos ouvidos sobre o futuro do nosso patrimônio?” do Jornal “A Sirene” de setembro de 2019



Fonte: Jornal “A Sirene”. Disponível em:

<https://issuu.com/jornalasirene/docs/setembro_2019_issuu>. Acesso em 03 nov. 2019

Nesta reportagem consta uma breve explicação acerca do processo de elaboração do Dossiê de Tombamento (ICOMOS/BRASIL, 2019a) feita por Maria Cecília Alves (assessora da Cáritas):

Geralmente o processo de tombamento parte de um dossiê. Quem faz esse dossiê não é a Prefeitura, ou o Estado, ou o Iphan. Algum órgão faz um dossiê para trazer qual é a história daquele bem, quais são as características e significância desse bem para o município ou para o Estado, porquê ele precisa ser tombado. [...] (A SIRENE, ed.41, 2019, p.11)

São levantados questionamentos acerca da elaboração do Dossiê por Lucimar Muniz e Janaína Flores:

[...] Estamos falando de uma proposta que trabalha diretamente a história, a memória, a identidade das comunidades atingidas. [...] No entanto, qualquer discussão quanto ao futuro deste território não pode ignorar os seus protagonistas. [...]

[...]

[...] Correm para apresentar documentos que muitas vezes os atingidos e proprietários dos imóveis atingidos não tem conhecimento, acabam deixando a decisão com órgãos públicos e nós, que perdemos tudo, principalmente nosso chão sagrado de nossas casas...[...] (A SIRENE, ed.41, 2019, p.11)

Novamente é inserida uma fala da assessoria da Caritas em que se destaca que decisões arbitrárias quanto ao território e às comunidades são, também, mais uma forma de violência:

[...] Qualquer decisão arbitrária em relação a destinação dessa área atingida é mais uma violação, é mais uma violência em relação a essas pessoas que continuam sendo donas e que não pediram pra sair de lá. O dossiê é um documento que justifica e explica como é aquele tombamento e os órgãos são responsáveis por efetivar o tombamento. (A SIRENE, ed.41, 2019, p.11)

Por fim, a última fala de Lucimar Muniz, familiar de moradores de Bento Rodrigues, em que novamente é questionado o processo de produção do Dossiê de Tombamento (ICOMOS/BRASIL, 2019a) e as intenções que este documento teria:

Há quase quatro anos aguardamos por este tombamento. No entanto, esta proposta, assim como a que foi realizada pelo IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico), não foi construída em conjunto com a comunidade. [...] É preciso existir diálogo e respeito pela por meio de seu envolvimento neste processo. Não se envolve ninguém com proposta construída em gabinete. [...] Anteriormente, as mineradoras decidiram o futuro das comunidades abaixo de seu complexo sem qualquer questionamento se eles desejavam aquele futuro. Hoje são os "aliados" que repetem este processo, não dá mais. (A SIRENE, ed.41, 2019, p.11)

Nota-se que as falas da representante da Caritas, Maria Cecília Alves, são falas com cunho técnico, explicando a feitura de um dossiê de tombamento, além de apresentar também uma expressão de defesa com os moradores, destacando que processos não participativos e deliberados por instâncias de poder também são uma forma de violência. A fala da moradora de Bento Rodrigues, Janaina Flores, é perpetuada por uma vivência de quem se encontra sem a sua residência, e que enxerga no território devastado um “chão sagrado”, e que compreende a necessidade de maior participação dos moradores em qualquer processo. Por fim, analisa-se que a fala de Lucimar Muniz, familiar de moradores de Bento Rodrigues, é mais enfática ao destacar os processos que não são participativos e ao nomear os grupos que executam esses

processo como “aliados” da mineradoras (agentes, segundo sua fala, que definiram os futuros das comunidades).

Apresenta-se então, um breve resumo da cronologia dos acontecimentos:

25 de abril de 2019 – Reunião em Mariana (Minas Gerais) de entrega e retorno do ‘Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues’ (ICOMOS, 2019a) à comunidade de Bento Rodrigues por parte da equipe do ICOMO/BRASIL que participou da elaboração do mesmo.

24 de maio de 2019 – Reunião em Belo Horizonte (Minas Gerais) de entrega e retorno do ‘Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues’ (ICOMOS/BRASIL, 2019a) ao Ministério Público do Estado de Minas Gerais por parte da equipe do ICOMO/BRASIL que participou da elaboração do mesmo.

19 de agosto de 2019 – Data que consta no documento intitulado ‘TERMO DE COMPROMISSO E RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL’ (MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS; MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2019).

04 de setembro de 2019 – Publicação da reportagem “Não seremos ouvidos sobre o futuro do nosso patrimônio?” pelo jornal “A Sirene”.

10 de setembro de 2019 – Publicação da notícia “Proposta de desapropriação surpreende moradores de Mariana” pela agência de jornalismo investigativo “Pública”.

11 de setembro de 2019 – Publicação da nota do ICOMOS/BRASIL (ICOMOS/BRASIL, 2019b) em resposta às notícias sobre a desapropriação.

12 de setembro de 2019 – Audiência pública de esclarecimento acerca das notícias da desapropriação, convocada pelo Ministério Público do Estado de Minas Gerais, com presença do Ministério Público Federal. Contou com participação de parte da equipe do ICOMO/BRASIL que participou da elaboração do ‘Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues’ (ICOMOS/BRASIL, 2019a).

É notável, ao longo de todo este processo, a presença das três perspectivas do discurso em patrimônio apontadas por Smith (2006), o discurso científico, o discurso popular e o discurso regulador. Evidencia-se que há uma disputa clara de poder, em que os diferentes agentes se enfrentam e utilizam do discurso do patrimônio – neste momento muito aos moldes do AHD – para defender os seus interesses. A breve

análise realizada na reportagem do Jornal “A Sirene” – que aparece recorrentemente ao longo do percurso dessa pesquisa – revelou-se como um caminho potencial para a aplicação da metodologia.

Como dito no começo deste trecho do texto, essa experiência etnográfica, seguida de uma análise posterior dos discursos em disputa, assim como das reflexões feitas, direcionou o caminho da pesquisa. Assim, segue-se a formatação de uma proposta metodológica e a delimitação do *corpus* de análise.

● 3.5 Discurso

A proposta de aproximação com a “Análise Crítica do Discurso” como um campo de estudos que poderá trazer ferramentas metodológicas para se estruturar a proposta de metodologia que segue, nos é muito cara por três motivos principais: o primeiro, como já exposto, permite uma aproximação de uma conceituação de patrimônio muito atualizada, que vem sendo elaborada por pesquisadoras como Laurajane Smith (2006) e Emma Waterton (2010), em que o Patrimônio Cultural é visto como processos (e não simplesmente enquanto materialidade), formado por performances sociais em que os discursos podem ser considerados como um campo central; segundo, pois ao percorrer e aproximar do estudo de caso proposto para esta pesquisa, a comunidade e o território de Bento Rodrigues, foi claramente perceptível que estão nos discursos as possibilidades de mudança e ação; e, terceiro, pela aproximação do *corpus* de análise, o Jornal “A Sirene”, um veículo ímpar de representação e prática de uma comunidade.

Mas, para se estruturar esta metodologia, precisamos inicialmente, compreender ainda que brevemente como se pode definir discurso, as possibilidades de abordagem para com este conceito e, assim, construir uma proposta metodológica de análise. Começaremos pelo trecho em destaque:

Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. (KRENAK, 2019, p.31)

Ailton Krenak é um pensador brasileiro e uma das lideranças e vozes expoentes da comunidade indígena Krenak. Assim como muitos outros povos e comunidades, os

Krenak fazem parte daqueles que foram afetados pelo desastre-crime de novembro de 2015 com o rompimento da Barragem de Fundão. Os Krenak habitam um território que é banhado pelo Rio Doce, próximo à divisa do Estado de Minas Gerais com o Estado do Espírito Santo, uma reserva indígena de quatro mil hectares localizada entre os municípios de Resplendor e Conselheiro Pena, ambos em Minas Gerais. O Rio Doce para os Krenak não é apenas um recurso hídrico, ou um elemento geográfico, para eles o Rio é *Watu*, uma entidade, “nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas” (KRENAK, 2019, p.40). O *Watu* faz parte da construção coletiva deste grupo indígena, enquanto entidade que ensina, que provê, que é suporte de vivências e memórias. Mas, *Watu* foi gravemente afetado pelo desastre e, conseqüentemente, toda esta comunidade indígena que com ele tinha uma relação. Podemos perceber, que sobre um mesmo elemento/acontecimento, como bem pondera Ailton Krenak no trecho destacado acima, habitam diferentes discursos, diferentes histórias e muitos vieses. A ideia vã, que prevaleceu por muito tempo de que haveria um discurso superior, que estaria acima dos demais discursos, um discurso científico autorizado (ou até mesmo um AHD) vem vertiginosamente enfraquecendo.

Em seu uso mais cotidiano, a palavra ‘discurso’ poderia ser definida como uma maneira de se estabelecer uma comunicação, muita das vezes vista como uma forma oficial de se dizer algo, um discurso político, de inauguração, de posse, de agradecimento. Entretanto, ‘discurso’ também pode ser definido como uma ação comunicativa qualquer (escrita ou falada), em que ao se usar esta palavra busca-se dar ênfase ao que foi dito ou escrito. Como aponta o dicionário Houaiss (DISCURSO, 2020), a primeira definição de discurso seria “1. Mensagem oral, ger. solene e prolongada, que um orador profere perante uma assistência” e a segunda seria “2. Peça de oratória ger. para ser proferida em público, ou escrita como se fosse para esse fim; sermão, oração”. Etimologicamente, esta palavra se aproxima da ação de correr (*cursus*) para direções diferentes (*dis*) (DISCURSO, 2020). Ao aproximar da etimologia da palavra ‘discurso’, podemos compreender melhor o que algumas abordagens que iremos ter como base propõem.

Há diferentes abordagens que buscam definir teoricamente o que seria discurso: nos embasaremos nos estudos da linguística que se aprofundam em uma definição e estudo do ‘discurso’ a partir da década de 1960, como aponta o pesquisador Iran Ferreira de Melo (2009), dada a publicação, em 1969, do livro “Análise Automática do

Discurso” de Michel Pêcheux. Em seu trabalho, Melo (2009) faz um breve panorama de definições do que seria discurso segundo teóricos/correntes de pensamento da linguística, elaboramos a seguinte tabela que traz este compilado:

Tabela 03: Correntes de pensamento e definições de discurso

Teórico Corrente de Pensamento	Definição de Discurso
Estruturalistas	Conglomerado de palavras ou sentenças. O sujeito do discurso enquanto reproduzidor de um sistema linguístico e decodificador de uma mensagem.
Pêcheux (1990)	Materialização ideológica. O sujeito é um depósito de ideologia sem vontade própria.
Fairclough (2001)	Prática social reprodutora e transformadora de realidades sociais. O sujeito, a partir de uma perspectiva psicossocial, propenso ao moldamento ideológico e linguístico e, também, transformado de suas próprias práticas discursivas.
Maingueneau (2005)	Dispersão de textos inscritos historicamente. O discurso não opera sobre a realidade, mas sobre outros discursos. O sujeito é um espaço cindido por discursos.

Fonte: Do autor (2020) a partir do texto de MELO (2009)

Os teóricos/abordagens apresentadas constituem referências ao se tratar do campo ampliado dos estudos do discurso. E a tabela busca organizar de uma maneira cronológica as elaborações das definições segundo estes autores. Vale ressaltar que o percurso não é linear e que as abordagens se retroalimentam. Tanto que, apesar de compreenderem o discurso de diferentes maneiras, é notável que há uma similaridade a partir dos estudos de Pêcheux na década de 1960: a percepção de que quando tratamos de discurso não estamos estudando apenas a língua, os códigos linguísticos, mas o que há por trás dos discursos, entre os discursos, além dos discursos, uma complexidade de relações de poder, institucionalização de identidades sociais, processos de inconsciência ideológica, entre outros. É importante perceber que os estudos acerca do discurso sofrem essa alteração em finais da década de 1960

(momento de grandes revoluções e efervescências), com o trabalho de Pêcheux (1969) na França, principalmente pela aproximação com a prática política, que “para ele, passa pela ideologia”, como aponta Paul Henry (*In. GADET; HAK, 1997*).

Outro trabalho que também trouxe alterações profundas no modo de se compreender e analisar os discursos é o trabalho do filósofo francês Michel Foucault (2014). Em sua aula inaugural, proferida no Collège de France, em dezembro de 1970, intitulada “A ordem do discurso”, Foucault traz pensamentos e provocações acerca do que seria o discurso, da maneira como ele pode ser analisado em nossa sociedade, e mais do que isso, como ele molda ações e por elas é moldado, e “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2014, p.10). Nos trabalhos de Foucault, compreender as formas de dominação, de submissão e de poder e dialogar com o entendimento das expressões do discurso e as maneiras como esses discursos se prestam a procedimentos de manutenção ou alteração das situações postas.

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2014, p.9)

Correlacionando ao pensamento de Foucault (2014), Norman Fairclough (2003) – linguista inglês que é referência para a estruturação da metodologia deste trabalho – nos mostra que os discursos podem trazer mudanças em nosso entorno, em nossas atitudes, valores e crenças. Segundo Fairclough (2003), discursos podem começar guerras, contribuir para mudanças na educação e direcionar o consumo. Além disso, mudanças nas materialidades do território também podem se dar a partir de discursos, como o desenho urbano e os projetos de arquitetura. Esta abordagem do teórico e linguista inglês permite uma ampliação da percepção do que é o discurso, corroborada por Waterton (2010), que o classifica não apenas como a fala ou a escrita, mas também as imagens, o design e a música. E expande para um nível mais complexo, em que o discurso pode ser visto também como performances sociais, identidades, expressões e maneiras de ser – como Fairclough (2003) também acredita.

Há, entretanto, como já brevemente visto várias escolas de abordagem do discurso. Duas são mais proeminentes e pautam maneiras de se analisar o discurso: a escola francesa, com o pesquisador Michel Pêcheux em proeminência, e a escola inglesa,

com o pesquisador Norman Fairclough em destaque. Estudaremos na próxima sessão as diferenças e similaridades encontradas entre essas abordagens e discutiremos acerca da escolha que será referência para a metodologia que foi concebida.

- **3.5.1 Os estudos do discurso: Análise Crítica do Discurso ou Análise do Discurso**

Ao aproximar das possibilidades de estudo que abarcam análises discursivas, somos apresentados a duas principais escolas de abordagem, a francesa, com a chamada 'Análise do Discurso' (AD) e a inglesa, denominada 'Análise Crítica do Discurso' (ACD), que ao longo das últimas décadas se desdobraram em diferentes aproximações com o estudo do discurso. Célia Maria Magalhães, pesquisadora e professora na área da linguística da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), faz uma pontuação precisa em seu trabalho de 2009, ao afirmar que os rótulos 'abordagens discursivas' e 'análise do discurso' compreendem um amplo espectro de escolas teóricas e campos de estudo, que há aproximações feitas por pesquisadores franceses, americanos, ingleses e australianos, enfatiza que estes são aqueles "cuja base é o pensamento ocidental" (MAGALHÃES, 2009, p.18). Enfatiza-se que, à parte a dicotomia recorrente nas ciências sociais entre ingleses e franceses, os estudos com 'abordagens discursivas' se ampliaram nas últimas décadas, surgindo outras referências e adaptações das abordagens que inicialmente embasaram este pensamento.

Entretanto, como um constructo do pensamento humano, esta escola de abordagem passa por um processo inicial de reflexões e novos olhares. Este processo tem início a partir de uma nova abordagem proposta por Pêcheux (1969) para o estudo do discurso. Até o momento da publicação do livro "*Analyse automatique du discours*" (PÊCHEUX, 1969) vigoravam as abordagens estruturalistas. O estruturalismo, nos estudos da linguagem, tem como maior expoente e divulgador o linguista e filósofo Ferdinand de Saussure (1857 – 1913) em finais do séc. XIX / início do séc. XX. É dito que suas aulas (e a obra póstuma "*Cours de Linguistique Générale*" - Curso de Linguística Geral -, publicado em 1915, compilado por seus alunos Charles Bally e Albert Séchehaye) são os primeiros registros dos estudos da linguística, enxergando a língua como um sistema de signos. A proposta era o estudo da língua centrada nela mesma, sem considerar o sujeito e as interações dele com a língua. Saussure enxerga

a língua como um produto finalizado e o sujeito como um sujeito passivo, reproduzidor da língua. Sua proposta metodológica de análise é feita a partir de um recorte sócio temporal, onde a investigação da linguagem se dá dentro desse recorte, baseando-se em quatro conceitos dicotômicos: significado e significante; língua e fala; sincronia e diacronia; sintagma e paradigma. Nas análises de Saussure se dava a primazia da língua sobre a fala, e opta-se pelo estudo sincrônicos, ou seja, recortados temporalmente (GADET; HAK, 1997).

As abordagens que vamos avançar, optam pelo predomínio da fala sobre a língua, compreendendo o sujeito como agente ativo no sistema de criação e reprodução da língua, ampliando a análise de uma maneira holística da inserção daquele discurso em um amplo espectro, como o local de fala do sujeito, o ambiente onde se deu o discurso, a intencionalidade, a temporalidade, os outros suportes utilizados (imagens, gestual), para quem e com quem se deu o discurso, entre outros. O surgimento desta nova proposta para a área da linguística se dá, como já dito, com os estudos de Pêcheux na década de 1960. A inserção histórica, como sempre essencial, nesse caso específico nos dá clareza para compreender que Pêcheux desenvolve esses trabalhos analíticos no contexto das revoluções francesas de maio de 1968 para investigar acerca da relação e dos discursos dos partidos políticos envolvidos em tais revoluções (MELO, 2009). Melo (2009) esclarece acerca dos três pilares epistemológicos nas análises desenvolvidas por Pêcheux:

O grande objetivo da AD era detectar os diferentes processos de reprodução social do poder hegemônico através da linguagem – a princípio muito ligado a políticas partidárias – e que a fez direcionar suas bases epistemológicas para um foco central – a ideia de que o sujeito não é dono de seu discurso, mas assujeitado por ele – constituído por meio de três pilares epistemológicos:

- o aparelhamento social, estipulado pelo materialismo althusseriano;
- a intervenção do inconsciente, teorizado pela Psicanálise lacaniana;
- a convenção social linguística extrínseca ao sujeito, postulada pelo Estruturalismo de Saussure. (MELO, 2009, p.5)

Como podemos perceber, Pêcheux faz uso dos estudos de Saussure para criar sua abordagem metodológica, inserida no contexto em que ele vive, a partir da adoção de novos conceitos ainda não empregados na linguística da primeira metade do séc. XX. Ainda segundo Melo (2009, p.6), pode-se dividir a Análise do Discurso (AD) Francesa em três períodos:

- AD 01 – “período das máquinas discursivas” – a partir do lançamento da obra

inaugural de Michel Pêcheux, onde “os discursos analisados eram todos autoritários e político teórico-doutrinários” (MELO, 2009, p.6). Nesta fase, os processos discursivos eram vistos como “máquinas discursivas” de caráter não polêmico e estabilizado.

- AD 02 – “período das formações discursivas” – com a introdução dos pensamentos de Formação Discursiva de Foucault, passa a se analisar o que pode/deve ser dito a partir de um dado lugar social que o sujeito ocupa.
- AD 03 – “período do interdiscurso” – onde o trabalho de Jacqueline Authier-Réveuz, ao introduzir a teoria de heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, enfraquece a noção eminente da Formação Discursiva, e dá espaço para as análises do interdiscurso.

Como foi apontado por Magalhães (2005), as abordagens de análise discursivas se disseminaram pelo globo e alcançaram, entre outros países, o Brasil. Segundo Magalhães (2005) a tradição de estudos de discurso no Brasil já existe desde a década de 1980, a autora faz referência à primeira edição do livro “Linguagem e Seu Funcionamento” da pesquisadora Eni Orlandi, publicado em 1983.

Após este breve entendimento da abordagem de “Análise do Discurso” francesa, pretende-se trazer um conciso panorama da estruturação da abordagem inglesa, que compõe a base da metodologia criada para essa pesquisa de mestrado. Foi necessário comparar e explorar brevemente às duas abordagens para conseguir a definição de um caminho mais claro. A pesquisadora Izabel Magalhães (2005), assim como Célia Magalhães (2009), coloca a década de 1970 e o grupo de pesquisadores da Universidade de East Anglia (Grã-Bretanha) como a data e grupo/local de desenvolvimento de uma abordagem de estudo de linguagem denominada Linguística Crítica (LC). O grupo de pesquisadores era formado por Fowler, Kress, Hodge e Trew, segundo indicam as pesquisadoras (MAGALHÃES, 2005; MAGALHÃES, 2009), que publicam em 1979 o livro “*Language and Control*” (Linguagem e Controle) que aborda a relação entre texto, linguagem, poder e ideologia. Magalhães (2005) destaca que esta seria a raiz do surgimento da abordagem proposta, já na década de 1980, por Fairclough (Universidade de Lancaster), que ele passa a denominar “*Critical Discourse Analyses*” (CDA) ou Análise Crítica do Discurso (ACD). Magalhães (2005) faz uma importante diferenciação que deve ser destacada: não podemos simplesmente denominar a ACD como uma continuação da LC; isto seria redução de “questões fundamentais [...] tanto em termos teóricos como metodológicos.”. Ela

segue afirmando que:

A ADC [Análise do Discurso Crítica, modo como Magalhães prefere denominar a ACD] estuda textos e eventos em diversas práticas sociais, propondo uma teoria e um método para descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sócio-histórico. Enquanto a LC desenvolveu um método para analisar uma pequena amostra de textos, a ADC desenvolveu um estudo da linguagem como prática social, com vistas à investigação de transformações na vida social contemporânea (Fowler, 1996; Fairclough, 2001). (MAGALHÃES, 2005, P.3)

Complementando esse pensamento, Magalhães (2009) afirma que, à época da escrita do artigo, o ano de 2009, ainda não havia um *reader* que reuniria trabalhos de ACD, o que a autora vê como uma indicação de que não se trata, então, “de um campo de estudos independentes, mas de uma escola ou abordagem consolidada dentro da AD e em destaque na contemporaneidade” (MAGALHÃES, 2009, p.25). Corroborando com este pensamento Teun A. van Dijk (2018), linguista neerlandês que é referência teórica quanto a ACD, pontua que a ACD em si não é um método, mas uma “transdisciplina distribuída por todas as ciências humanas e sociais” (p.11). Para van Dijk (2018) a ACD pode ser definida como:

[...] um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político. Com essa investigação de natureza tão dissidente, os analistas críticos do discurso adotam um posicionamento explícito e, assim, objetivam compreender, desvelar e, em última instância, opor-se à desigualdade social. (VAN DJIK, 2018, p.114)

Ampliando este entendimento de discurso, uma perspectiva de análise possível foi trazida por Gunther Kress (1940 – 2019), como indica Melo (2009), o linguista e semiótico alemão, que defende que não só através de palavras que o discurso é construído, dando-se não apenas pela análise dos significados atrelados às palavras, mas também àqueles ligados à imagem. Kress introduz estudos semióticos na ACD, através de teorias multimodais, e propõe análises também sobre a forma como o texto foi escrito, sobre gestos ao serem formulados os discursos, e relacioná-los ao seu contexto de uso.

Segundo Melo (2009), a ACD se diferencia da AD principalmente por acreditar que os discursos podem ser práticas transformadoras da sociedade. A AD, como já colocado, compreende que os discursos são um reflexo das condições sociais, e que o sujeito se apresenta como um depósito de ideologia sem capacidade de alteração. Já a ACD

tem como princípio norteador a noção do que o discurso *pode constituir e é constituído* por práticas sociais. Outrossim, por ter um forte viés de análise no que tange às disputas de poder, a ACD busca revelar “processos de manutenção e abuso de poder” (MELO, 2009, p.9). Seria papel do analista desvelar estes processos e buscar uma compreensão ampliada dos sistemas e sujeitos que os constituem. Entretanto, Magalhães (2004) faz uma consideração, se referenciando ao próprio Fairclough, ao dizer que estes processos do discurso de “constituir e serem constituídos por” não são ‘simples causalidades mecânicas’. Como pontua a autora, um determinado tipo ou aspecto do texto não irá causar, necessariamente, efeitos na conjuntura social e, ademais, não existe, referenciando Fairclough, uma relação regular associada de causa e efeito. “Além disso, Fairclough observa, causalidade não é o mesmo que regularidade. [...] Todavia, os textos produzem efeitos sobre as pessoas, e tais efeitos são determinados pela relação dialética entre texto e contexto social (FAIRCLOUGH, 2001a)” (MALHÃES, 2004, p.114).

Dando sequência, uma outra diferenciação marcante será quanto à definição de sujeito. Para a AD o sujeito é visto como um ser dependente e inserido em um campo da sociedade; dessa forma ele é condicionado por fatores extrínsecos a ele, “por essa dependência que a AD se posiciona como um campo investigativo da sociedade, pois busca investigar os processos de reprodução de poder a que são submetidos os indivíduos. (MELO, 2009, p.16)”. Já a posição adotada pela ACD na leitura do sujeito o apresenta em uma posição intermediária, em que há uma determinação estrutural, porém, há, também, uma possibilidade de consciência e ação própria. Dessa maneira, a ACD vê o sujeito como uma figura capaz de compreender as estruturas sociais e possível de modificá-las de maneira consciente. “É como se a estrutura estivesse em constante risco material em função de práticas cotidianas de agentes conscientes. (MELO, 2009, p.16)”. Como aponta Fairclough (2016):

Embora eu aceite que tanto os objetos quanto os sujeitos sociais sejam moldados pelas práticas discursivas, eu desejaria insistir que essas práticas são constrangidas pelo fato de que são inevitavelmente localizados dentro de uma realidade material, constituída, com objetos e sujeitos sociais pré-constituídos. Os processos constitutivos do discurso devem ser vistos, portanto, em termos de uma dialética, na qual o impacto da prática discursiva depende de como ela interage com a realidade pré-constituída. (FAIRCLOUGH, 2016, p.91)

Tendo em vista o *corpus* de análise escolhido e, também, após as vivências da primeira metodologia que havia sido indicada para este estudo (aproximações

etnográficas), opta-se por seguir pela abordagem inglesa de análise do discurso, principalmente por acreditar que seja possível vislumbrar mudanças sociais através dos discursos e que os sujeitos não estão limitados à ideologia ou práticas/estruturas sociais. O aprofundamento quanto ao modo de se estruturar esta metodologia será feito em um subcapítulo posterior. Seguiremos agora para uma seção que trará processos de pesquisa que se aproximam de nossa proposta e que, também, corroboram com a escolha da investigação analítica discursiva inglesa.

- **3.5.2 Aproximação da metodologia com o estudo de caso**

Esta seção tem por objetivo trazer um levantamento dos trabalhos recentes tanto de pesquisadores que se aprofundaram nos estudos dos discursos que envolvem o desastre do rompimento da barragem de Fundão de novembro de 2015, quanto de trabalhos que estudaram a comunidade de Bento Rodrigues (Mariana-MG) que se aproximam de nossa proposta, assim como do *corpus* de análise, o jornal “A Sirene”. Alguns trabalhos permitiram a aproximação das metodologias e análises feitas com a mesma comunidade de estudo, outros com o desastre de forma ampliada.

Os trabalhos de Paulo Henrique Aguiar Mendes (MENDES, 2018 e MENDES; MENEZES, 2016), pesquisador e professor em estudos da linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), se aproxima deste trabalho por realizar uma pesquisa sobre o mesmo jornal que compõe o nosso *corpus* de análise, o jornal “A Sirene”. As pesquisas de Mendes abarcam análises da linguística sobre os discursos construídos com suporte do jornal para permitir compreender para além dos mesmos, entender o contexto em que se realizam e os sujeitos que se expressam. Em um dos trabalhos, o autor (MENDES, 2018) analisa a metáfora presente nos textos, enquanto expressão das subjetividades de seus autores, ou mesmo daquele grupo que conduz o jornal. Mendes (2018) considera que o Jornal “A Sirene” é uma forma de acesso ao discurso por parte dos atingidos, e que através do jornal há uma possibilidade de uma “(re)construção de suas identidades através de estratégias de subjetivação discursiva, entre as quais a metáfora avulta como operação privilegiada” (MENDES, 2018, p.35). O pesquisador coloca o jornal como uma plataforma de mobilização e de reivindicação de direitos dos atingidos “[...] na busca pela preservação do patrimônio, pela justiça e pela participação política” (MENDES, 2018, p.35). Em outro trabalho (MENDES; MENEZES, 2016), o pesquisador Paulo Henrique Mendes, contando com a

colaboração do pesquisador William A. Menezes, também professor na UFOP, sob a ótica da análise do discurso francesa e inglesa, busca apreender os pré-discursos presentes nas edições analisadas do jornal, assim como a disputa de poder e acesso ao discurso (DIJK, 2018), reconhecendo-o como uma ferramenta de empoderamento dos sujeitos. Os autores fazem a leitura do “A Sirene” como uma “[...] forma contundente de contradiscurso e de resistência à pressão exercida pela empresa [...]”. Um conclusão alcançada pelos autores é de que o jornal se caracteriza como uma “prática de comunicação alternativa, popular e comunitária” (MENDES; MENEZES, 2016, p.1071), e que um grande desafio é equacionar as divergências políticas que emergem entre os próprios atingidos e, também, entre os atingidos e os grupos de apoio.

O pesquisador da área da comunicação Marco Túlio Pena Câmara (2018) estuda em sua dissertação, através de um repertório teórico do Jornalismo e da Análise do Discurso, a representação do desastre-crime desencadeado pelo rompimento da barragem de Fundão da empresa Samarco (Vale/BHP) em dois cadernos especiais de dois jornais “O Tempo”, jornal comercial, e “Lampião”, jornal-laboratório da UFOP. O autor (CÂMARA, 2018) objetiva analisar a forma como se deu a produção desses cadernos especiais tendo como enfoque a atuação jornalística, as condições de produção dos mesmos e os aspectos linguísticos-discursivos. Além da análise dos materiais jornalísticos em si, o autor realizou entrevistas com as equipes envolvidas nas produções dos cadernos especiais e trouxe algumas conclusões: a primeira de que o trabalho não se esgota, que a “tragédia de Mariana” não é um processo que teve fim, e que revisões vão sendo feitas à cada nova relatório, à cada nova vivência; segundo que as coberturas jornalísticas trazem recorrentemente, através dos relatos das vítimas, um “enquadramento da nostalgia” (CÂMARA, 2018, p.161), fazendo uso do discurso da memória como base em suas publicações; nesse sentido, o autor considera que a cobertura midiática “pode atuar como fonte e parte dessa memória relatada pelas vítimas” (CÂMARA, 2018, p.162); terceiro, há uma espetacularização do evento, quando se trata de um jornal comercial, e “traços contra-hegemônicos/alternativos” quando da cobertura realizada pelo jornal-laboratório.

Também em sua dissertação, a pesquisadora Lúcia Magalhães Torres Bueno (2019) apresenta uma análise crítica do discurso sobre o rompimento da barragem em três jornais impressos, um de Mariana/MG (O Liberal), um de Governador Valadares/MG (Diário do Rio Doce) e um de Linhares/ES (O Pioneiro). A proposta da autora é

compreender o desastre como um evento alargado, que se estende ao longo do curso do Rio Doce, e a maneira como esses três jornais expuseram a refletiram acerca do mesmo. A autora, logo de início, faz uma pontuação interessante acerca da escolha do *corpus*, optando por analisar apenas estes três jornais locais mais expressivos, e exatamente as edições que se aproximam da data do ocorrido e seus anos posteriores, 05 de novembro de 2015/2016/2017. A partir desta escolha, a autora busca entender quais são os impactos percebidos pelas populações e os imaginários construídos, através de uma análise do discurso produzido. A pesquisadora (BUENO, 2019) destaca que novos trabalhos podem surgir a partir de abordagens similares às apresentadas em sua dissertação, e destaca dois pontos que pretendemos atingir com esta pesquisa:

Nosso trabalho focalizou o gênero notícia, porém, acreditamos que novos trabalhos podem ser desenvolvidos, complementando-se a este, utilizando-se a Teoria Semiológica e referenciais teóricos afins, que propiciem descrições e análises de gêneros discursivos: [...] (iii) de narrativas que apresentem depoimentos de atingidos, para que se dê mais visibilidade às vozes dessas pessoas e se enfatize o valor da vida de cada ser humano;

[...]

Associados a essas outras possibilidades de investigação, vemos a possibilidade de outros recortes temáticos, a saber: [...]

- análise discursiva do Jornal A Sirene, produzido pelos atingidos de Mariana (MG); [...] (BUENO, 2019, p.147)

A autora apresenta dois pontos que serão cruciais em nossa análise, como já vimos demonstrando: a percepção dos moradores; as narrativas que são construídas por eles, e, por uma mudança de percurso, a investigação desses discursos tendo como referência o Jornal “A Sirene”, produzidos por estes moradores atingidos. No levantamento bibliográfico feito não foi encontrado nenhum trabalho que tenha, até então, analisado o Jornal “A Sirene” de forma ampliada através do olhar do patrimônio cultural, da memória e da crise, como este trabalho se propõe.

Além destes trabalhos apresentados, gostaríamos de destacar também a pesquisa coordenada pela psicóloga Débora Diana da Rosa, que apesar de não utilizar a mesma metodologia, ou *corpus* de análise similar, atuou no mesmo território com as comunidades de Mariana e traz um direcionamento similar ao que buscamos. Rosa (2019) em sua tese de doutorado investiga, sobre o olhar da psicologia social, os efeitos/impactos do desastre sobre a vida das mulheres atingidas do município de Mariana/MG. A abordagem proposta por Rosa apresenta uma dimensão complexa

pois a pesquisadora esteve inserida *in loco* em toda a situação ensejada, atuando como psicóloga na Prefeitura de Mariana e, posteriormente, como membro da equipe técnica ao fazer a análise também de sua imersão enquanto psicóloga atuante na Prefeitura de Mariana e, posteriormente, como membro assessoria técnica aos atingidos e atingidas de Mariana/MG. O trabalho de Rosa pode ser aproximado desta pesquisa pois a partir de uma vivência de um grupo, a autora busca refletir acerca do contexto que ensejou a situação vivida, assim como refletir sobre teorias que discutem, no caso da pesquisa de Rosa, o lugar imposto a mulher, os sistemas de opressão e a violência institucional, psicossocial e patriarcal. Ou seja, através de uma situação particular, a autora é capaz de abordar uma condição que pode ser lida em diferentes contextos. A aproximação é feita na medida em que nesta pesquisa de mestrado que se apresenta, iremos partir desta mesma vivência (o desastre em uma comunidade de Mariana-MG), porém sob o olhar da memória e do patrimônio cultural, buscando a uma expansão e compreensão teórico-metodológica para uma experiência que pode ser vivida por outras comunidades que assim como em Bento Rodrigues perderam os seus suportes materiais de memória.

● 3.5.3 Proposta metodológica e *corpus* de análise

Any understanding of heritage both determines, and is determined by, a dialectic relationship between society and discourse. For each perspective on heritage, the uses and experiences talked about are done so in different and sometimes incompatible ways. It is not possible for everyone to piece together exactly the same understanding of heritage; instead, we all weave together different notions of identity, value, experience, emotion and memory within the discursive spaces it provides (see Wetherell 2001a: 25) (WATERTON, 2010, p.07)

A partir dos apontamentos feitos acerca do campo das análises discursivas e após a apreensão de trabalhos que tangem a nossa abordagem, adentra-se em uma proposta metodológica que almeja atingir os objetivos propostos para esta pesquisa, tendo como enfoque o objetivo geral de busca pela compreensão da relação de uma comunidade com a perda de seus suportes de memória.

Iniciaremos abordando a proposta de Fairclough (2016), para o qual algumas condições mínimas seriam necessárias para se conseguir atingir um método de análise do discurso que seja útil. A primeira condição necessária seria que o método proposto adotasse uma análise multidimensional. Esta análise multidimensional poderia ser alcançada através da amplamente divulgada abordagem tridimensional

de Fairclough, que pode ser representada pela seguinte imagem:

Figura 13: Concepção tridimensional do discurso.



Fonte: FAIRCLOUGH, 2016, p.105

A concepção tridimensional de Fairclough (2016) foi pensada de forma a reunir “três tradições analíticas, cada uma das quais indispensável na análise de discurso” (FAIRCLOUGH, 2016, p.104). A primeira seria a análise textual, compreendendo texto enquanto uma combinação de modalidades faladas, escritas e até imagens; a segundo quanto às práticas discursivas de produção, distribuição e consumo destes textos, entendo as potencialidades, limitações e vieses; e a terceira, da prática social, “como alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso comum compartilhados” (FAIRCLOUGH, 2016, p.104).

A segunda condição necessária para um método de análise seria a multifuncionalidade. Segundo o linguista inglês, como já dito, as práticas discursivas têm o potencial de modificarem o conhecimento, as relações sociais e as identidades sociais. Dessa forma, é proposta uma abordagem que compreenda a linguagem como multifuncional “e considera que os textos simultaneamente representam a realidade, ordenam as relações sociais e estabelecem identidades” (FAIRCLOUGH, 2016, p.28). A terceira seria um método de análise que abarcasse uma abordagem histórica e que, segundo Fairclough (2016), seria, à nível textual, pelos processos da ‘intertextualidade’. Compreendem-se esses processos a partir do entendimento de que os textos são construídos através da relação e articulação com outros textos que existiam previamente, modificando-os, questionando-os, reinterpretando-os. À nível de ordens do discurso compreendem-se as relações entre práticas discursivas e os

contextos em que foram feitas, analisando as mudanças em uma escala temporal. Por fim, a quarta condição necessária se daria a partir de um método crítico. O viés crítico implica em conseguir “mostrar conexões e causas que estão ocultas; implica também intervenção – por exemplo, fornecendo recursos por meio da mudança para aqueles que possam encontrar-se em desvantagem” (FAIRCLOUGH, 2016, p.29). Nesse sentido, Fairclough (2016) destaca que se deve evitar a leitura linear em que as mudanças necessariamente vem de cima para baixo, havendo uma disputa de poder nas ordens do discurso, em que as comunidades podem resistir às mudanças, se apropriar delas, ou simplesmente as seguir.

Aprofundando nas discussões de poder e acesso aos meios de discurso, traremos algumas considerações de van Dijk (2018). Segundo o autor, as formas tradicionais de poder social de grupos estavam orientada em termos de seu acesso preferencial, ou controle de sobre “recursos materiais específicos, tais como o capital ou a terra, recursos simbólicos, tais como o conhecimento, a educação ou a fama, ou a força física” (VAN DJIK, 2018, p.23). As formas contemporâneas de poder ainda se mantem, muito dentro deste padrão; porém, há uma ampliação para um poder simbólico, ligado ao controle ou acesso preferencial ao discurso público. Neste sentido, grupos que controlam discursos públicos o fazem buscando uma manutenção e ampliação de seu poder no contexto social. Assim, metodologias que almejam a análise do discurso, buscarão fazer perguntas específicas para compreender de que forma as “estruturas específicas do discurso são organizadas para reproduzir a dominação social, quer façam parte de uma conversação, quer façam parte de uma reportagem jornalística ou de outros gêneros e contexto” (VAN DJIK, 2018, p.116). Tradicionalmente, as pesquisas em análise do discurso se estruturam em investigar os discursos produzidos por aqueles que dominam os meios de práticas discursivas; entretanto, nas últimas décadas surgem pesquisas, como algumas realizadas pelo “Laboratório de Estudos Urbanos” (LABEUB) da Unicamp, em que são analisados os discursos das minorias e dos grupos sociais subalternos. Esta mudança de paradigma vem na esteira da ampliação do acesso aos meios de discurso possibilitado, também, pela disseminação do acesso à internet²⁰. Nesse sentido, o *corpus* de análise escolhido para esta pesquisa, o jornal “A Sirene”, se insere nesta análise dos grupos que não

²⁰ Aqui poderia ser ampliada através de uma discussão sobre quem, de fato, tem acesso a espaços na internet e a maneira como os algoritmos selecionam e disseminam as informações. Quais são as vozes que são reproduzidas e inflamadas pelas redes?

estão nas camadas superiores de poder; porém podemos analisar em seus discursos os processos de tomada de poder ou enfrentamento, através das narrativas dos conflitos, das disputas, dos questionamentos, ou também da reafirmação das estruturas postas²¹.

Van Dijk (2018) coloca alguns requisitos para uma investigação crítica do discurso atingir os objetivos propostos. São eles:

- Como ocorre em outras tradições de pesquisa mais marginais, a investigação em ACD deve ser “melhor” que qualquer outra investigação para ser aceita.
- A ACD concentra-se principalmente nos *problemas sociais* e nas questões políticas, no lugar de paradigmas correntes e modismos.
- A análise crítica de problemas sociais, empiricamente adequada, é normalmente *multidisciplinar*.
- Em vez de meramente *descrever* estruturas do discurso, a ACD procura *explicá-las* em termos das propriedades da interação social e especialmente da estrutura social
- A ACD enfoca, especificamente, os modos como as estruturas do discurso produzem, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam as relações de *poder* e de *dominação* na sociedade. (VAN DJIK, 2018, p.114-115)

Dentro desses requisitos, compreende-se que abordagens que tenham a ACD como base teórico-metodológica são adequadas ao se tratar da temática do patrimônio cultural, tendo em vista que este é um campo historicamente multidisciplinar que adota metodologias de diversas áreas da saber, focando em questões sociais elementares, que não se limitam a modismos ou paradigmas correntes. Aproximando do nosso caso, na relação entre patrimônio e crise, busca-se compreender e explicar as relações expressas nas práticas discursivas, almejando um fortalecimento dos discursos que desafiam as relações de poder e dominação na sociedade.

Van Dijk (2018) coloca ainda que o discurso pode ser visto enquanto um recurso social que constitui “a base do poder e cujo acesso é distribuído de forma desigual” (VAN DJIK, 2018, p.89). Ou seja, não são todos que têm acesso à mídia, às esferas da gestão pública, aos meios acadêmicos de discurso, entre outros. Dessa forma, o autor coloca que “precisamos explorar as implicações de uma questão complexa: quem

²¹ Cabe a inserção de um comentário, o próprio van Dijk (2018) coloca que a posição da academia, e dos analistas de discurso que estão inseridos dentro deste sistema também reafirmam uma estrutura social de poder. Cabe aqui deixar claro que compreendemos esta posição, porém, ao adotar a abordagem da Análise Crítica do Discurso almeja-se fortalecer, a partir deste lugar privilegiado, narrativas que não se encontram nesta posição.

pode falar e escrever para quem, sobre o que, quando e em que contexto, ou quem pode participar desses eventos comunicativos nos mais variados papéis de ouvintes” (VAN DIJK, 2018, p.89).

Nesse sentido, recupera-se a colocação presente no começo desta seção, feita pela pesquisadora Emma Waterton (2010), que coloca as compreensões relativas ao patrimônio como determinantes - e determinadas por - uma relação dialética entre sociedade e discurso. Em seu livro intitulado *“Politics, Policy and the Discourses of Heritage in Britain”* publicado em 2010, a autora (WATERTON, 2010) investiga, através de um método derivado da ACD, a construção teórica e prática do patrimônio cultural na Inglaterra enquanto uma política de discursos. Faz uso de um termo, criado por Laurajane Smith (2006) do “Discurso Autorizado de Patrimônio” (*Authorized Heritage Discourse – AHD*), para questionar essa posição de poder e privilégio que é dada para determinados representações culturais materiais e imateriais de grupos sociais específicos. Retomando este tema, do que se pode definir enquanto patrimônio, nota-se uma construção *proveniente e refletida em* discursos em que a materialidade de certos bens oriundos de determinados grupos de elite prevaleceu ao longo de séculos. A proposta inovadora que Smith (2006) apresenta, e que é levada à discussão trazida por Waterton (2010) é de que o patrimônio cultural é um fenômeno social e, por isso, construído socialmente em discursos. Em nossa proposta de abordagem, tangenciamos esta abordagem de patrimônio cultural²², mas estamos interessados em compreender as relações estabelecidas com suportes de memória de maneira ampliada. Assim, objetivando a compreensão das relações e impactos em uma comunidade da perda de seus suportes de memória, elaboramos uma metodologia que se aproxima da ACD por compreender que através dos discursos podemos abarcar as dinâmicas vivenciadas por uma comunidade que vê o seu patrimônio em um contexto de crise. E que percebe que seu patrimônio cultural e seus suportes de memória vão para além daqueles historicamente estabelecidos e institucionalmente reconhecidos.

Desta maneira, delimitamos, inicialmente, um *corpus* de análise, que, como já foi explicitado, será o jornal “A Sirene”. Este jornal foi criado em um contexto de luta pelo

²² Patrimônio Cultural aqui entendido de uma maneira contemporânea, como proposta por Smith (2006), sendo não apenas bens materiais ou imateriais legalmente identificados, mas um processo, uma performance da lembrança e da memória de um grupo. Também patrimônio cultural enquanto “um discurso no qual a legitimidade histórica, cultural e política de interesses e outros grupos é afirmada e negociada em nível local e nacional” (SMITH, 2006, p.272, tradução do autor)

direito à voz dos atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, da mineradora Samarco, em Mariana (Minas Gerais). O veículo vem sendo publicado mensalmente desde fevereiro de 2016 e é fruto de um acordo entre os atingidos, o Ministério Público e a Arquidiocese de Mariana. Há a colaboração de grupos técnicos de apoio da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, também, da assessoria técnica dos atingidos, representada em muitos momentos pela Caritas Brasileira.

Mapeamos, através de outras pesquisas que já foram realizadas (CAETANO, 2007; BUENO, 2019; CÂMARA, 2018) duas maneiras com as quais poderíamos trabalhar com a nossa análise: a primeira seria aquela focada em poucas edições, com um *corpus* restrito, mas que permitiria uma profundidade nas minúcias da linguagem e das práticas discursivas. A segunda, nossa opção, aquela que abarca um espectro amplo de textos e edições, e permite um olhar abrangente da situação. Nossa opção pela segunda abordagem se deu por conjecturar que dessa forma seria possível atingir uma leitura de contexto da comunidade, assim como perceber uma possível mudança nos discursos ao longo de cinco anos de trajetória do corpus e, também, por compreender que essas edições podem exprimir parte da vivência dos cinco anos de violências lentas (NIXON, 2011) que vem sofrendo a comunidade. Sendo assim, o corpus é composto por 51 edições do Jornal “A Sirene”, sendo da “Ed.0 – fevereiro/2016” até a “Ed. 50 – junho/2020”. Almeja-se, assim como realizado na experiência etnográfica relatada no subcapítulo “3.4. Os discursos da memória e do patrimônio” trazer outras práticas discursivas que farão parte da *subcorpora*, como por exemplo, os documentos oficiais aos quais os relatos/imagens se referenciam, os dossiês que a comunidade reportar em seus textos/imagens, as reportagens de outros jornais/veículos da mídia, ou seja, remetendo à análise dos interdiscursos propostas por Fairclough (2016).

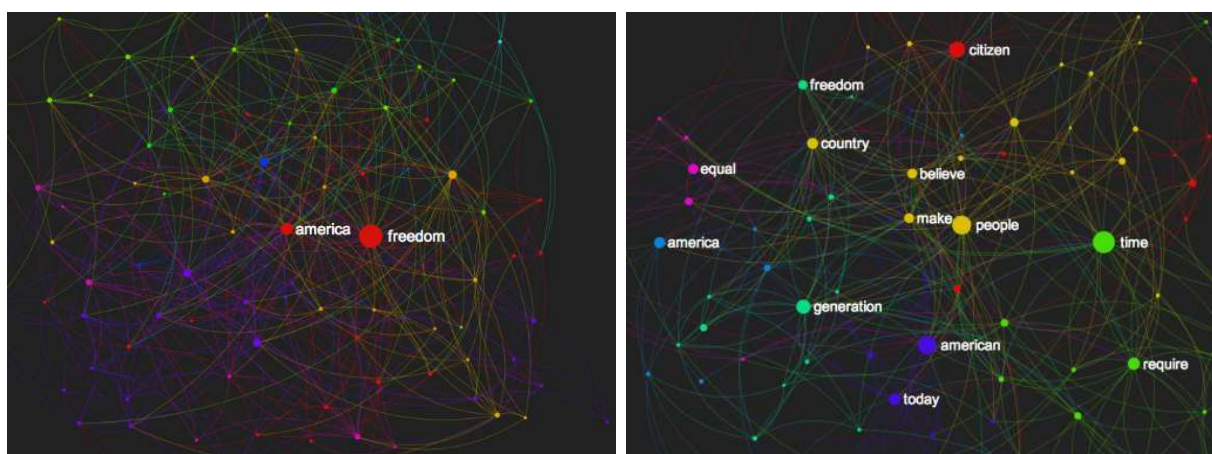
Este processo de análise crítica do discurso, relacionado aos suportes de memória, patrimônio e crise, se dará em três etapas: a primeira (01) de compreensão do contexto de produção do jornal e representatividade da comunidade nas publicações; a segunda (02) de leitura ampliada do jornal e recorrência de termos; e terceira (03) de análise da temática da pesquisa.

A primeira etapa (01) tem por objetivo compreender em que contexto se deu a criação do jornal, transparecendo o viés dos discursos nele representados, assim como as formas de financiamento do mesmo. Logo em seguida, buscaremos identificar ao

longo das 51 edições as permanências e mudanças na direção e corpo editorial, e quem são estes indivíduos que participam ativamente da seleção dos discursos que estão presentes. E, também nesta etapa, a análise da recorrência da participação e representatividade da comunidade de Bento Rodrigues nas edições. O jornal “A Sirene”, mesmo sendo produzido em Mariana (MG), conta com a participação de indivíduos de diversas comunidades, marianenses ou não, afetadas pelo desastre. Assim, identificaremos os trechos em que houve participação da comunidade de Bento Rodrigues e investigaremos acerca da representatividade da comunidade neste meio.

A segunda etapa (02) será realizada utilizando-se da ferramenta “*InfraNodus*”, criada pelo grupo de pesquisa alemão “*Nodus Labs*”²³. Essa ferramenta permite a criação de nuvens de termos mais recorrentes, que são simbolizados em pontos, e demonstra quais os termos mais se relacionam entre si, apresentado através de linhas. Esta ferramenta já foi utilizada, por exemplo, pelo jornal “*The Guardian*” na análise dos discursos de posse dos presidentes dos Estados Unidos da América de 1969 a 2013 (Fig.14).

Figura 14: Nuvem de termos nos discursos de posse dos presidentes dos EUA (1969 – 2013) ao lado de nuvem de termos no discurso de posse do presidente Barack Obama em 2013.



Fonte: NodusLabs. Disponível em: <<https://noduslabs.com/cases/presidents-inaugural-speeches-text-network-analysis/>> acesso em ago. 2020

²³ O “*Nodus Labs*” é um grupo de pesquisa, sediado em Berlim (Alemanha) que tem por objetivo criar soluções digitais para pesquisa com comunidades, comunicação e artefatos sociais através da teoria da complexidade e da ciência em rede. Maiores informações: <<https://noduslabs.com/about/>>, acesso em out. 2020

Para a nossa pesquisa, recorre-se a esta ferramenta para a análise ampliada dos discursos presentes no Jornal “A Sirene”. Inicialmente, pensou-se em analisar todos os textos produzidos ao longo das 51 edições do jornal. Realizamos alguns testes com a ferramenta digital e percebemos uma limitação, o tamanho (em megabytes) dos arquivos digitais do jornal não seria suportado pelo *software*. Assim, tendo em vista o rico material dos ‘editoriais’²⁴ do jornal que ainda não havíamos utilizado para análise, optamos por analisá-los neste momento. Dessa forma, analisaremos os 51 editoriais produzidos nas edições, primeiramente de uma maneira ampliada, abarcando todos os anos e, logo em seguida, segmentaremos ano a ano para perceber mudanças na abordagem das edições. Almeja-se com estes produtos uma análise textual mais aprofundada dos termos recorrentes e das conexões que aqueles que escrevem fazem, mesmo que inconscientemente, entre eles.

Assim, após este percurso de contexto e aproximação, alcançamos a análise que atinge o objetivo desta pesquisa, a terceira etapa (03), em que será feita uma investigação acerca do conteúdo relacionado aos trechos e imagens em que memória, suporte de memória, patrimônio e assuntos correlatos são tratados, direcionada por quatro perguntas. Como destaca o pesquisador Paulo Henrique Caetano (2007), em sua tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, é importante formular perguntas que direcionem a análise esperada. Dessa maneira, ao longo de toda a narrativa construída pelo jornal “A Sirene” é possível assimilar que diversos temas são tratados, todos, claro, orbitando a temática central do próprio jornal que é a vivência do desastre-crime da Samarco / Vale / BHP Bilinton, e as consequências e processos de reparação para as comunidades. Objetiva-se com as questões levantadas, aproximar dos objetivos propostos com a pesquisa, e compreender melhor a relação memória / suporte / crise / comunidade. A primeira questão busca fazer um recorte ampliado, para compreensão do contexto em que os assuntos são evocados:

- Em quais contextos que os termos (e correlatos) de memória/patrimônio cultural são evocados nos textos? Ao que eles se relacionam?

A segunda pergunta, já se aproxima da questão principal a ser tratada pela pesquisa,

²⁴ O ‘editorial’ é um gênero textual utilizado na imprensa, normalmente não apresenta autoria definida, mas em muitos casos é produzido pelo editor-chefe do jornal. O ‘editorial’ é um texto subjetivo que traz à tona fatos tratados no documento ao qual está vinculado juntamente a análises e opiniões do autor.

os suportes materiais e a relação deles com as memórias.

- Existem suportes materiais que são evocados quando se tratam de memórias? Quais são estes suportes evocados (coletivos, privados)?

A terceira pergunta, mais específica, busca trazer um recorte material-espacial, com o objetivo de fazer um mapeamento dos principais suportes evocados.

- Quais são os principais suportes materiais de memória coletiva evocados ao longo das 51 edições do jornal “A Sirene”?

A quarta pergunta almeja uma análise dos excertos em que se referenciam os assuntos da pesquisa, buscando assimilar qual a relação feita com essa temática para a comunidade

- Qual o tom (nostalgia, indignação, reparação, explicação) utilizado quando se trata do assunto memória / patrimônio cultural / suportes?

Após realizar esta análise, ainda na terceira etapa (03), com os resultados alcançados tendo em vista a terceira pergunta, realiza-se um mapeamento territorial (quando possível) dos suportes de memória mais revisitados pelos autores dos trechos do jornal “A Sirene”. Através deste mapeamento será possível visualizar aqueles suportes que são mais recorrentes, e também propor uma comparação com as pesquisas e apontamentos feitos por grupos que já elencaram os bens de patrimônio cultural da comunidade, assim como àqueles bens que já se encontram protegidos pelos órgãos oficiais.

A partir deste percurso das três etapas, será possível relacionar a experiência do estudo de caso com os apontamentos teóricos feitos, e também, indicar potencialidades, lacunas e desafios encontrados ao longo do percurso da pesquisa com ACD no campo do Patrimônio Cultural em Crise.

4 DISCURSOS DESPERTOS

Este capítulo vai descrever os processos metodológicos vivenciados pelos pesquisadores e também trazer análises possíveis com os dados que foram levantados. Anteriormente, percorremos a construção da metodologia e formulamos uma proposta que abarca conceitos da ACD e optamos por alguns caminhos que se adequam ao contexto espacial e socio cultural de análise, assim como da temática do patrimônio cultural e dos materiais selecionados. Cabe destacar que, por se tratar de análise crítica, há uma forte presença da subjetividade dos pesquisadores; dessa maneira, buscamos expor todos os dados encontrados, para que novas pesquisas possam ser feitas que complementem ou até que questionem o que alcançamos.

Introduziremos nossa análise com um relato sobre o primeiro contato com a publicação. Quando do recorte da comunidade e do evento crítico a ser analisado somos levados a uma infinidade de publicações, artigos, dissertações e teses, jornais, revistas, reportagens em meios digitais nos mais diversos formatos. Como já relatado, a quantidade de produção de discursos acerca do desastre-crime ocorrido em Mariana (MG) em novembro de 2015 é imensurável. Entretanto, uma dessas publicações se destaca, de forma recorrente: o jornal “A Sirene”. Surgido em um contexto de extremo processo de vulnerabilização, o jornal surge como uma voz autônoma e gerida por atingidos do evento crítico.

Desde os primeiros momentos de ida a Mariana (MG), de contato com as comunidades e também com outros atores que estavam envolvidos com o ocorrido, o jornal “A Sirene” sempre era citado e aparecia como uma referência das vozes atingidas. Em um evento específico pude ter o meu primeiro contato com a versão impressa do jornal, no dia 06 de fevereiro de 2019, no Auditório Nobre da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, com o título de “UFMG Debate – Para além do rompimento: a produção continuada dos desastres com barragens”. A conferência fora proposta para se debater acerca dos dois desastres da mineração de grandes proporções ocorridos em menos de cinco anos em território mineiro: o primeiro, de Mariana em novembro de 2015, e o segundo, de Brumadinho, em janeiro de 2019. Estes dois desastres combinados foram traduzidos nas falas dos pesquisadores e ativistas que compunham aquela mesa como eventos críticos inseridos em um contexto de crise latente no que tange a relação entre território, comunidades e produção industrial minerária.

O debate se mostrou, àquela ocasião (12 dias após o ocorrido em Brumadinho), como um protesto, ocorrendo inclusive um momento de manifestação de consternação através de um minuto de silêncio em que as luzes foram apagadas e velas foram acendidas. Naquele dia, e neste ambiente, pude ter o primeiro contato com o jornal “A Sirene” em sua forma impressa. Cópias do jornal foram distribuídas para aqueles que chegavam para assistir ao debate. Estar inserido naquela vivência, rodeado por indivíduos representantes das comunidades atingidas e pesquisadores envolvidos na temática da mineração em Minas Gerais, me fez perceber que “A Sirene” não era apenas um folheto de comunicação e notícias para as comunidades, mas um instrumento de luta, de empoderamento, contrapondo com os tradicionais detentores de poder e discurso, como van Dijk (2018) pontua.

O Jornal “A Sirene” apresenta uma imagem prontamente reconhecível. Todas as capas são claras na mensagem que pretendem passar e se relacionam com o conteúdo da edição; como coloca a pesquisadora francesa Martine Joly (2012), a imagem é uma mensagem visual, uma “ferramenta de expressão e de comunicação” (JOLY, 2012, p.55). A capa é formada por uma única fotografia que toma todo o espaço da capa e da contracapa. O título do jornal e seu subtítulo (“Para não esquecer”) sempre em destaque, com as informações da edição logo abaixo. O jornal apresenta esse nome por um motivo, descrito pelo Milton Manuel de Sena, que foi editor-chefe da publicação e morador de Ponte do Gama (subdistrito atingido de Mariana-MG):

Ele se chama “A Sirene” devido a sirene que não tocou, nem... Em local nenhum. Porque existia até tipo, placa de sirene, mas a sirene nunca existiu. Então se tivesse existido a sirene teria se evacuado muito mais fácil, teria salvado vidas também. Então, esse jornal passou a se chamar “Sirene” e ele é editado e lançado todo dia 05 que foi o dia que aconteceu o rompimento da barragem. (Milton Manuel de Sena In.: RELATO...2017)

Em praticamente todas as edições conta-se com a participação de algum morador atingido em sua capa e as fotografias traduzem explicitamente sentimentos e ações como luto, luta, indignação, fé, comunhão e outras. Trazemos abaixo dois exemplos de imagens de suas capas, respectivamente a primeira que analisamos (edição 00 – fevereiro de 2016) e a última (edição 50 – junho de 2020) (Figura 15).

Figura 15: Capas do Jornal “A Sirene”



Fonte: Jornal “A Sirene”. Disponível em: <<https://issuu.com/jornalasirene>>

O jornal é publicado mensalmente, sempre no dia cinco (data emblemática), desde fevereiro de 2016 (sendo a última edição disponível, no momento da escrita dessa dissertação, a de setembro de 2020), havendo apenas dois meses em que não houve publicação, maio de 2016 e agosto de 2019²⁵. Todas as edições da publicação contam com 16 páginas, impressas em papel-jornal em formato A3, aparte àquelas edições especiais: (01) as edições publicadas no mês de novembro de cada ano, por ser o mês em que ocorreu da desastre, contam com 32 páginas; (02) em setembro de 2017 houve a publicação de uma edição especial de 8 páginas sobre o Rio Doce, além da edição corrente do mês. As tiragens variam de 2.000 a 3.000 exemplares, que são distribuídos gratuitamente entre as comunidades de moradores atingidos, assim como entre moradores e representantes do poder público de Mariana (MENDES; MENEZES, 2016). Todas as edições estão disponíveis para acesso online, em site próprio do Jornal “A Sirene” (<<http://jornalasirene.com.br/edicoes>>, acesso em out. 2020), através do visualizador ISSUU e também em PDF. Esta distribuição física faz com que o jornal tenha acessibilidade para àqueles moradores com restrições de acesso à internet e marca a materialidade desse veículo, mas a sua disponibilização

²⁵ Mais à frente no texto explicaremos o porquê da interrupção no mês de agosto de 2019 da publicação do jornal.

online amplia a aproximação com a publicação para além dos limites da distribuição da versão impressa. Diante desta apresentação inicial do jornal, de entendimento de sua materialidade e da linguagem expressa em suas capas, abordaremos nos próximos subcapítulos cada um dos pontos elencados na metodologia, que são: compreensão do contexto de produção do jornal e representatividade da comunidade analisada (moradores de Bento Rodrigues); uma análise ampliada dos editoriais do jornal; a análise dos discursos referentes à memória (e seus suportes), patrimônio cultural e crise produzidos pelos moradores de Bento Rodrigues.

- **4.1 Contexto de produção e representatividade da comunidade**

A primeira aproximação, como já descrita, foi de reconhecimento do *corpus* de análise. Esta fase que analisaremos agora compreende a primeira etapa (01) que tem por objetivo compreender o contexto que se deu a criação do jornal e também a representatividade da comunidade. Esta etapa se mostra como fundamental pois conseguiremos deixar claro os motivos que levaram a criação do jornal, as formas de financiamento do mesmo, os principais indivíduos atuantes, ou seja, buscamos transparecer, de certa maneira, o viés dos discursos apresentados no jornal. Cabe destacar, como pontua van Dijk (2012), que o contexto não é uma condição objetiva ou uma causa direta, mas um construto dos indivíduos participantes. Assim, compreendemos que estes discursos estão inseridos em um contexto, que se modifica no decorrer do tempo (como será perceptível), e que é construído, também, por aqueles que participam da construção dos discursos. Van Dijk (2012, p.11) coloca que “não é a situação social que influencia o discurso (ou é influenciada por ele) mas a maneira como os participantes definem essa situação”.

Dessa maneira, cabe iniciar pelo processo de criação do jornal “A Sirene”. A publicação, em formato de tabloide, teve sua primeira edição em fevereiro de 2016, noventa dias após o rompimento da barragem de Fundão. Segundo o editorial da edição 00, “A Sirene é um jornal feito pelos atingidos para os atingidos.” (A SIRENE, ed. 00, 2016, p.2). Ainda segundo este editorial, o jornal surge da união entre os atingidos com grupos de apoio formado pelo coletivo #UmMinutodeSirene²⁶, a

²⁶ O #UmMinutodeSirene é um coletivo formado a partir de uma iniciativa da sociedade civil que se articulou para protestar e não deixar esquecer o ocorrido em 5 de novembro de 2015. O coletivo leva esse nome pois no dia de ocorrência da tragédia as sirenes de alerta para evacuação não estavam

Arquidiocese de Mariana, o Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto (ICSA/UFOP) e o coletivo NITRO²⁷. No site²⁸ da publicação, encontra-se a informação de que o tabloide é mantido por um acordo entre os atingidos, o Ministério Público e a Arquidiocese de Mariana.

Em acesso ao relatório institucional do Ministério Público de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 2017), assinado pelo Promotor de Justiça Guilherme de Sá Meneghin, há a indicação que os recursos encaminhados ao jornal “A Sirene” provêm de um “Termo de Compromisso de Ajustamento de Conduta Preliminar” que autorizou a distribuição de doações em dinheiro arrecadadas pela Arquidiocese de Mariana²⁹. Neste documento, há a indicação que os recursos devem beneficiar os cinco municípios da área da Arquidiocese de Mariana (Mariana, Barra Longa, Rio Doce, Sem Peixe, Santa Cruz do Escalvado), e que o primeiro projeto aprovado para ser financiado é o tabloide. O termo previa o financiamento da publicação até o mês de junho de 2019 e, como dito anteriormente, a edição de agosto de 2019 não foi publicada. Na nota que trazemos abaixo (Figura 16), o corpo editorial explica o motivo da paralização. Já na edição seguinte, em setembro de 2019, há uma retomada dos trabalhos e é exposto que este importante veículo precisa continuar existindo e expressando as vozes atingidas³⁰.

instaladas e não soaram. Assim, todo o dia cinco, o coletivo realiza uma intervenção em Mariana, na praça Gomes Freire soando uma sirene por um minuto.

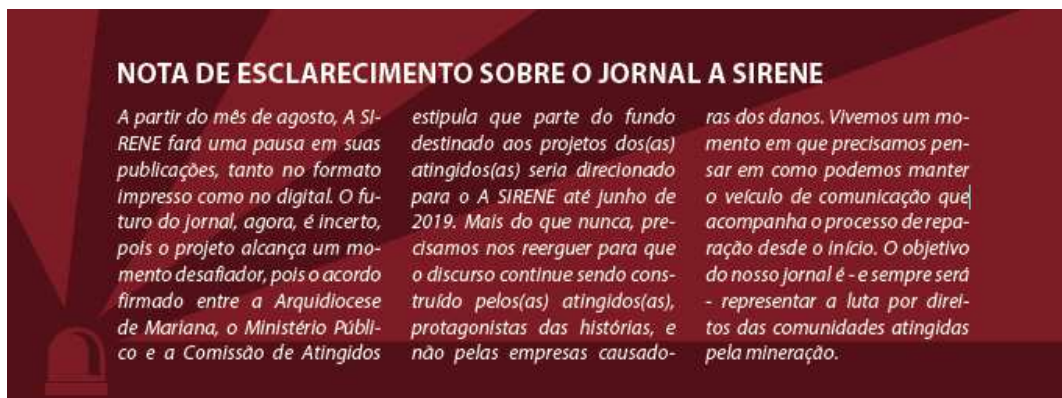
²⁷ O coletivo NITRO é formado por profissionais da área da comunicação, de origem entre Mariana, Ouro Preto e Belo Horizonte. Em seu site oficial (<<http://2019.nitroimagens.com.br/>> acesso em out. 2020), o coletivo se define como um “Coletivo de histórias visuais”. Um dos seus fundadores é Gustavo Nolasco, primeiro editor-chefe do jornal “A Sirene”.

²⁸ Disponível em: <<http://jornalasirene.com.br/sobre>>, acesso em out. 2020

²⁹ A arrecadação atingiu o valor de R\$ 920.689,58. (MINAS GERAIS, 2017, p.40)

³⁰ Há a indicação no expediente da edição 41 (setembro 2019) que o jornal continuou a ser financiado pelo TAC com a Arquidiocese de Mariana. E em nota direcionada ao jornal G1 (disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/07/18/falta-de-verba-interrompe-distribuicao-de-jornal-feito-por-atingidos-pelos-rejeitos-em-mariana.ghtml>>, acesso em out. 2020) a Arquidiocese de Mariana informa que o Ministério Público irá realizar uma reunião para reestabelecer o financiamento.

Figura 16: Nota de esclarecimento do jornal “A Sirene”



Fonte: Jornal “A Sirene”. Disponível em:

<https://issuu.com/jornalasirene/docs/julho_2019_issuu>. Acesso em 17 out. 2020

O jornal parte desta premissa de ser uma publicação independente em que, em meio aos diversos discursos produzidos sobre as comunidades e sobre o desastre, eles, os moradores atingidos, podem se expressar. Tendo em vista o financiamento advindo de doações, que passam pela Arquidiocese de Mariana (MG), onde não há uma participação direta das empresas mineradoras ou das grandes empresas de comunicação, pode-se compreender que há uma maior probabilidade de os discursos que estão expressos nesta plataforma alcançarem uma maior fidedignidade da realidade vivida pelos moradores atingidos. Além disso, fica latente para os leitores do jornal que há uma forte presença das subjetividades dos autores, em grande maioria os próprios moradores. Como destaca Mendes (2018):

O jornal A Sirene se caracteriza pela presença de textos de caráter fortemente autoral, que não se enquadram nos padrões convencionais dos gêneros jornalísticos tradicionais. Trata-se de uma forma emergente de empoderamento das comunidades atingidas, apresentando um alto grau de subjetivação e de posicionamento identitário, em que podemos destacar a presença do processo de metaforização. (MENDES, 2018, p.26)

Dentro desta etapa de investigação, buscamos identificar e sistematizar as permanências e mudanças na direção e corpo editorial das 51 edições analisadas. Foi feito um levantamento de todos os expedientes das edições analisadas. Quanto aos editores-chefes que passaram e/ou estão ativos na publicação temos os seguintes dados:

Tabela 04: Editores – ed.00 a ed. 50

Edições	Editores
Ed. 00 fev. 2016	Bruno Magalhães, Gustavo Nolasco, Léo Drummond
Ed. 01 e ed. 02 mar. 2016 e abr. 2016	Gustavo Nolasco
Ed. 03 e ed. 04 jun. 2016 e jul. 2016	Gustavo Nolasco e Milton Sena
Ed. 05 à ed. 26 ago. 2016 a mai. 2018	Milton Sena
Ed. 27 a Ed. 50 jun. 2018 a jun. 2020	Genival Pascoal e Sérgio Papagaio

Fonte: Dos autores, 2020

A trajetória dos editores da publicação ao longo dos anos é capaz de demonstrar também o caminho percorrido pelos indivíduos que compõem o veículo e o seu percurso de participação ativa no processo de produção. Na primeira edição, contamos com o nome de três profissionais da área da comunicação (Bruno Magalhães, Gustavo Nolasco e Léo Drummond) que compunham o coletivo NITRO, importante agente neste primeiro momento de criação do jornal. O jornalista Gustavo Nolasco continua como editor chefe até a quarta edição do jornal, e é inclusive nomeado pelo próprio jornal como primeiro editor-chefe. Em entrevista para o site da publicação, Nolasco destaca a importância do tabloide:

Dos três atores que tínhamos atuando no contexto do crime em 2016: o poder público, as empresas e os atingidos, o poder público tinha uma grande estrutura de assessoria de comunicação (equipamentos, profissionais, dinheiro e salários), uma estrutura de inteligência (pessoas que pensam a comunicação, as estratégias do discurso), verba publicitária (toda prefeitura têm) e o mais sórdido pra mim, que é uma estrutura partidária por trás (de qualquer governo) e que vai ser a força de seu discurso. As empresas mineradoras tinham, também, uma assessoria de comunicação, uma estrutura de inteligência, uma grande verba publicitária, e, ainda, aquilo que funciona muito bem pra elas, infelizmente, que é uma estrutura de lobistas e entidades de classe que sustentam o discurso deles. Quando se pensa nos atingidos, o que eles tinham? Absolutamente nada. (...) (NOLASCO In.: O DIREITO...2018)

Nesses primeiros meses de produção, compreendendo que a participação cada vez mais ativa dos próprios atingidos era essencial, foi iniciado, assim, um processo de

capacitação dos moradores atingidos. Com apoio da Brazil Foundation³¹ juntamente aos coletivos MICA³² e #UmMinutodeSirene foram previstas a realização de quatro oficinas de leitura crítica de mídia, direito à comunicação, mídias sociais e fotografia. Segundo a pesquisadora Lídia Helena Ferreira (2018), da Universidade Federal de Ouro Preto, essas oficinas ocorreram no primeiro ano com o intuito de fomentar a maior participação moradores atingidos. Isso porque, em entrevista para a pesquisadora, Gustavo Nolasco afirma que as primeiras edições alcançaram a participação de poucos moradores, cerca de 30³³. Dessa maneira, é notável uma inserção maior da população na publicação, inclusive pois, a partir da terceira edição, de junho de 2016, o senhor Milton Sena, morador atingido de Ponte do Gama, passa a ser editor-chefe da publicação. A sua atuação enquanto editor-chefe se dará até a edição 26, de maio de 2018, quando o editor-chefe é substituído para os senhores Genival Pascoal, morador atingido de Bento Rodrigues, e Sérgio Papagaio, morador atingido de Barra Longa.

Outras informações relevantes também foram encontradas no expediente, como os diferentes realizadores ao longo dos anos, perpassando dos coletivos #UmMinutodeSirene e NITRO, para “Atingidos(as) pela barragem de Fundão”, Arquidiocese de Mariana e #UmMinutodeSirene; os diferente grupos de apoio, como o coletivo MICA, o Brazil Foundation, o ICOSA/UFOP e Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), este último se mantendo enquanto apoiador até a edição 50.

Em visita realizada à sede do jornal em maio de 2019, fomos apresentados à responsável pela publicação à época, a jornalista Larissa Pinto. Cabe destaque aqui que o jornal conta desde suas primeiras edições com um jornalista responsável, que foram: Miriã Bonifácio (ed.06 – set. 2016), Rafael Drumond (ed.13 - abr. 2017 à ed.22 – jan. 2018), Silmara Filgueiras (ed. 23 – fev. 2018 à ed. 35 – fev. 2019), Pe. Geraldo Martin (ed. 36 – mar. 2019), Larissa Pinto (ed. 37 – abr. 2019 à ed.40 – jul. 2019) e

³¹ instituição da sociedade civil organizada que conta com a participação de brasileiros que moram no exterior e prestam apoio a ações sociais no Brasil. Maiores informações disponíveis em: <<https://www.brazilfoundation.org/pt-br/project/coletivo-um-minuto-de-sirene/>>, acesso em out. 2020

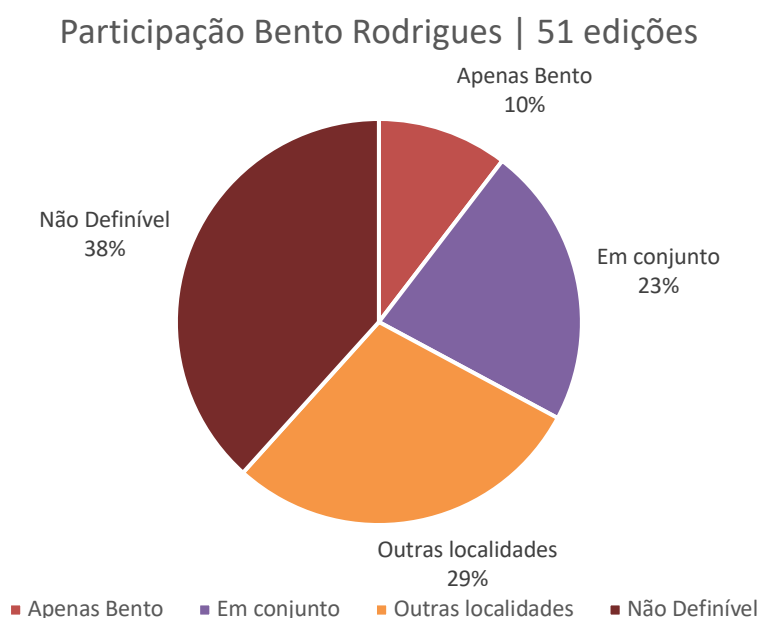
³² Maiores informações disponíveis em: <<https://www.coletivomica.org/quem-somos>>, acesso em out. 2020

³³ Em outra publicação, feita pela Caritas Brasileiras (regional Minas Gerais), assessoria técnica contratada para trabalhar com os atingidos, consta também a realização de oficinas de formação de “Repórteres Populares” no mês de agosto e setembro de 2018. Maiores informações: “Jornal A Sirene realiza a primeira oficina de Repórteres Populares”, disponível em: <<http://mg.caritas.org.br.s174889.gridserver.com/jornal-sirene-realiza-primeira-oficina-de-reporteres-populares/>>, acesso em out. 2020

Widge Arcangelo (ed. 41 – set. 2019 à ed. 50 – jul. 2020).

Por fim, nesta etapa, foi feito um levantamento da participação da comunidade de Bento Rodrigues nas 51 edições do jornal “A Sirene”. Este levantamento foi feito a partir da leitura de todas as reportagens e identificação daquelas em que Bento Rodrigues era tratado enquanto temática. Foram definidos quatro critérios para classificação das reportagens: (01) aquelas em que se tratava exclusivamente de Bento Rodrigues; (02) aquelas em que Bento Rodrigues era tratado juntamente à outra comunidade/localidade; (03) aquelas em que se tratava de outras localidades aparte Bento Rodrigues; e (04) aquelas onde não era possível se definir uma localidade. Cabe uma explicação para o item (04), por se tratar de uma publicação que também tem como intuito informar acerca das ações jurídicas e políticas que ocorrem a partir do desastre, em muitas reportagens não era tratado de uma localidade em específico, mas de assuntos coletivos relativos aos atingidos que extrapolavam os limites territoriais e das comunidades. Com este levantamento feito, chegamos aos seguintes números:

Gráfico 01: Participação de Bento Rodrigues no jornal “A Sirene”



Fonte: Dos autores, 2020

A partir destes dados é possível perceber que Bento Rodrigues apresenta uma proeminência nas reportagens, se considerarmos todas as reportagens em que a localidade/comunidade é citada, chegamos a 1/3 de todas as reportagens. Dos 548

artigos e reportagens produzidos até junho de 2020, em 180 deles a localidade/comunidade de Bento Rodrigues se faz presente. Com este levantamento, foi possível também realizar uma comparação ano a ano da participação do subdistrito que estamos estudando. Os levantamentos se encontram detalhados no “Apêndice C” e demonstram que no primeiro ano Bento Rodrigues esteve presente em 44% das reportagens, e no quinto ano, último de nossa análise, essa participação cai para 7%. Inferimos que isto se deve pelo subdistrito ter sido o primeiro e mais fisicamente atingido quando da ocorrência do desastre, além de sua comunidade ter se envolvido com a produção do jornal desde sua primeira edição. O jornal passa no quinto ano de análise a contar com expressiva participação de outras localidades, alcançando 35% das reportagens, o que demonstra também uma mudança na seleção dos assuntos tratados, expandindo para outros territórios/comunidades a possibilidade de se expressarem no jornal³⁴.

Com os dados levantados de todas as reportagens e artigos que contavam com a participação da comunidade de Bento Rodrigues ou que referenciavam este território, foi possível levantar os nomes dos indivíduos que falavam por esta comunidade³⁵. Comprovando a nossa hipótese, há uma expressiva participação da comunidade, dos cerca de 600 habitantes, 111 foram nominalmente identificados como moradores do Bento.

Tabela 05: Síntese dos dados levantados sobre participação de Bento Rodrigues

548	Total de artigos e reportagens das 51 edições
180	Total de artigos onde Bento Rodrigues é referenciado
111	Total de moradores de Bento Rodrigues que participaram dos artigos e reportagens

Fonte: Dos autores, 2020

³⁴ Nos diversos momentos em que o grupo de pesquisa em que estive envolvido pode participar de encontros, simpósios e momentos de trocas com as comunidades envolvidas no desastre e também com outros pesquisadores, era notável que Bento Rodrigues possuía um protagonismo inicial. Porém, destaco que neste caso trago uma visão com um viés por estar envolvido em um grupo que atuou diretamente na elaboração do “Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues”. Era destacável também a abertura da comunidade de Bento Rodrigues para a participação das outras comunidades atingidas, assim como de outros grupos de pesquisadores que atuavam em outras comunidades.

³⁵ Este levantamento foi possível pela característica do jornal que faz questão de definir o nome da pessoa que está participando da reportagem, além de identificar a comunidade que pertence.

Destes 111 moradores que foram possíveis de serem identificados, alguns se destacam como mais ativos no jornal, sendo eles: Manoel Marcos Muniz, Mônica dos Santos, Simária Quintão, Genival Pascoal, Lucimar Muniz e Mauro Marcos da Silva. Há uma recorrência da participação destes mesmos moradores em outras reportagens e trabalhos que nos referenciamos, assim como no processo de construção do “Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues” (ICOMOS; CASTRIOTA, 2019).

Esta primeira parte da pesquisa permitiu compreender como foi o processo de formação e consolidação do tabloide, como ele se estruturou ao longo dos anos e como a comunidade foi se inserindo mais à cada edição nas posições de tomada de decisão da publicação. A comunidade de Bento Rodrigues tem uma participação relevante na produção do jornal, sendo um dos editores-chefes pertencente a esta. E, além disso, houve uma proeminência de assuntos tratados relativos à comunidade nas primeiras edições, mas que foi se diluindo com o passar dos anos, dando espaço e voz para as demais comunidades atingidas. Seguiremos nesta análise ampliada na próxima etapa de nossa pesquisa, nos voltando agora para os textos dos editoriais.

● 4.2 Análise ampliada – Editoriais do jornal

Adentramos agora a segunda etapa da aplicação da nossa metodologia advinda da ACD. Esta etapa é caracterizada pela primeira aproximação de fato com os textos produzido pelos moradores atingidos(as) com apoio dos jornalistas do jornal “A Sirene”. Utilizaremos a ferramenta denominada “InfraNodus”, criada pelo grupo de pesquisa alemão “Nodus Labs”, que tem a premissa de criar ferramentas de pesquisa com comunidades, comunicações e seus instrumentos através de uma visão da teoria da complexidade e da ciência das redes. Nossa aproximação com as ferramentas elaboradas pelo grupo se deu a partir da experiência de utilização da “InfraNodus”. Essa ferramenta almeja a criação de uma nuvem sistematizada para análises de discursos. À primeira vista, os resultados obtidos se assemelham a uma nuvem de recorrência de termos simples, mas, adentrando as possibilidades oferecidas pela ferramenta, é rapidamente perceptível que podemos extravasar esta análise inicial. Elucidaremos, brevemente, o funcionamento da ferramenta e como fizemos uso do mesmo. Inicialmente, pretendíamos analisar todos os textos disponíveis nas 51

edições do jornal “A Sirene” que estamos trabalhando. Entretanto, há uma limitação na capacidade de *megabytes* que a ferramenta consegue processar. Por ser um software que funciona em uma plataforma online, não é possível a inserção de arquivos grandes como seriam os de todos os textos das 51 edições. Assim, entramos em contato com o desenvolvedor da ferramenta para conseguirmos alinhar uma possibilidade de utilização. Enquanto aguardávamos o seu retorno, percebemos que um rico material estava disponível para ser analisado que ainda não havíamos utilizado: os editoriais do jornal. Dessa maneira, e após recebermos o retorno do desenvolvedor, optamos pela análise dos editoriais das 51 edições, sendo que realizamos uma análise completa de todas as edições e, também, análises ano a ano.³⁶

Fizemos o recorte dos textos que seriam postos em estudo, gerando seis arquivos: o primeiro com 51 editoriais, e os outros cinco com os 12 editoriais de cada ano (sendo o último com apenas três editoriais lançados até então). O material resultante do processamento do *software* nos pareceu bastante completo e permite diversas possibilidades de abordagens: são geradas tabelas com recorrência dos termos; tabelas com àqueles termos que possuem maiores conexões, sendo os centrais na estruturação dos textos; separação por grupos de termos que são aproximados no texto; lacunas de assunto que poderiam ser explorados, com indicação de conexões que não foram feitas.

Além destas informações exibidas em tabelas, o “*InfraNodus*” gera uma nuvem formada por pontos e linhas. Os pontos são os termos mais recorrentes e/ou centrais em tópicos de discurso explorado pelo texto. As linhas são as conexões mais presentes entre os termos. Este conjunto de pontos e linhas são agrupados em cores, cada cor simboliza um tópico de discurso recorrente explorado pelos textos em análise. Destacamos que o *software* permite diversos outros ajustes (intensidade de cada ponto de termo recorrente, recorrência no tempo, termos não-óbvios, entre outros) que não exploraremos no momento.

Um adendo importante, o “*InfraNodus*” foi programado inicialmente para utilização com textos na língua inglesa, mas ele já possui versões também para as línguas russa, francesa e alemã. Há a opção de se utilizar os algoritmos inseridos, para uso exclusivo

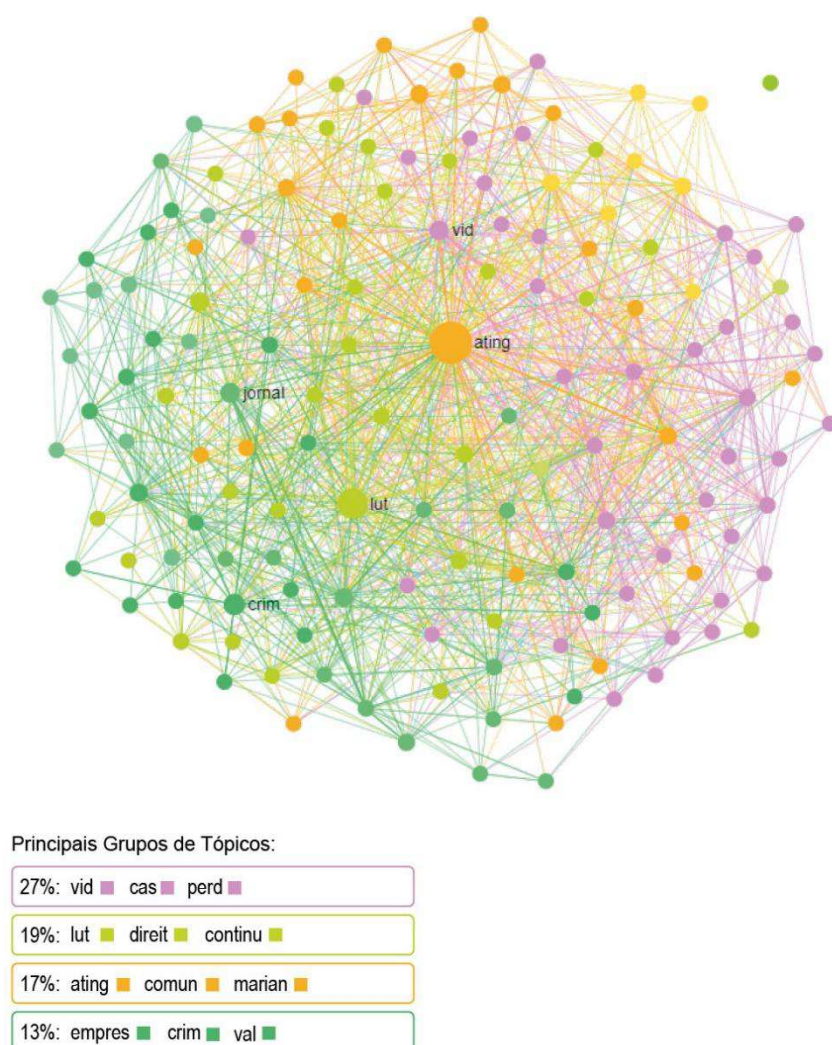
³⁶ Os gráficos interativos resultantes da pesquisa podem ser acessados pelo seguinte link: <<https://infranodus.com/joaootoni>>, acesso em out. 2020.

em pesquisa, nas línguas portuguesa, espanhola e sueca. Entretanto, estas estão programadas para análise utilizando os radicais das palavras e não as palavras completas³⁷. Esta especificidade de uso na língua portuguesa nos foi muito proveitosa, como poderemos ver a seguir.

Para a nossa análise, nos concentramos em utilizar a recorrência dos termos e a compreensão das aproximações feitas nos grupos de tópicos de discurso recorrente. Iniciaremos pela análise ampliada dos 51 editoriais das edições que compõem o *corpus*. Trazemos abaixo o gráfico síntese (Figura 17) extraído do software:

Figura 17: Gráfico sínteses dos editoriais das 51 edições

51 EDIÇÕES: EDIÇÃO 00 À EDIÇÃO 50



³⁷ O software faz uso de um algoritmo chamado "Porter Stemmer". Martin F. Porter é um pesquisador inglês que criou o algoritmo na década de 1980. Este algoritmo se tornou o mais utilizado em software que buscam a stemização (*stemming*, em inglês), que é o processo da morfologia linguística de se reduzir as palavras aos seus radicais ou troncos (*stem*, em inglês).

Fonte: Dos autores, 2020

Neste gráfico é perceptível a centralidade do radical “ating-”, que abarca os termos “atingido”, “atingida”, “atingidos” e “atingidas”. Como já era previsto, desde o primeiro editorial, e também da motivação inicial que o jornal teve, a centralidade nas percepções, falas e ações dos atingidos é refletida nos textos em análise. O radical “ating-” apresenta uma recorrência de 227 vezes, enquanto os próximos radicais mais recorrentes são: “lut-”, com 107 vezes, “vid-”, com 92 vezes, “comun-”, com 92 vezes e “direit-”, com 72 vezes. Analisando estes termos, infere-se que a abordagem presente nos editoriais trata dos atingidos, como já observado, abrangendo as vozes presentes nas comunidades, e que termos como “luta” e “luto” são recorrentes, assim como “direito” e “vida”.

O *software* seleciona aqueles grupos de tópicos que são os centrais nos discursos em análise. Notamos na imagem acima (Figura 17) quais foram os grupos de termos mais acionados. Este resultado obtido já traz uma aproximação de nossa hipótese, de que a fragmentação material de suportes de memória gera um impacto na coletividade. Percebemos que no principal tópico acionado há a presença do radical “cas-”, que nos traz palavras como “casa” e “casas”, este radical está diretamente relacionado ao radical “vid-”, que traz palavras como “vida” e “vidas” e também com “perd-”, que traz termos como “perda”, “perdas” e “perdidas”. Logo em sequência também aparecem os termos “ating-”, e também “comun-”, que remete a termos como “comunidade” e “comunidades”³⁸. Em destaque, apontamos dois trechos em específico:

Desde a tarde daquele 05 de novembro de 2015, os moradores do Bento e de Paracatu, que viviam unidos em suas comunidades, passaram a sobreviver espalhados pelos hotéis, ruas e casas provisórias da sede de Mariana. Pedaco de terra que respeitam e sempre agradecerão pela acolhida e solidariedade, mas que não é a “comunidade unida” deles. Por isso, a luta não terminou. (A SIRENE, Editorial, ed.01, p.16)

Há muitos que nem saem mais de casa. Pessoas que não vêem os amigos, às vezes, nem a família. Que perderam o prazer de colocar a mesa debaixo do pé de manga para jogar baralho ou damas. Pessoas que estão deprimidas pensando que jamais vão se sentir em casa de novo, que não voltarão a sentir o prazer de ficar à vontade num lugar com seus filhos e netos. Muitos atingidos ainda estão sofrendo traumas físicos e psicológicos causados pela lama. Tem gente doente que precisa ter um atendimento específico, pessoas que já poderiam estar recuperadas, mas que não recebem a devida atenção. A empresa está tratando a saúde dos atingidos com descaso, mais

³⁸ No “Apêndice D” trazemos estes quatro tópicos separados graficamente na nuvem de termos.

preocupada com suas propagandas do que com o cuidado à nossa gente. Essa desconsideração é tão grande que as terras de Bento Rodrigues estão sendo tomadas sem que possamos fazer nada. (A SIRENE, Editorial, ed.13, p.16)

Apresentamos logo abaixo (Figura 18) o gráfico síntese dos editoriais das 12 primeiras edições que compõem o primeiro ano de publicação do jornal. Esse gráfico reforça o que já havíamos constatado quanto à participação de Bento Rodrigues, sendo o único nome de comunidade/localidade presente em um dos principais grupos de tópicos. Além disso, notamos que “ating-”, desde o primeiro ano, é o termo que apresenta maior recorrência, e que há nestas edições um tópico recorrentemente abordado sobre o “jornal”, a “siren-”, o que inferimos ocorrer devido ao início da publicação e autorreflexões feitas. Destacamos o trecho a seguir que demonstra esse processo:

O jornal A Sirene surgiu de uma dessas ações de apoio do grupo #UmMinutoDeSirene. Não foi criado para julgar os responsáveis por este que já é o maior desastre socioambiental dos 516 anos de história do Brasil. Mesmo porque, ao entrevistarmos a própria imprensa na reportagem “Hoje o repórter sou eu”, aprendemos com o jornalista Daniel Camargos que os veículos de comunicação não devem exercer o papel que cabe à Justiça. Muito menos, o nosso grupo. (A SIRENE, Editorial, ed.01, p.16)

Em seguida a “Figura 19” apresenta o gráfico síntese do segundo ano da publicação, que se assemelha nas recorrências dos grupos de tópicos, com pouca alteração do primeiro ano. O terceiro ano da publicação, sintetizado pela “Figura 20”, já traz uma alteração na abordagem dada nos editoriais. Neste ano, o grupo de radicais composto por “lut-”, “repar-” e “direit-” se destaca com 21% de recorrência. Frente a isso, deduzimos que devido à morosidade do processo de reparação aos atingidos, de construção dos reassentamentos, termos como “luta”, “reparação” e “direito” se sobressaem. Nesse ano também há uma proeminência do ter “águ-” e “rio”, principalmente, pelos impactos nas vivências (e subsistência) que as comunidades tinham em sua relação cotidiana com o rio e, também, causado pelo avanço nas pesquisas científicas que demonstraram os danos à longo prazo nos rios atingidos. Como é perceptível no trecho a seguir:

Pensando em questões como a do “ponto de vista dos rios atingidos”, trazemos o ensaio fotográfico “Gualaxo”, que mostra como a paisagem da região de Paracatu de Baixo mudou de cor e como isso tem implicado na vida de todas as pessoas que necessitavam/necessitam daquelas águas para trabalhar, para cuidar das suas plantas e de seus animais. Além daquilo que podemos ver, ainda somos vítimas das marcas invisíveis deixadas por esse crime. Sabemos que algo tem atingido diretamente a nossa saúde, algo tem nos contaminado, ou

intoxicado, e, até hoje, enfrentamos a dificuldade de entender exatamente de onde isso vem e como podemos fazer para nos curar. A certeza que temos é a de que o meio ambiente em que vivemos, trabalhamos, nos criamos e que também nos nutre, deixou de ser saudável. (A SIRENE, Editorial, ed.27, p.16)

No quarto ano de publicação (Figura 21), dois radicais que ainda não haviam aparecido assumem destaque: “territori-” e “audiênc-”. O quarto ano é marcado pela relação que vai se estabelecer entre os desastres de novembro de 2015 e janeiro de 2019, nos territórios de Mariana (MG) e Brumadinho (MG). Com a expansão das discussões para outras comunidades, e como os atingidos do desastre de 2015 recorrentemente se referenciavam aos “novos” atingidos, o termo “território” passou a ser inserido na linguagem utilizada nos editoriais. Deduzimos também que este vocábulo passou a ser utilizado por ser recorrente nos laudos, pesquisas e documentos técnicos utilizados nas “audiências” e espaços de negociação. Desde a 6ª edição do jornal “A Sirene”, quando a atingida Angélica Peixoto (moradora de Paracatu de Baixo) fez uma reflexão acerca do aprendizado que envolve ser atingido, os espaços de negociação (como as “audiências”), que não faziam parte do cotidiano das comunidades, passaram a ser incorporados e compreendidos enquanto ambientes de disputa de poder. Como destacamos no trecho a seguir:

Tivemos uma audiência muito tensa, como tantas outras. Nela, ficou claro que não há uma igualdade entre as partes, o que deixa a luta mais angustiante a cada dia. É preciso que as pessoas que têm o poder de decidir visitem os territórios atingidos para que possam sentir na pele o que vivemos e, assim, deliberar sobre nossas vidas conhecendo o que passamos e sabendo o que realmente é melhor para nós. Ver de longe é diferente de vivenciar o que é ser atingido(a). Esse é o momento de estarmos mais unidos e repensarmos estratégias para as próximas audiências, fazendo com que nenhum(a) atingido(a) perca seus direitos. (A SIRENE, Editorial, ed.39, p.16)

No último ano analisado (Figura 22), os três editoriais apresentam mais uma diferenciação, como em todo o mundo, os termos “pandemia” e “coronavírus” são incorporados ao vocabulário utilizado pelos editores. Como podemos ver, a relação que os moradores fazem desta crise coletiva que estamos vivendo, com o evento de crise aguda que eles viveram há cinco anos:

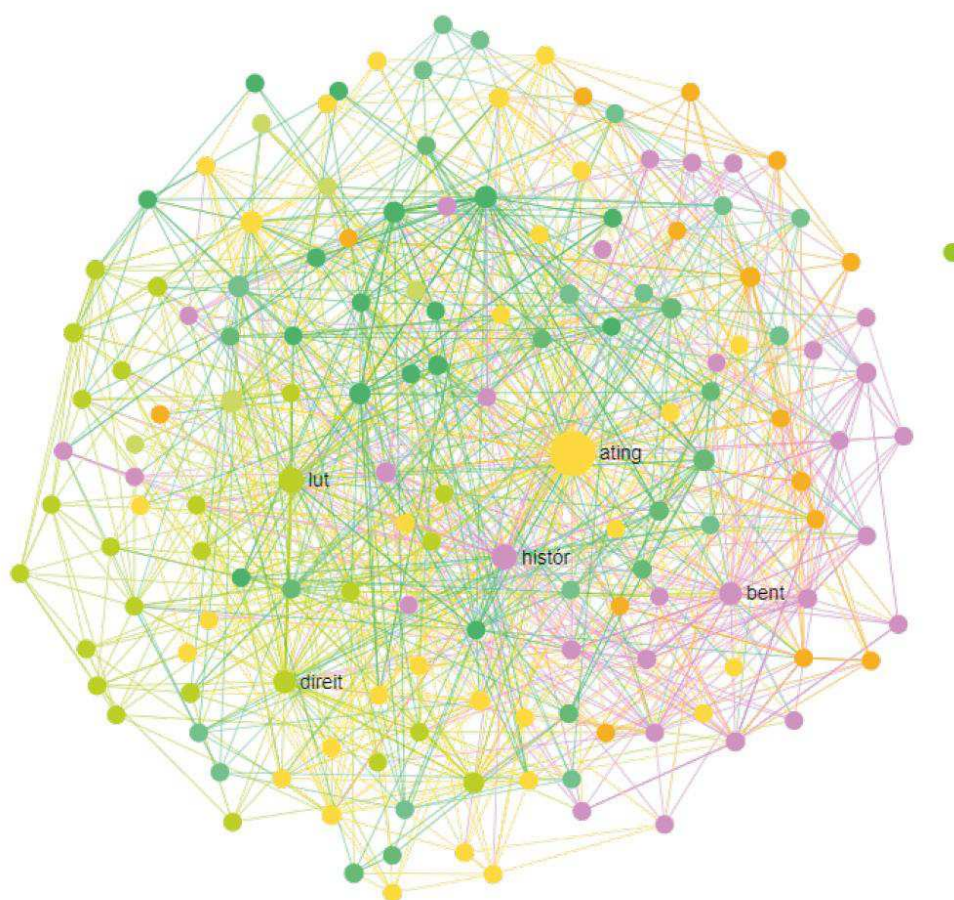
Eu costumo dizer, e vi muitas pessoas dizendo na época: ‘o que seria de nós se o rompimento tivesse sido à noite?’ Vejo essa pandemia como uma barragem que se rompe à noite. A gente não sabe de onde vem, como vem, só tem a noção da forma de contágio. Então a gente fica meio perdido, é como se tivesse uma barragem rompendo durante a noite, a gente no escuro, sem saber pra onde correr.” Foi assim que

Mauro Silva, morador de Bento Rodrigues, definiu a pandemia de Covid-19. (A SIRENE, Editorial, ed. 50, p.16)

Nas próximas páginas apresentamos os gráficos síntese dos editoriais dos cinco anos de jornal que compõem o corpus, separados por anos.

Figura 18: Gráfico sínteses dos editoriais do primeiro ano de publicação

PRIMEIRO ANO: EDIÇÃO 00 À EDIÇÃO11



Principais Grupos de Tópicos:

20%: ating ■ marian ■ reforc ■

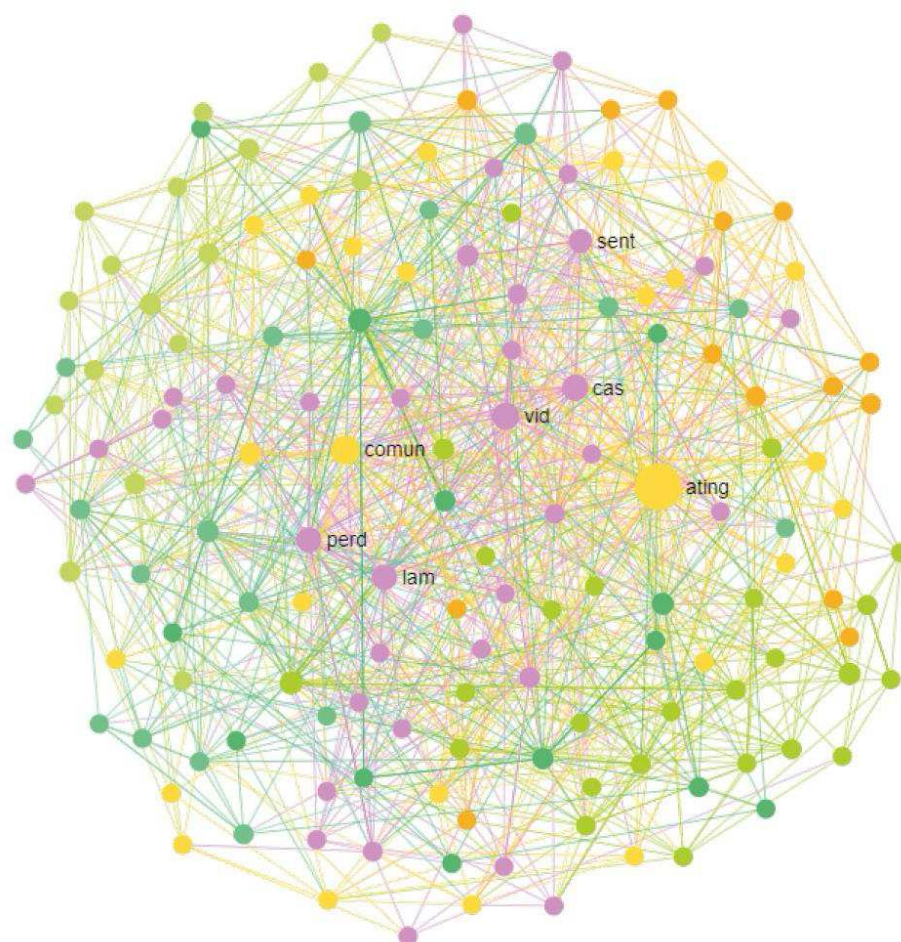
20%: histór ■ bent ■ rodrigu ■

17%: lut ■ direit ■ process ■

11%: siren ■ ediçã ■ jornal ■

Fonte: Dos autores, 2020

Figura 19: Gráfico sínteses dos editoriais do segundo ano de publicação
SEGUNDO ANO: EDIÇÃO 12 À EDIÇÃO 23



Principais Grupos de Tópicos:

24%: perd ■ vid ■ lam ■

17%: ating ■ comun ■ marian ■

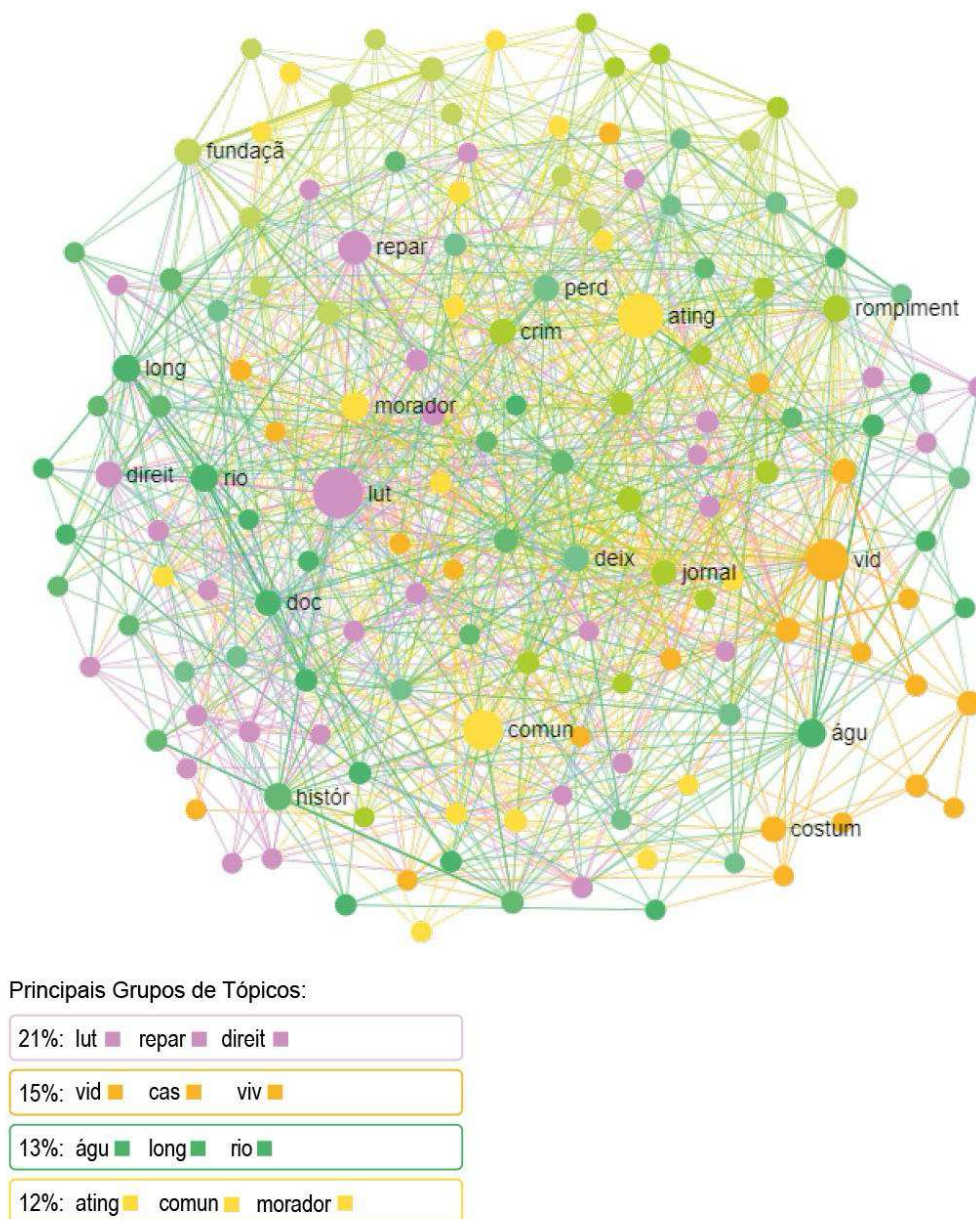
17%: gent ■ ediçã ■ traz ■

13%: histór ■ vir ■ pass ■

Fonte: Dos autores, 2020

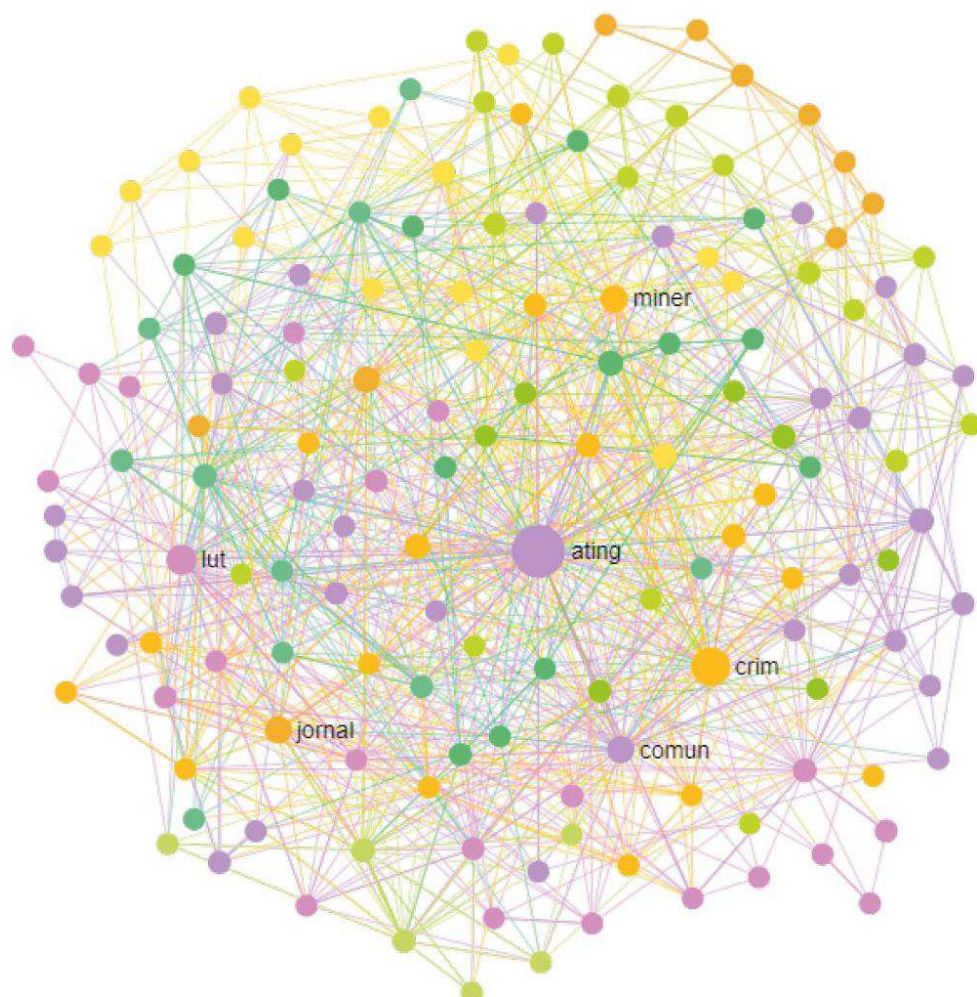
Figura 20: Gráfico sínteses dos editorias do terceiro ano de publicação

TERCEIRO ANO: EDIÇÃO 24 À EDIÇÃO 35



Fonte: Dos autores, 2020

Figura 21: Gráfico sínteses dos editorias do quarto ano de publicação
 QUARTO ANO: EDIÇÃO 36 À EDIÇÃO 47



Principais Grupos de Tópicos:

21%: ating ■ comun ■ territóri ■

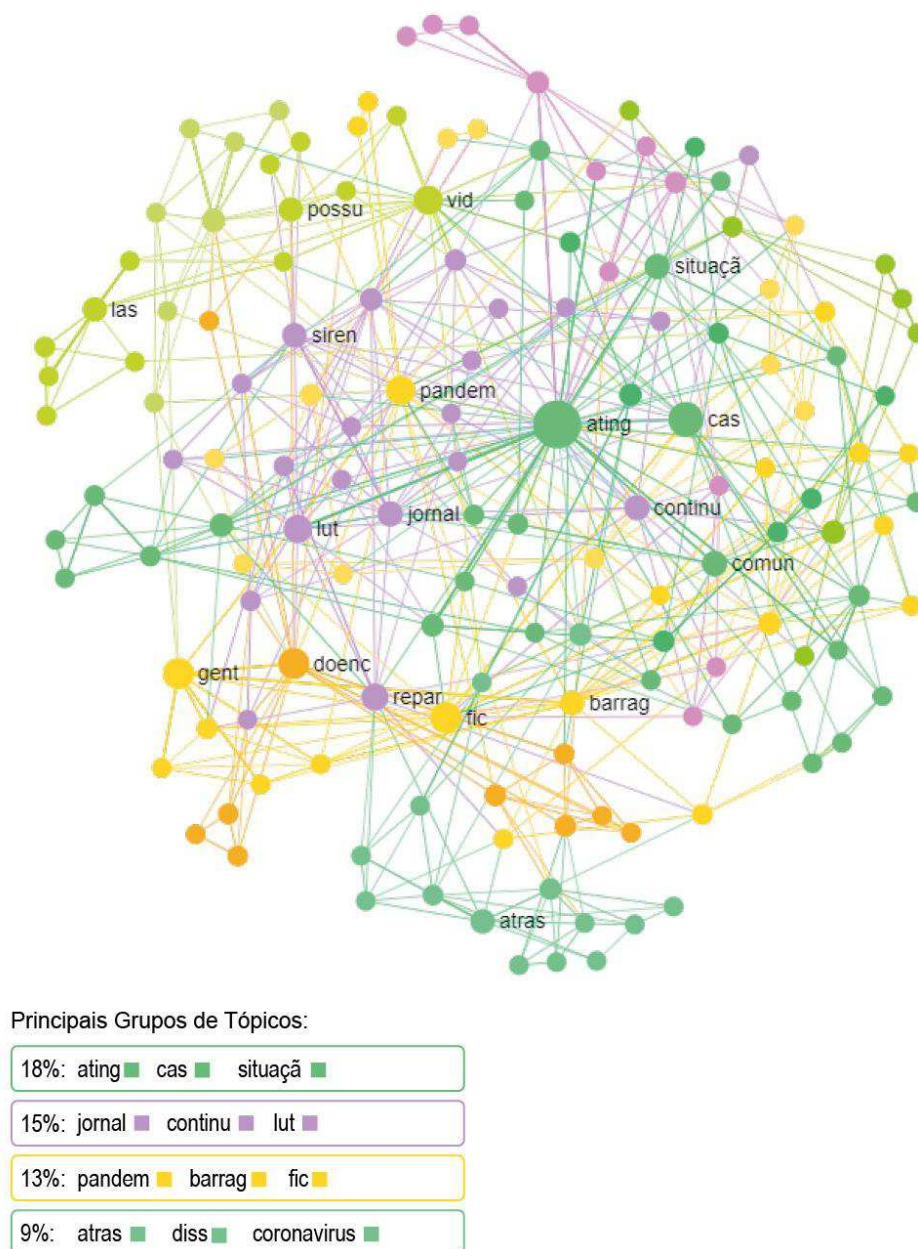
15%: lut ■ vid ■ direit ■

12%: crim ■ miner ■ val ■

12%: audiênc ■ muit ■ fic ■

Fonte: Dos autores, 2020

Figura 22: Gráfico sínteses dos editorias do quinto ano de publicação
 QUINTO ANO: EDIÇÃO 48 À EDIÇÃO 50



Fonte: Dos autores, 2020

● 4.3 Discursos da Memória

Alcançamos a última parte de nossa análise, onde nos aproximaremos da comunidade de Bento Rodrigues e também dos seus discursos relativos à memória e seus suportes. Trazemos, inicialmente, uma fala importante do Padre Geraldo Martins, da Arquidiocese de Mariana, um dos fundadores do jornal “A Sirene” e importante articulador junto às comunidades atingidas de Mariana. Segue o trecho:

A nossa primeira preocupação, enquanto Igreja, foi a dispersão das comunidades (atingidas), a fragmentação, todo mundo longe em um ambiente diferente, e o que podíamos fazer para manter a comunhão. Para além disso, a comunhão da luta, do discurso, dos objetivos. Essa era nossa grande preocupação, fazer com que eles estivessem unidos na luta, porque desde o início sabíamos que era uma luta de Golias contra Davi. E se o Davi se desarticulasse, facilitava ainda mais para o Golias. Depois, esse objetivo (pensado para o contexto de Mariana) se ampliou para as comunidades de Barra Longa, Sem Peixe, Santa Cruz do Escalvado e Rio Doce. (MARTINS In.: O DIREITO...2018)

O pároco de Mariana faz uma pontuação precisa, que se assemelha à nossa percepção, sobre o jornal “A Sirene” e os impactos que a crise ocorrida no território poderia ocasionar à comunidade. Esta articulação com a comunidade em torno da publicação é uma importante ferramenta na união dos moradores que, após o ocorrido em novembro de 2015, se viram dispersos pelo território de Mariana. Especificamente sobre o território e comunidade de Bento Rodrigues, notamos que a publicação se torna um suporte material de memória ao deixar registrado nela as lembranças do que um dia foi o *Bento*. Além do mais, o tabloide consegue articular dois grupos em torno dele mesmo: aquele grupo diretamente envolvido na produção, que atua como repórteres, fotógrafos, editores, e aqueles grupos que são convocados a participar enquanto entrevistados e personagens das histórias que são contadas. Como levantado em seção anterior do texto, cerca de 1/6 da população do *Bento* esteve nominalmente envolvida com a publicação.

Assim, iniciamos esta fase da pesquisa, após a seleção dos 180 artigos e reportagens em que Bento Rodrigues é referenciado. Desta seleção, realizamos uma criteriosa leitura buscando identificar em quais destes trechos que haveria menção à memória e seus suportes materiais. Encontramos 89 artigos e reportagens que faziam menção a estes temas (Tabela 06). Cabe esclarecer que o jornal “A Sirene” apresenta dois vieses muito claros para quem o lê: o primeiro, como um “relicário de memórias”, onde há a presença de um tom nostálgico, saudoso; o segundo, como um espaço para

pensar o presente e articular o futuro, com publicações que tratam de ações que estão ocorrendo com os atingidos e seus territórios, assim como as projeções que estes o fazem sobre o porvir. Desta maneira, nem todos os artigos sobre Bento Rodrigues tratavam das memórias dos que lá viveram.

Tabela 06: Levantamento das publicações sobre Bento Rodrigues

180	Total de Artigos e Reportagens onde Bento Rodrigues é referenciado
89	Artigos e Reportagens que tratam de Memória e seus Suportes em Bento Rodrigues

Fonte: Dos autores, 2020

Dentro destas 89 publicações encontradas que tratam da Memória e seus suportes materiais em Bento Rodrigues, realizamos uma segmentação ano a ano. Como podemos ver pela “Tabela 07”, é notável que nos dois primeiros anos da publicação há uma discrepância quando comparado aos demais. Isso se deve, como analisado nas seções anteriores, a uma maior participação da comunidade de Bento Rodrigues nas primeiras 24 edições, e a uma ampliação da participação de outras comunidades nos anos seguintes. Além, também, da já percebida ampliação das reportagens que tratam das ações de reparação e das lutas pelos direitos dos moradores atingidos.

Tabela 07: Distribuição ano a ano das reportagens que tratam da memória de Bento Rodrigues

89	Artigos e Reportagens que tratam de Memória e seus Suportes em Bento Rodrigues
43	Primeiro ano da publicação
27	Segundo ano da publicação
7	Terceiro ano da publicação
9	Quarto ano da publicação
3	Quinto ano da publicação (parcial)

Fonte: Dos autores, 2020

Esta fase da pesquisa conta com quatro perguntas que foram apresentadas no subcapítulo “3.5.3 Proposta metodológica e *corpus* de análise”. Essas perguntas

foram feitas para nortear o caminho com que analisaremos os trechos resultantes do mapeamento das publicações. Dessa maneira, trazemos, inicialmente, um relato singular que nos chamou atenção ao longo da pesquisa. O desastre ocorrido em novembro de 2015 teve início por volta das 16 horas, os relatos trazidos pelos moradores falam que ocorreu uma grande movimentação na comunidade, com cada indivíduo buscando a sua salvação e daqueles que estavam próximos. Houve uma fuga para a parte mais alta da comunidade, localizada próxima a capela de Nossa Senhora das Mercês de Bento Rodrigues. Segundo o relato feito pelo morador Antônio Geraldo Santos, presente na edição 8 do jornal, os moradores, após o primeiro momento de desespero a auto salvamento, conseguiram se reunir e começaram um processo de alimentação e limpeza dos rejeitos (lama) que sujavam os seus corpos, estas foram as primeiras atitudes. Logo em seguida, vem o ponto que nos chamou atenção:

Pegamos uma folha de papel e desenhemos as ruas, as casas e tudo mais o que conseguíamos lembrar para mapear o local. (Antônio Geraldo Santos, com apoio de Miriã Bonifácio. In.: A SIRENE, ed. 8, nov. 2016, p.14-15)

Após conseguirem minimamente solucionar necessidade básicas de sobrevivência, a primeira atitude tomada pelos moradores foi gerar um mapa da localidade. Um comportamento que entendemos, também, como parte de uma estratégia de sobrevivência, pois logo em seguida, iniciaram um levantamento de todas as pessoas que lembravam que estavam ausentes naquele momento na localidade:

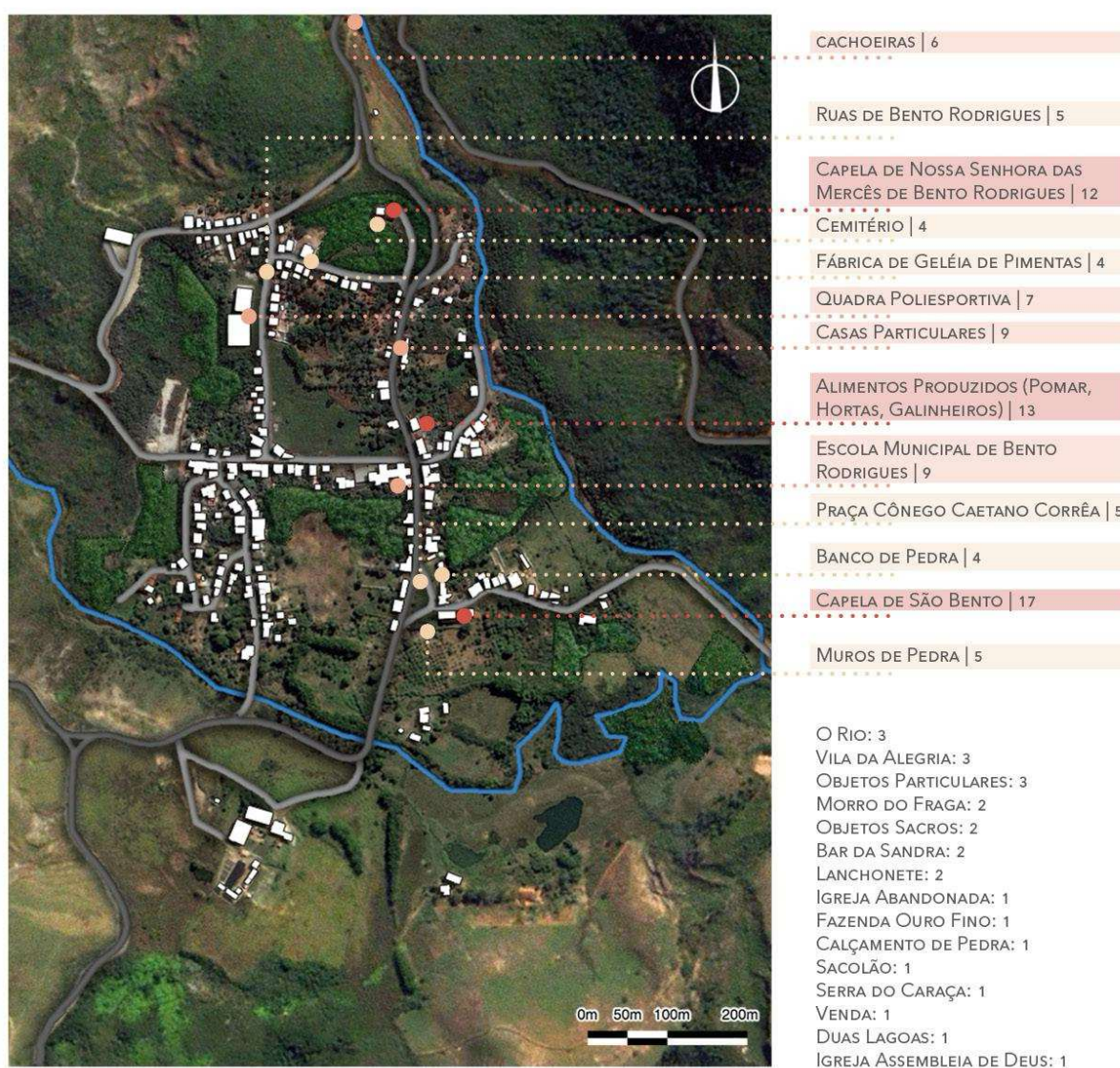
Também precisavam de uma lista com as pessoas que sentíamos falta. Na primeira anotação escrevemos 35 nomes. Nomes que conhecíamos o rosto, sabíamos quem era a família, a história. Aos poucos íamos atualizando a lista, riscando o papel. A noite inteira. No outro dia, já amanhecendo, 9 pessoas ainda não tinham sido encontradas e no fim das contas só restaram aqueles 4, que a gente sabe que não voltam mais. [...] Hoje nos damos conta de que naquela noite, na última noite, todo mundo foi um pouquinho herói. (Antônio Geraldo Santos, com apoio de Miriã Bonifácio. In.: A SIRENE, ed. 8, nov. 2016, p.14-15)

Percebemos com esta primeira conduta tomada pela comunidade, que viu seu território ser coberto por uma onda de rejeitos, uma atitude de um registro mínimo daquilo que lembravam do território. E este sentimento de preservação pela memória, que existiu logo na primeira noite, se prolonga pelos anos seguintes como notável no seguinte trecho:

Se nos perguntam sobre transformação, conversamos sobre como a lembrança é forte, sobre o quanto nós somos fortes e sobrevivemos. Hoje, somos metade, porque a outra parte é o Bento. Metade porque essa outra parte resiste em memória, na nossa memória. (Depoimento de Genival Pascoal para Paulo César, Terezinha Quintão, Joana D'Arc com apoio de Tainara Torres. In.: A SIRENE, ed. 25, abr. 2018, p. 14)

Tendo em vista este primeiro momento vivido pelos moradores, trazemos em sequência o mapeamento resultante de nossa pesquisa sobre os suportes de memória elencados ao longo dos 89 artigos e reportagens acima mencionados. Neste mapeamento destacamos a localização de cada suporte, quando possível, assim como o número de vezes que fora citado nas 51 edições do jornal. Segue o mapeamento:

Figura 23: Mapa com os suportes de memória indicados pelos moradores de Bento Rodrigues



Fonte: Dos autores sobre mapa realizado por VIANNA *et al.*, 2016, p.38

Os três suportes de memória mais evocados, como documentado na “Figura 23” são: a capela de São Bento, os alimentos produzidos e seus espaços, e a capela de Nossa Senhora das Mercês de Bento Rodrigues. Todavia, esses três suportes são os mais referenciados quando aproximamos a análise *interna ao território* de Bento Rodrigues. Isto porque, o suporte de memória mais evocada pela população é o *próprio Bento Rodrigues*, como ilustra a imagem a seguir (Figura 24).

Um outro destaque que gostaríamos de dar é quanto ao eixo que surge quando mapeamos no território os suportes de memória. Este eixo condiz com a rota do “Caminho Novo” da “Estrada Real”³⁹, o percurso mais antigo que havia na localidade de Bento Rodrigues que, dentro do território, liga as capelas de São Bento e de Nossa Senhora das Mercês.

Figura 24: Mapa destacando o *Bento* e o eixo dos suportes de memória



³⁹ Durante os períodos colonial e imperial, o núcleo de Bento Rodrigues localizava-se em um dos ramos da Estrada Real que ligava Ouro Preto e Mariana a Sabará, importante caminho de escoamento da produção aurífera local, assim como dos produtos agrícolas, contribuindo para o abastecimento do mercado regional e linhas comerciais que se estendiam até o Rio de Janeiro. (FERREIRA, 2017, p.49)

Fonte: Dos autores sobre mapa realizado por VIANNA *et al.*, 2016, p.3

Destacaremos aqui esta relação que a comunidade tem com “o” Bento. Desde os primeiros contatos com a comunidade, era notável o quão singular é a forma como eles se referenciam à localidade de Bento Rodrigues. Outros pesquisadores envolvidos no grupo também já trouxeram relatos similares: há uma estreita ligação da comunidade com o território, permeado pela projeção das memórias, gerando uma relação que se aproxima ao místico. Trazemos alguns trechos em que é notável essa maneira como eles se referem à localidade:

Com o trânsito de caminhões pesados prestando serviços para a Samarco, foi bem danificada a ponte de madeira que dá acesso **ao nosso querido Bento**. (Mônica Santos, com apoio de Larissa Helena, Miriã Bonifácio e Wandeir Lucas. In.: A SIRENE, ed. 9, dez. 2016, p.5. Destaque pelos autores.)

Quero passar para os meus filhos as boas experiências que tivemos **no antigo Bento**, porque quando **o novo Bento** sair eles vão estar bem grandinhos, para que as histórias que nós vivemos no Bento não morram. (Hiata Meiriane Salgado. In.: A SIRENE, ed. 11, fev. 2017, p.12-13. Destaque pelos autores.)

Ficou evidente que para aqueles que **o Bento** não fez parte da vida deles, **o Bento** acabou, mas para os que fazem parte **da vida do Bento** ele existirá para sempre. Podem até tentar nos tirar de lá, mas ele [sic] jamais irão tirar **o Bento de nós** (Fala de Mauro para Mônica Santos e Padre Geraldo Barbosa, com apoio de Milton Sena. In.: A SIRENE, ed. 11, fev. 2017, p.30. Destaque pelos autores.)

Lembro que recebi uma ligação do meu pai dizendo: - Filho, **o Bento acabou!** (Fala de Gabriel Marcos Cardoso Silva para Mônica Santos e Larissa Helena. In.: A SIRENE, ed. 12, mar. 2017, p.6. Destaque pelos autores.)

No dia seguinte, às seis da manhã, acordamos com o cantar dos pássaros e depois do café ficamos **andando pelo Bento**. Almoçamos e em seguida voltamos para Mariana [...] (Fala de Olívia Quintão Muniz para Mônica Santos, com apoio de Larissa Helena e Wandeir Campos. In.: A SIRENE, ed. 13, abr. 2017, p.12. Destaque pelos autores.)

Eu e o Zé crescemos **juntos lá no Bento**. Começamos a namorar depois de um baile no Sobrero. Casamos, fomos morar juntos e depois engravidei do Lucas. Todas as lembranças do casamento foram embora com a lama. (Fala da Sra. Maria Aparecida para José Barbosa, José Geraldo, José Delfonso, Maria Aparecida, Maria da Conceição, Maria do Pilar, Maria Félix, com o apoio de Carlos Paranhos e Daniela Felix. In.: A SIRENE, ed. 21, dez. 2017, p.10-11. Destaque pelos autores.)

Nos trechos acima, como em muitos outros ao longo do jornal e também nas conversas com a comunidade, nota-se a maneira singular com a qual eles tratam a

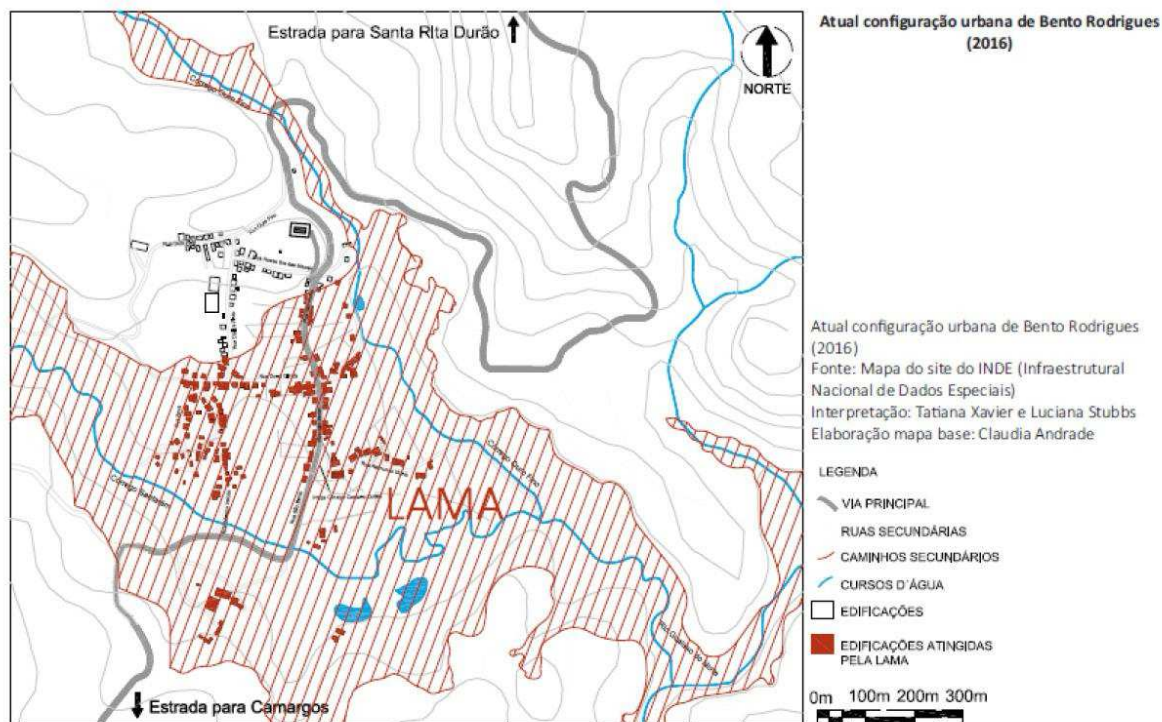
localidade de Bento Rodrigues. Os moradores atingidos referenciam o subdistrito como “o” Bento Rodrigues, aproximando da prosopopeia ao fazerem isso. Nota-se como “o Bento” se transforma em sujeito e não mais como um espaço outro. Desta maneira, compreendemos que, à parte os demais espaços elencados pelos moradores, Bento Rodrigues como um todo corresponde ao suporte de memória mais proeminente para a comunidade.

Continuando em nossa análise, recorrentemente ao tratar do ocorrido em novembro de 2015 (e também em outras situações similares em que houve a destruição de uma localidade por uma barragem), nos é trazido a lembrança o filme “Narradores de Javé” (2004), filme brasileiro, da diretora Eliane Caffé. Esse filme narra as vivências de uma comunidade que verá a sua cidade ser submersa pelas águas de uma represa que será construída, e nesta situação surge um esforço para se perpetuar Javé através da memória. De maneira perspicaz, Genival Pascoal e Mônica Santos trazem uma relação entre o filme e o que eles, moradores atingidos, vivenciaram:

[...] Javé deixou de existir? Materialmente sim, mas "espiritualmente" não, porque os moradores, mesmo sendo transferidos para outras localidades, levaram a vida de em suas lembranças: o cheiro da comida nas casas, as brincadeiras das crianças nas ruas, as festas religiosas que aconteciam na igreja e a beleza do velho rio onde todos aprenderam a nadar. Tudo isso foi embora com eles em suas lembranças. [...] O caso de Javé lembra a situação de Bento Rodrigues e de Paracatu de Baixo? Em parte, sim. Os moradores de Javé, assim como nós, tiveram suas casas destruídas e precisaram se mudar a força para outro lugar, levando praticamente suas memórias. Mas diferente de Javé, que foi submersa pelo lago da represa, o que restou de Bento e de Paracatu continua visível, ainda os visitamos, ainda podemos tocá-los. Visitamos Bento e Paracatu porque ainda existe um elo que nos une, um elo que está assentado em nossas lembranças. Esta disputa o rejeito perdeu: ele conseguiu soterrar nossas casas, mas não nossas memórias. (Genival Pascoal e Mônica Santos, com apoio de Kleverson Lima, Ana Cristina Maia e Lucimar Muniz. In.: A SIRENE, ed. 8, nov. 2016, p.22-23)

Como destacado por Pascoal e Santos, o evento ocorrido destruiu profundamente a materialidade do que fora Bento Rodrigues. Entretanto, após a retirada da lama de certos trechos, é possível visitar o que restou. E, como destacam, há uma sobrevivência da memória, apesar da fragmentação de seus suportes. Neste contexto de análise inserimos o mapa (Figura 25) produzido por um grupo de alunos (VIANNA *et al.*, 2016) na disciplina de “Morfologia Urbana” da professora Stäel de Alvarenga Pereira Costa, em 2016, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da UFMG.

Figura 25: Mapa de Bento Rodrigues com destaque para área onde a lama causou destruição do território



Fonte: VIANNA *et al.*, 2016, p.07

Comparando com o mapa apresentado na “Figura 23” pode-se constatar que a maior parte dos suportes de memória que são recorrentemente acionados foram destruídos e ou fragmentados. Dos 28 suportes/categoria de suporte de memória elencados nos textos, apenas 8 não foram diretamente atingidos pelos rejeitos (as cachoeiras, algumas ruas, a capela de Nossa Senhora das Mercês de Bento Rodrigues, o cemitério desta mesma capela, a fábrica de geleia de pimenta biquinho, a quadra, o Morro do Fraga e a Serra do Caraça). Entretanto, a vivência com estes locais e a relação cotidiana não existe mais. Todos estes suportes que não foram diretamente atingidos não podem mais ser experienciados pelos moradores à mesma maneira que faziam antes de novembro de 2015. Contudo, os moradores destacam que:

[...] estes fragmentos, por mais danificados que estejam, estabelecem um elo entre o presente e a vida que levávamos em nossas localidades. Eles sobreviveram e ajudarão a contar nossa história, e, sem dúvida é esta história que justifica a luta pelos nossos direitos. É em nome de nossas lembranças que estamos aqui. (Antônio Alves,

Cristiano Sales, Filomeno Silva, Lucimar Muniz, Mauro Silva, Manoel Marcos Muniz, com apoio de Adelaide, Kleverson Lima, Rodolfo Meirel, Silvana Dutra. In.: A SIRENE, ed. 6, set. 2016, p.4-5)

Essa relação com os fragmentos da memória, com as ruínas do que existiu se mostra evidente quando analisados os trechos em que a comunidade narra a relação deles com os dois espaços sacros do catolicismo presentes em Bento Rodrigues: a capela de São Bento (Figura 26) e capela de Nossa Senhora das Mercês (Figura 27). Esses dois espaços fazem parte da vivência de uma comunidade secular com relações fortemente estabelecidas com o catolicismo. Conforme consta no “Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues” (ICOMOS; CASTRIOTA, 2019) estes dois bens culturais, quando do desastre de 2015, se encontravam inventariados, processo que provém da realização do Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Mariana (IPAC), realizado em 2004. Todavia, conforme consta em relatório elaborado pela empresa Pólen (FERREIRA, 2017), esses bens tiveram sua proteção com o instrumento do tombamento somente após 2015. Ainda neste relatório (FERREIRA, 2017), fica evidente a relação de afeto e de atribuição de valor da comunidade com as duas capelas, o que se confirma em nosso estudo onde encontramos as duas construções entre os suportes de memória mais citados após o próprio Bento.

Figura 26: Capela de São Bento à direita e Bar da Sandra à esquerda (Bento Rodrigues/MG)



Fonte: Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues (ICOMOS; CASTRIOTA, 2019, p.45)

Figura 27: Capela de Nossa Senhora das Mercês (Bento Rodrigues/MG)



Fonte: Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues (ICOMOS; CASTRIOTA, 2019, p.45)

Para nossa análise do discurso envolvendo estas construções, traremos abaixo alguns trechos destacáveis com os quais poderemos refletir acerca da dinâmica cultural da comunidade. Começaremos por um momento muito importante para a comunidade: o da realização da primeira missa nas ruínas da capela de São Bento (Figura 28). Os relatos trazidos na reportagem da edição de fevereiro de 2017 expressam uma combinação de sentimentos, ao mesmo tempo em que sentiam alívio

Senti como se nada tivesse acontecido com o nosso querido Bento Rodrigues. (Depoimento de Paula para Mônica Santos e Padre Geraldo Barbosa, com apoio de Milton Sena. In.: A SIRENE, ed. 11, fev. 2017, p.30)

também expressavam descontentamento

[...] a tristeza de ver tanta destruição e ainda ser vigiada o tempo todo no local em que você nasceu [...]. (Depoimento de Maria para Mônica Santos e Padre Geraldo Barbosa, com apoio de Milton Sena. In.: A SIRENE, ed. 11, fev. 2017, p.30)

e obstinação

[...] que se nos mantivermos unidos e perseverantes na fé conquistaremos nossos objetivos. (Depoimento de Marinalda para Mônica Santos e Padre Geraldo Barbosa, com apoio de Milton Sena. In.: A SIRENE, ed. 11, fev. 2017, p.30).

O tom dessa reportagem, traduzido nos depoimentos dos moradores, espelha muito o que conseguimos apreender dos sentimentos que há quando tratamos da memória e seus suportes posteriores ao evento crítico de Bento Rodrigues. Um dos

depoimentos, ademais, nos chamou atenção: Rosilene relata que ao vivenciar aquele espaço ela foi capaz de experienciar mais do que os sentimentos relatados:

Nem o tempo consegue apagar da memória o que vivi aqui. Até o cheiro da igreja continua o mesmo, consigo sentir. (Depoimento de Rosilene para Mônica Santos e Padre Geraldo Barbosa, com apoio de Milton Sena. In.: A SIRENE, ed. 11, fev. 2017, p.30)

Figura 28: Primeira Missa em Bento Rodrigues (2017)



Disponível em: A SIRENE, ed. 11, fev. 2017, p.30. Fotografia de Rui Souza

A manutenção do vínculo dos moradores com esses espaços sacros vai além de uma expressão de sua religiosidade. Como destacado pelo Padre Geraldo Martins no trecho que abre este subcapítulo, a Igreja exerce um destacado papel de preservação da unidade entre os fiéis católicos de Bento Rodrigues. E neste momento de fragmentação da comunidade, essa comunhão que a Igreja busca promover é rebatida em uma união na luta da comunidade pelos direitos. Um outro evento religioso ocorrido em que ficou expresso esta mesma dinâmica se deu quando da celebração das bodas de prata do casal Marcos Muniz e Marinalda Muniz (Figura 29) em dezembro de 2017.

Figura 29: Bodas de Prata de Marcos Muniz e Marinalda Muniz na capela de São Bento em Bento Rodrigues (2017)



Disponível em: A SIRENE, ed. 22, jan. 2018, p.08.

Esta celebração também ocorreu nas ruínas da capela de São Bento, espaço recorrentemente reivindicado para uso pelos moradores de Bento Rodrigues. Conforme relato trazido nesta reportagem, a realização desta cerimônia simbolizou uma vitória para o casal e também para a comunidade.

Os atingidos, mais uma vez, demonstram que, através da união, é possível ocupar um espaço que lhes pertence. (Mara Regina Silva Muniz, Marinalda Aparecida Silva Muniz, Manoel Marcus Muniz e Mônica Santos, com o apoio de Carlos Paranhos. In.: A SIRENE, ed. 22, jan. 2018, p.8-9)

As celebrações religiosas que aconteciam em Bento Rodrigues extravasavam as paredes das capelas citadas. Como destacado também no relatório antropológico da empresa Pólen (DUTRA, 2017), as procissões, festas e celebrações em homenagem aos santos padroeiros marcavam o calendário da comunidade. E essas cerimônias com forte cunho imaterial, possuíam os seus suportes materiais como as imagens sacras, bandeiras, assim como tinham as capelas como referências em seus percursos. Da mesma forma como ocorreu com as celebrações inscritas nos espaços sacros, a retomada da realização das procissões e festa também reforçou o desejo de manutenção do vínculo com território de Bento Rodrigues.

Em meio às ruínas do vilarejo, encoberto pelo plantio de gramíneas e pelas alterações da paisagem feitas pela Samarco, revivemos as procissões da bandeira e da imagem do patriarca (Cristiano Sales, Mônica Quintão, Maria Quintão e Simária Quintão. In.: A SIRENE, ed. 17, ago. 2017, p.5)⁴⁰

Na festa de Nossa Senhora das Mercês deste ano, tivemos momentos de grandes emoções, de muitas alegrias por estarmos celebrando em nossa Capela, percorrendo nossas ruas e nos sentindo novamente em casa. Ao mesmo tempo, nos sentimos tristes pela destruição de tudo o que levamos uma vida toda para construir e pela incerteza sobre o futuro da nossa comunidade. (Mônica Santos, com apoio de Maria das Graças Quintão Santos. In.: A SIRENE, ed. 7, out. 2016, p.13)

Ao realizarmos as análises de todos os textos previamente selecionados, identificamos um suporte de memória que, à primeira vista, não nos pareceu usual, mas que consideramos ser relevante para a comunidade em questão: os espaços de cultivo e de criação de animais. Compreendemos que esses espaços se aproximam de uma classificação de suportes materiais de natureza, majoritariamente, privada e não coletiva e, até mesmo, de práticas imateriais e usos do espaço. Nesta comunidade, que ainda possuía estreito vínculo com a terra, foi perceptível em diversos relatos que as hortas, os pomares, os currais, os pastos, entre outros, permeavam as vivências e as narrativas do lugar. Foi a partir de relatos como de Andreia Sales, Maria das Graças e Mônica Quintão, que sugerimos a classificação destes espaços enquanto suportes materiais de memória:

A infância no Bento foi a melhor parte da minha vida. E, hoje, com tudo o que aconteceu, tenho mais certeza disso. [...] Lembro que nos juntávamos na horta do nosso vizinho, debaixo de um pé de manga que tinha lá: eu, meus irmãos, os filhos e as filhas do meu vizinho e outros amigos. As meninas faziam casinha e os meninos, estradas para brincar com o caminhão. (Depoimento de Andreia Sales para Beatriz Helena, Divino dos Passos, José Carlos da Silva, Kelly dos Santos, com apoio de Tainara Torres e Wandeir Campos. In.: A SIRENE, ed. 31, out. 2018, p.6-9)

O pé de manga fazia parte da nossa vida, era como se fosse um membro da família. Quando iam podar ele, a gente ficava vigiando para não cortar muito. [...] (Fala de Maria das Graças e Mônica Quintão para Maria das Dores (Dorinha, Maria das Graças Quintão, Marinalva Salgado, Mônica Quintão, Sonia Nazaré dos Santos e Wuilsom Emiliano dos Santos, com apoio de Larissa Helena, Miriã Bonifácio, Sérgio Papagaio e Simone Silva. In.: A SIRENE, ed. 22, jan. 2018, p.10-11)

⁴⁰ Quanto ao apagamento das ruínas através do plantio de gramíneas e pela alteração da paisagem, mencionado pelos moradores atingidos, trazemos uma seleção de imagens do Google Earth no “Apêndice E” que demonstra este processo.

A ruptura provocada após o desastre-crime, e o deslocamento compulsório para a cidade de Mariana, alterou sobremaneira a relação nutrida entre a comunidade e a terra, ocasionando, também, mudanças em hábitos e comportamentos:

A gente tinha vários pés. Era acerola, limão doce, jabuticaba, pitanga. Tinha muita variedade. Eu adorava subir no pé de jabuticaba, porque é gostoso subir no pé e apanhar a fruta. O jeito mais gostoso de comer fruta é assim. Vocês nem imaginam como é bom isso. (Fala de Marinalva Salgado para Maria das Dores (Dorinha, Maria das Graças Quintão, Marinalva Salgado, Mônica Quintão, Sonia Nazaré dos Santos e Wuilsom Emiliano dos Santos, com apoio de Larissa Helena, Miriã Bonifácio, Sérgio Papagaio e Simone Silva. In.: A SIRENE, ed. 22, jan. 2018, p.10-11)

Nós vamos à feira para comprar os produtos que tínhamos no nosso quintal. Vamos para adquirir legumes, frutas e verduras que colhíamos em nossas terras e que, hoje, temos que comprar sem saber da origem ou qualidade. Mais do que isso, vamos à feira reencontrar pessoas que víamos sempre no nosso convívio em Bento Rodrigues. (Manoel Marcos Muniz com apoio de Larissa Helena e Wandeir Campos. In.: A SIRENE, ed. 14, mai. 2017, p.11)

Por fim, retomamos uma citação de Halbwachs (2003) previamente analisada, para assimilar o impacto que essa profunda fragmentação causou na comunidade de Bento Rodrigues. O autor coloca que: “O grupo se fecha no contexto que construiu. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém com este, passa ao primeiro plano da ideia que tem de si mesmo”, destaca Halbwachs (2003, p.159). Com esta conceituação, do sociólogo francês, compreendemos quando os moradores atingidos dizem que:

O resgate de pertences. Cada peça, cada pedaço, nos lembra quem somos. Mesmo com nossas vidas mutiladas ainda estamos aqui. O rejeito não soterrou nossas memórias. (A SIRENE, ed. 8, nov. 2016, p. 16-19)

A experiência de território vivida, os suportes de memória, os objetos biográficos (MORIN *apud* BOSI, 1979) “[...] nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade” (BOSI, 1979, p.360). Em uma comunidade tão arraigada no território, como a de Bento Rodrigues, essas rupturas podem causar impactos imensuráveis.

Não tive a oportunidade de conhecer o meu avô Benedito Tomas (em memória), mas as histórias da vida dele nessa cidade nunca foram deixadas de lado. Tudo o que havia lá trazia um pouco da memória dele; o sítio onde trabalhava, a igreja e tudo isso nos fazia sentir uma ligação. (Stéphane Pires, com apoio de Antônio Santos. In.: A SIRENE, ed. 8, nov. 2016, p.10)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imaginem um gajo, um gajo qualquer, imaginem que lhe arrancam os olhos. Vamos lhe dar um nome e uma ocupação, para ser mais fácil. Por exemplo, Sebastião Eusébio, camponês. A gente arranca-lhe os olhos, pode ser com uma faca, pode ser com uma colher de chá, e o gajo continua a ser o Sebastião Eusébio, camponês, embora cego. Vamos cortar-lhe uma das mãos, depois um braço, uma orelha, a seguir o nariz, enfim, vamos desbastando o Sebastião, golpe a golpe, como se fosse a ramada de uma árvore. Mesmo mutilado ele continuará a ser o Sebastião Eusébio. Agora experimentemos arrancar-lhe não pedaços do corpo, o que é bastante fácil, exige apenas mão firme, alguma prática e um certo alheamento do espírito. Vamos arrancar-lhe recordações. Primeiro arrancamos-lhe a imagem da mãe pilando milho com as outras mulheres, enquanto cantavam; depois a lembrança boa das brincadeiras com os irmãos e os primos entre o canavial, junto ao rio; a seguir, o frescor da água tirada do moringue. Tiramos também de dentro da cabeça do Sebastião as histórias que a avó lhe contava, o cheiro do cachimbo e as pequenas gargalhadas dela.

Então respondam-me: aquele homem que nunca foi menino, aquele homem ainda é o Sebastião? (AGUALUSA, 2017, p.132)

Em alguns momentos quando iria falar sobre esta pesquisa que estava sendo realizada, o professor Leonardo Castriota dizia que estávamos procurando compreender se a memória permaneceria apesar de não existir mais o seu suporte material. Apesar de nunca termos deixado de maneira tão explícita esse desafio da investigação, acreditamos que sinteticamente este foi um objetivo que a pesquisa teve. Entretanto, alcançando o final deste percurso de pesquisa, podemos afirmar que ainda não foi possível ter uma resposta clara sobre esta questão tão profunda e que, certamente, poderia ser um trabalho de vida de um pesquisador. Todavia, acreditamos que ao longo dessa trajetória conseguimos chegar a algumas conclusões.

Ao investir sobre a pesquisa da memória, este trabalho alcançou a compreensão de que há uma subjetividade explícita quando tratamos deste tema. Halbwachs (2003) já na primeira metade do século XX, sublinhava a relação da memória social com o cotidiano das pessoas, sendo passível de interpretações e modificações. Um fato destacável é de que a existência da memória social está condicionada à existência do grupo que a contém, o que traz uma possível diferenciação da história, que almeja a objetividade e que, muitas das vezes, trata de vivências de grupos que não existem mais. Le Goff (2003) pontua que a memória surge de uma relação nunca acabada entre o presente e o passado, o que aproxima do pensamento de Halbwachs (2003),

de que o ato de lembrar, a ação da memória não está no reviver, mas no “repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (*apud* BOSI, 1979, p.55).

Desta compreensão da memória social, enquanto construção coletiva, subjetiva e cotidiana, alcançamos outra de nossas temáticas, os suportes de memória. Percorremos o caminho de Pierre Nora (2008) e seus “lugares de memória” para buscarmos uma definição do que seriam os suportes de memória. Através de uma analogia com a obra de Olafur Eliasson, trouxemos a existência da **memória** e sua articulação com o **ser** através do **suporte**. Ou seja, seriam os ‘suportes de memória’ qualquer forma, material ou imaterial, em que se há a capacidade de retornar, de maneira simbólica, fatos, vivências, experiência ou momentos passados. Esse alargamento da percepção sobre o que poderia se constituir enquanto “suporte de memória” foi possível, também, pela ampliação do conceito proposto por Assmann (2011) para mídias da memória, que, passando pelos edifícios, objetos e o próprio corpo humano, alcançou os processos psíquicos e mentais também como ancoradouros da memória.

Uma outra aproximação que este trabalho almejou foi dos conceitos de crise, memória e patrimônio cultural. Percorremos historicamente a formação do conceito de crise e de patrimônio cultural, e entendemos que os dois surgem, à maneira como os interpretamos atualmente, na mesma temporalidade. Buscamos, com o auxílio de Choay (2001) e Meneses (1999), aproximar o fato de que a crise da memória no Ocidente está ligada à formação das noções de patrimônio cultural, principalmente se tratando de gestão e preservação. Em seguida, nos aproximamos de nosso estudo de caso, ao tratarmos da memória e do patrimônio em condição de crise. Uma importante consideração de Bosi (1979) guiou nossas reflexões, a de que é inerente a existência da memória os momentos de fragmentação e alteração; entretanto, uma das maiores violências que pode ocorrer ao sujeito é a espoliação de suas lembranças. Bosi (1979) faz esta reflexão ao questionar o predomínio das relações financeiras sobre as relações sociais. Com isso, trazemos uma pontuação precisa de Bueno (2019), sobre o desastre que atingiu a comunidade foco de nossa investigação.

O rompimento da Barragem da Samarco em novembro de 2015, e, em janeiro de 2019, da barragem da Vale, em Brumadinho (MG), se relacionam com um modelo de desenvolvimento predatório e extrativista que tem sido praticado no Brasil desde os tempos coloniais. Esse modelo considera a preocupação ambiental como empecilho ao desenvolvimento das atividades econômicas, *considera*

as comunidades locais como menos importantes que as internacionais, desprestigia a diversificação da economia, não confere valor a empreendimentos de menor porte e nem à sustentabilidade socioambiental. (BUENO, 2019, p.164, grifo nosso)

E nos questionamos: uma comunidade pulverizada, esfacelada, repartida, teria a capacidade de lembrar?

Para conseguir alcançar uma resposta para esta pergunta e a dos objetivos elencados, buscamos uma metodologia que nos aproximasse da comunidade. Acreditamos que uma contribuição que esta pesquisa traz é na sistematização de metodologias a serem aplicadas em contextos em que a memória, seus suportes e o patrimônio cultural se vêem em contexto de crise ou após eventos críticos. Primeiramente, através da imersão na Antropologia, encontramos a etnografia. Pelo breve tempo que teríamos e pela formação díspar dos pesquisadores, encontramos no *REAP* uma metodologia consolidada, que conseguiria abarcar todos os nossos objetivos elencados ao utilizar de procedimentos etnográficos. Com os estudos feitos nas aplicações da pesquisadora Low (2002, 2003, 2004, 2005), conseguimos estruturar uma metodologia apropriada para ser aplicada em Bento Rodrigues. O *REAP* se mostrou, até o momento, muito útil para aplicações as mais diversas por prover uma série de técnicas que, através da interação e triangulação, alcança resultados complexos. No contexto que estamos inseridos, e percebendo que a atuação no campo do patrimônio cultural muitas vezes é condicionada a aprovação de projetos ou alterações do cenário político, reconhecer uma metodologia que rapidamente encontra respostas para problemas complexas, e que considera o olhar dos indivíduos da comunidade e seus valores, é precioso.

Todavia, os rumos precisaram ser alterados e seguimos para uma metodologia que já se desenhava no horizonte ao decorrer das interações pesquisadores e comunidade: a análise crítica do discurso. Consideramos que a sistematização feita e a formulação da metodologia proposta, se baseando nas pesquisas e atuações de Fairclough (2003, 2016), van Djik (2018), Smith (2006) e Waterton (2010), possibilitou respondermos os objetivos previamente estabelecidos. E, mais do que isso, possibilitou uma aproximação inesperada da comunidade, através de um veículo, o jornal "A Sirene", que consegue expressar as subjetividades e trazer muito da realidade vivenciada pelos moradores atingidos.

Algumas considerações podem ser feitas quanto ao aprofundamento e ampliação da pesquisa exposta nessa dissertação. Primeiramente, acreditamos que a metodologia

da análise do discurso ganharia muito se interagíssemos diretamente, de alguma maneira, com a comunidade, como, por exemplo, através de entrevistas. Chegadas as conclusões que alcançamos, colocar para a comunidade os dados encontrados e confrontá-las com as falas que seriam colhidas, ampliaria a discussão e poderia trazer novas visões e caminhos. Além disso, os grupos outros aos quais os moradores atingidos se referem também poderiam ser entrevistados, ganhando novas camadas nesta análise. Todavia, são necessários recortes, e uma pesquisa desse porte caberia dentro de um projeto de pesquisa com diferentes frentes e com metas ampliadas. Acreditamos que não foi por acaso que estas duas metodologias (*REAP* e Análise do Discurso) se encontraram: vemos possibilidades de interação entre elas, pois uma conseguiria abarcar certas lacunas deixadas pela outra.

Em relação aos resultados alcançados com a aplicação da metodologia criada a partir da análise do discurso, consideramos que foi acertada a escolha de uma análise ampliada do jornal “A Sirene”, pois esta nos permitiu compreender as mudanças nos discursos ao longo dos anos. O jornal “A Sirene” é um rico veículo de resistência, que deve ser valorizado enquanto voz de um grupo que não se encontra nas camadas de poder. Além disso, esta publicação se tornou um importante suporte de memória para os moradores atingidos, no qual acreditamos que manterá em suas páginas, para as gerações futuras, registros do que foram esses ambientes atingidos e as vivências que foram, para sempre, modificadas. Quando Assmann (2011) faz a reflexão acerca das mídias da recordação, chegando às ligações neurais, compreendemos que para uma comunidade que tem grande parte dos seus suportes materiais de memória destruídos, o que resta a eles é a narrativa do que foi. A memória permanece em seus discursos, enquanto esta comunidade e seus membros sobreviverem.

Quanto às possíveis ampliações em se tratando da aplicação da metodologia no *corpus* escolhido, entendemos que seria possível analisar uma outra comunidade atingida, como Paracatu de Baixo, Pedras, Gesteira e Barra Longa. Também acreditamos que a inserção no processo de produção de uma edição também traria boas discussões para a pesquisa. E, além disso, este *corpus* permite a análise das camadas do desastre-crime sobre diferentes campos de atuação, não só do patrimônio cultural, como também da comunicação, da linguística, da sociologia e da história.

Por fim, cabe fazer uma reflexão sobre a condução de uma pesquisa que segue caminhos inesperados quando é atingida por um evento crítico sem precedentes para

a nossa geração: a pandemia do Covid-19. Passados sete meses vivenciando profundamente as consequências de um contexto de crise que o ensejou, podemos dizer que esta pesquisa tomou rumos e impactos inesperados. Quando do impulso inicial de realizá-la, os pesquisadores se encontravam em uma posição de privilégio, realizando suas atividades na academia e se relacionando, de maneira pendular, com a comunidade que vivencia a crise do desastre-crime da barragem de Fundão. Talvez por isso, o ensejo do vínculo habitual, de estar presente cotidianamente com a comunidade de Bento Rodrigues, de realizar uma metodologia que permitisse uma imersão nas vivências. Apesar desta vontade - da vivência - os pesquisadores se tornaram atingidos, de outra maneira. Os caminhos desta pesquisa precisaram ser alterados, as metodologias revistas, apesar da contribuição já ter sido sistematizada. Pesquisar sobre crise, vivenciando uma crise foi desafiador. Mas, inseridos no contexto atual de desmonte da educação pública nacional, ainda é um privilégio. Esperamos que este trabalho possa contribuir de alguma maneira para fortalecer a luta daqueles que não estão nas posições de poder e privilégio e que possa incentivar pesquisas que almejam novos olhares. Que faça a diferença.

APÊNDICES

Apêndice A

OTONI, J. P.. A perda dos suportes de memória: o caso de Bento Rodrigues (Mariana-MG). In: **Anais...** Seminário de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação, 2018, Belo Horizonte. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura - UFMG, 2018. v. 1.

A derrocada de Bento Rodrigues

Bento Rodrigues era um subdistrito de Santa Rita Durão, que vem a ser distrito da cidade de Mariana – MG. O antigo subdistrito tem sua origem em finais do século XVII e início do século XVIII, inicialmente pela exploração de ouro de aluvião⁴¹ e, logo em seguida, como ponto de apoio aos tropeiros que avançavam por Minas Gerais em busca de veios para a exploração de ouro. O subdistrito faz parte do Caminho Novo da Rota da Estrada Real, e possui características urbanas similares a outros povoados de pequeno porte, desenvolvendo-se em uma planície formada entre os ribeirões Santarém e Ouro Fino, afluentes do Rio Guaxalo do Norte. O povoado contava com duas igrejas, a primeira, dedicada a São Bento foi construída em meados de 1718, a segunda, mais recente, dedicada à Nossa Senhora das Mercês, remonta a meados do século XIX (XAVIER, 2016). O subdistrito se insere na região denominada “Quadrilátero Ferrífero”, que se localiza na porção centro-sudoeste de Minas Gerais. Na década de 1970, é construída a montante do Córrego Santarém, a Mina de Germano, pela empresa Samarco Mineração S.A., “uma joint venture de duas gigantes da mineração internacional Vale e BHP Billiton” (ZHOURI, 2018, p.15). Neste momento, como visto acima, o povoado já se encontrava consolidado a mais de dois séculos e contava com uma população de cerca de 600 habitantes (PASSOS et al., 2017). A partir da instalação da empresa mineradora, grande parte da população tem sua vida modificada, muitos passam a trabalhar na empresa e a rotina do subdistrito passa a ser permeada pelo transitar de funcionários e equipamentos. Questionamentos podem ser levantados quanto aos danos provocados, anteriores ao desastre, pela inserção da Samarco nas proximidades ao povoado, porém, para o momento, iremos nos ater ao panorama dos fatos posteriormente ocorridos.

⁴¹ Ouro de aluvião é uma técnica rudimentar de exploração do ouro praticada no Brasil durante o início das incursões por Minas Gerais, consiste na retirada superficial do ouro encontrado no leito dos rios e na terra.

No dia 5 de novembro de 2015, a barragem de rejeitos do Fundão rompe, ocasionando o maior desastre socioambiental do País. “Foram 50 milhões de metros cúbicos de resíduos minerários que, carreados até o Rio Doce, um dos mais importantes do sudeste brasileiro, percorreram aproximadamente 600km até a foz no Oceano Atlântico” (ZHOURY et al., 2018, p.30). Implantada a apenas 2,5 quilômetros de Bento Rodrigues, o rompimento em Fundão atingiu o subdistrito com uma enxurrada de rejeitos, desabrigoando grande parte da população e matando, naquele momento, 5 pessoas. É estimado que cerca de 80% do povoado foi fisicamente atingido pela lama, o qual teve a sua rua de acesso principal, a Rua São Bento, coberta com quase 15 metros de altura de rejeitos (MIRANDA et al., 2017). Além de Bento Rodrigues, outros sete povoados pertencentes à cidade de Mariana (MG) foram fisicamente atingidos, sendo eles: Camargos, Bicas, Ponte do Gama, Paracatu de Cima, Paracatu de Baixo, Pedras e Campinas; outros dois povoados, Barretos e Gesteira, também fazem parte dos diretamente atingidos, mas estes pertencentes ao município de Barra Longa (MG) (ZHOURY et al., 2018, p.33).

Figura 1 - Trajeto dos rejeitos da Barragem de Fundão desde o município de Mariana, estado de Minas Gerais, até a sua foz no Oceano Atlântico, no estado do Espírito Santo. Elaborado por Max Vasconcelos, 2017



Fonte: ZHOURY et al., 2018, p.31

Todo o fato ocorrido foi excessivamente veiculado pelos meios midiáticos, e assim como a enxurrada de lama, veio a enxurrada de informações contraditórias, fragmentadas, descontextualizadas, tendenciosas e imprecisas. Ocorreu um ápice da

espetacularização do desastre e da deficiência quanto ao compromisso social da notícia, e assim como um outro produto a ser consumido, o episódio passou a ser negligenciado (BUENO, 2017). Importante destacar a formação do coletivo “#UmMinutodeSirene”, composto pelos atingidos, com apoio de representantes de movimentos sociais e de acadêmicos do curso de Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto. Este coletivo visa dar voz para os atingidos, produzindo um jornal independente chamado “A Sirene” em que são publicados relatos e noticiados os fatos que vem ocorrendo após o desastre pela visão da população atingida.

Após o acontecimento do desastre, iniciaram-se os debates sobre o que fazer com o espaço urbano que foi dessolado. A empresa Samarco, com o intuito de reduzir os danos ainda presentes, iniciou a construção de diques de contenção dos rejeitos que vazavam, três destes diques foram construídos, até a presente data. Logo em seguida, iniciou-se a construção de um quarto dique, esta construção foi proibida pelo Ministério Público Estadual, pelo INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN) e pelo CONSELHO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARIANA (COMPAT) devido à proximidade com a Igreja de São Bento, área onde se iniciou o assentamento do povoado (XAVIER, 2016). Também neste momento, diversas ocorrências de saques e furtos foram registradas nas edificações do subdistrito, o que levou, entre outras ações, a restrição do acesso à área atingida, assim como o cercamento por tapumes de alguns dos imóveis. Tendo estes acontecimentos em vista, e objetivando a preservação da memória dos atingidos, bem como salvaguardar o sítio arqueológico pós tragédia, o COMPAT propõe e inicia, em abril de 2016, o processo de tombamento das comunidades de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo (XAVIER, 2016). Os fatos são recentes e ainda estão em andamento, especula-se sobre a criação de um memorial para não se deixar esquecer a tragédia ocorrida, assim como ações de restauração e conservação estão em curso para o resgate dos bens culturais dos atingidos.

Torna-se evidente, portanto, a extensão dos danos causados a esta comunidade, não somente materiais, mas também aqueles ligados aos vínculos sociais e a identidade daquela coletividade.

O desastre não se esgota com a situação crítica que o ensejou, mas derrama-se (Gudynas, 2016) por períodos prolongados e em instâncias e escalas diversas da vida social, ambiental, política, econômica, institucional, entre outras (ZHOURY et al., 2018, p.55).

Sabemos que o reconhecimento dos limites que definem a identidade de um grupo perpassa uma leitura abrangente do contexto ao qual aquele grupo está inserido – suas origens, sua classe social, local onde habita, locais que frequenta, as possibilidades de acesso à cultura e educação, suas vestimentas, sua maneira de falar, etc. Temos a memória como um dos principais elementos definidores de identidade, e sua compreensão como uma das formas de se entender os parâmetros das identidades coletivas. A memória coletiva, quando presente no cotidiano do grupo, o define, e faz com que os pares se reconheçam, por terem em prática de seu dia-a-dia aquilo que os formou enquanto grupo.

Além de estar presente no cotidiano do grupo, a memória coletiva, como já destacado, também está presente nos lugares de memórias, eles são referenciais para o coletivo. Segundo Pollak (1989) estes diferentes pontos de referência atuam como “indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo” (POLLAK, 1989, p.03). Os lugares de memória reforçam os sentimentos de pertencimento e auxiliam na delimitação das fronteiras da identidade. Com a completa perda destes referenciais, os danos causados ao povoado de Bento Rodrigues são imensuráveis. Sendo assim, a busca por uma reterritorialização, do reconhecimento das identidades, da reestruturação da comunidade, e do não esquecimento do ocorrido são os principais pontos a serem observados neste artigo.

Apêndice B

CASTRIOTA, L. B. ; NERY, S. O. ; ANDRADE, C. N. L. E. ; OTONI, J. P. . A jornada do “ICORP on the Road” ao longo do rio Doce: valores do patrimônio. In: **Anais...** 11º Mestres e Conselheiros, 2019, Belo Horizonte: EVEN3, 2019

A JORNADA DO “ICORP ON THE ROAD” AO LONGO DO RIO DOCE: Valores do Patrimônio

RESUMO

O presente trabalho relata e analisa a participação da equipe brasileira no projeto “ICORP on the Road” realizado pelo Comitê Científico Internacional ICORP, “International Scientific Committee on Risk Preparedness”, vinculado ao ICOMOS, “International Council of Monuments and Sites”, que trabalha em prol da conservação e proteção do patrimônio cultural ao redor do mundo e assessora a UNESCO. Este Projeto se iniciou em 2018, com o objetivo de captar as nuances dos olhares dos sobreviventes e profissionais diante de grandes desastres e tragédias, buscando compreender o processo de recuperação após as perdas relacionadas ao patrimônio material e imaterial. O “ICORP on the ROAD” filmou quatro episódios em diferentes países do mundo onde ocorreram terremotos, ataques terroristas, destruição intencional do patrimônio nacional. O rompimento da barragem de Fundão, ocorrido em 05 de novembro de 2015, em Mariana, Minas Gerais, motivou a filmagem do seu quinto episódio, que enfoca os impactos provocados e os processos de reconstrução ao longo da bacia do rio Doce. Em todos os desastres nota-se claramente a preocupação inicial com o número de vítimas, os danos ambientais, o impacto econômico, entre outros. No entanto, as ações de proteção ao patrimônio têm sido frequentemente colocadas em segundo plano e não há estratégias prévias para sua salvaguarda, sendo parte de um trabalho emergencial desenvolvido por voluntários e profissionais que valorizam o patrimônio. Apesar deste descompasso, a conexão das populações atingidas com o seu patrimônio material e imaterial tem sido uma força motriz para os processos de recuperação na reconstrução do seu cotidiano e na manutenção de suas identidades e memórias, reforçando a resiliência dos atingidos diante dos desastres. Assim, este trabalho irá analisar os diversos discursos presentes

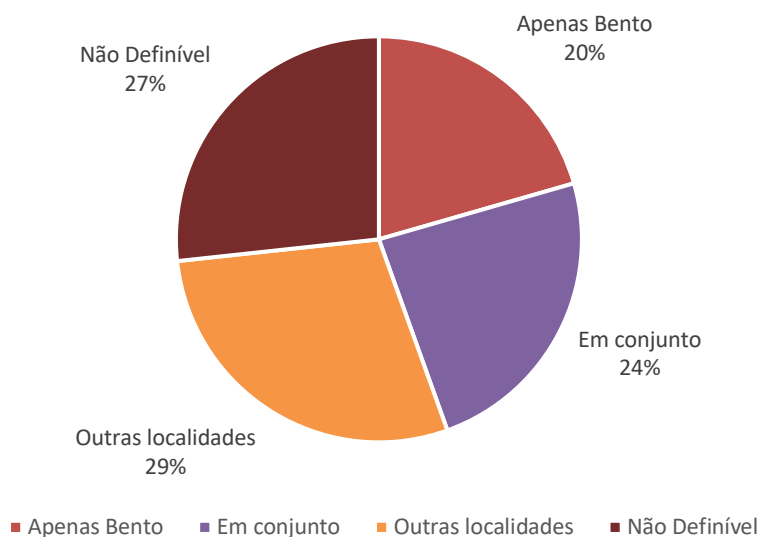
no processo de salvaguarda e a relação dos grupos atingidos com o seu patrimônio cultural, presentes no episódio brasileiro, no qual foram verificadas várias leituras sobre um mesmo objeto o que revela os diferentes significados e valores do patrimônio. Constatase que esse projeto audiovisual pode ser um diferencial, ampliando o acesso de vários públicos ao tema em questão, possibilitando a ampliação do conceito de patrimônio para o grande público e para estudiosos e permitindo uma possível preparação de outros grupos na conservação de seus patrimônios, na eventualidade de situações semelhantes.

Palavras chave: Desastre do Rio Doce; Patrimônio Cultural; Recuperação do Patrimônio; ICORP on the Road; Resiliência

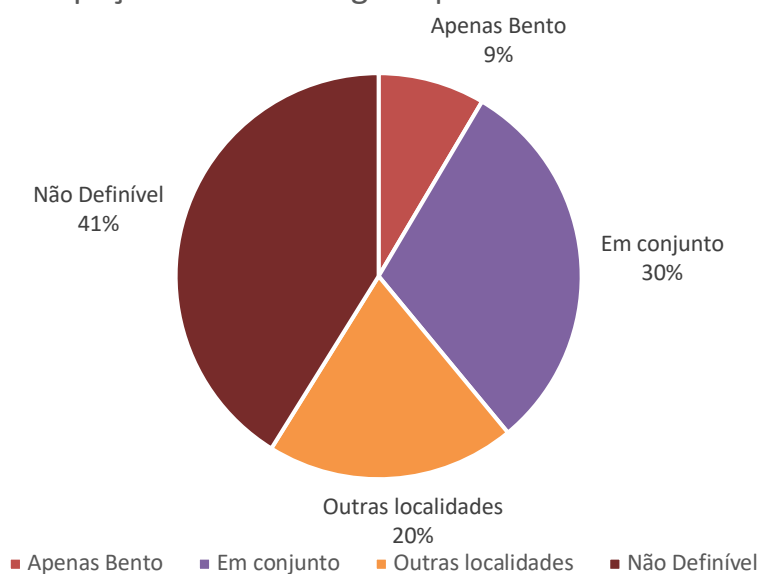
Apêndice C

Detalhamento da participação da comunidade/território de Bento Rodrigues ano a ano nas 51 edições do jornal “A Sirene”. Fonte: Dos autores.

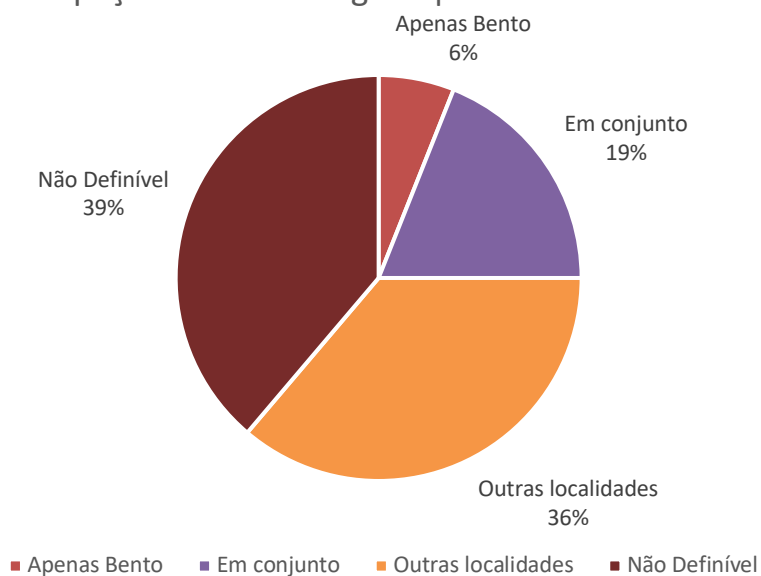
Participação Bento Rodrigues | Fev. 2016 - Fev. 2017



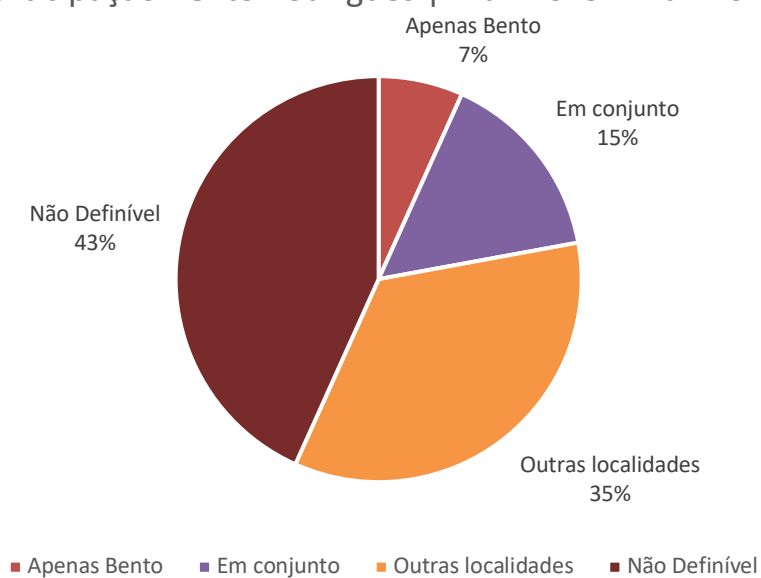
Participação Bento Rodrigues | Mar. 2017 - Fev. 2018



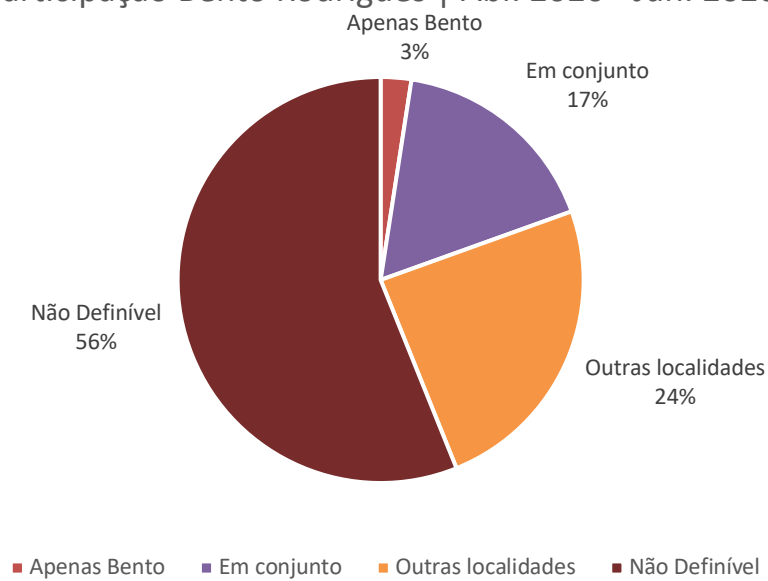
Participação Bento Rodrigues | Mar. 2018 - Fev. 2019



Participação Bento Rodrigues | Mar. 2019 - Mar. 2020



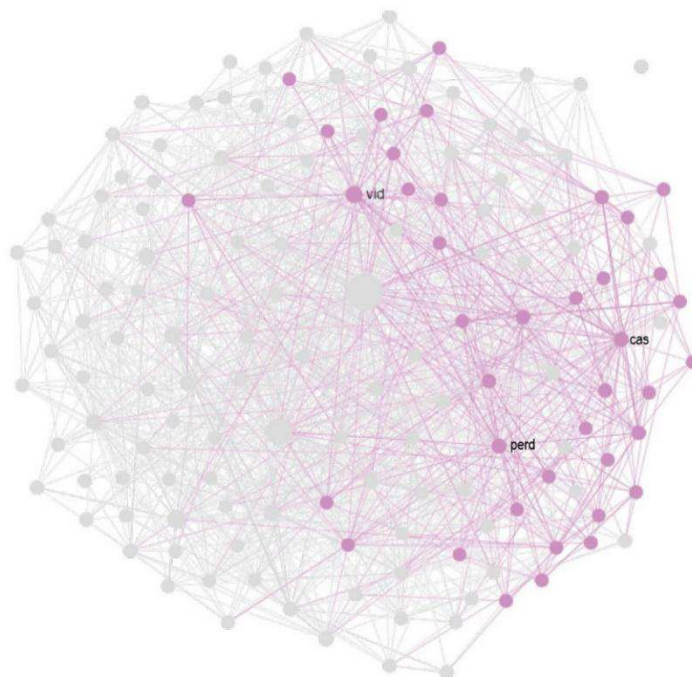
Participação Bento Rodrigues | Abr. 2020 - Jun. 2020



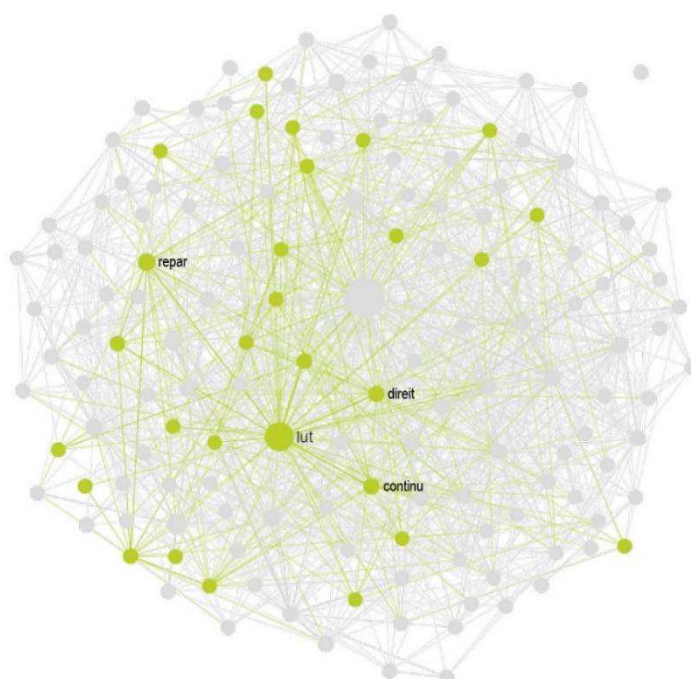
Apêndice D

Detalhamento em destaque dos principais grupos de tópicos tratados ao longo das 51 edições. Fonte: Dos autores.

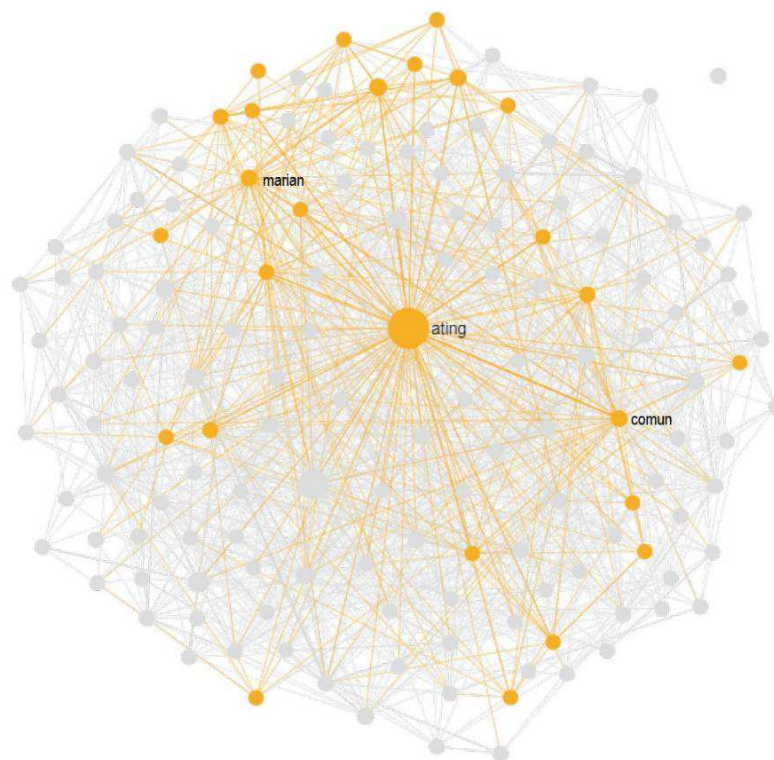
Com 27%, os radicais “vid-”, “cas-” e “perd-”:



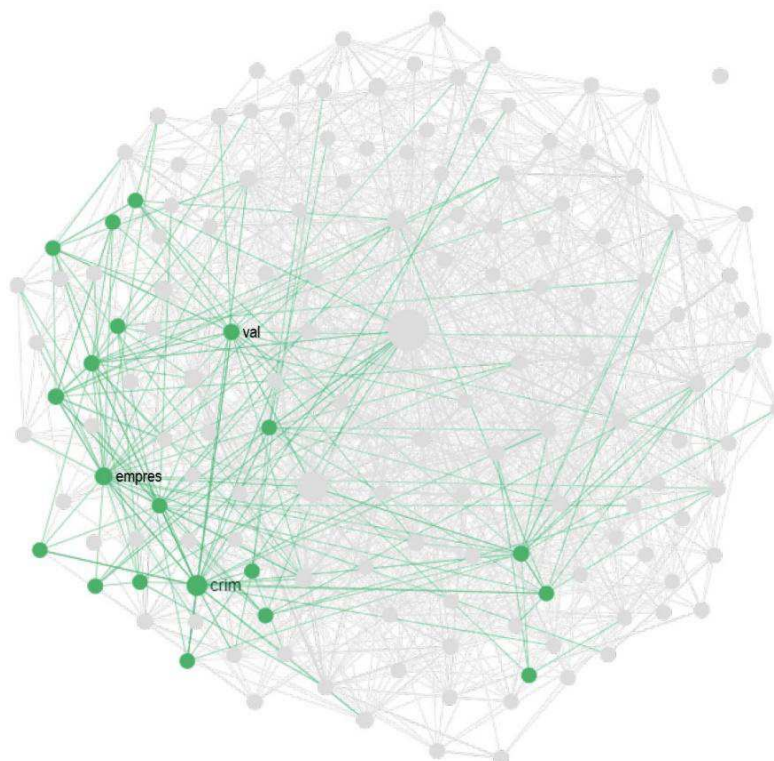
Com 19%, os radicais “lut-”, “direit-” e “continu-”:



Com 17%, os radicais “ating-”, “comun-” e “marian-”:



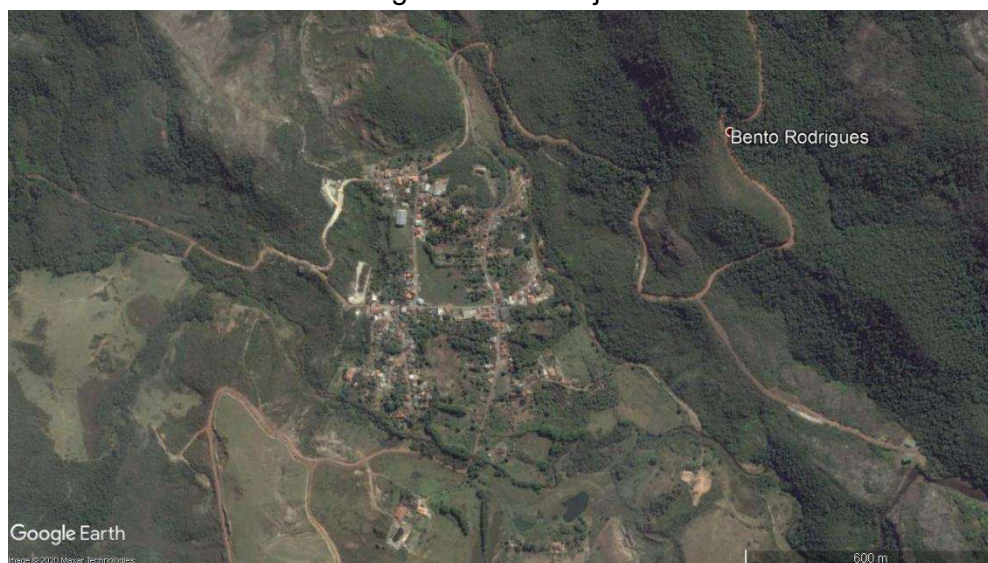
Com 13%, os radicais “empres-”, “crim-” e “val-”:



Apêndice E

Processo de apagamento das ruínas através do plantio de gramíneas e pela alteração da paisagem, mencionado pelos moradores atingidos, trazemos uma seleção de imagens do Google Earth:

Bento Rodrigues em 20 de julho de 2015



Fonte: Google Earth, acesso em out. 2020.

Bento Rodrigues em 11 de novembro de 2015



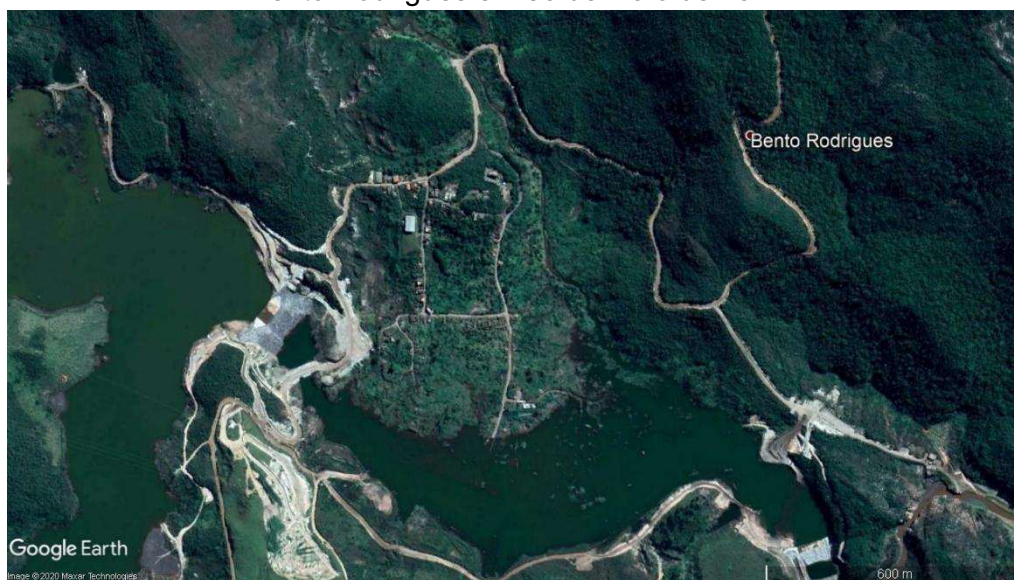
Fonte: Google Earth, acesso em out. 2020.

Bento Rodrigues em 17 de agosto de 2016



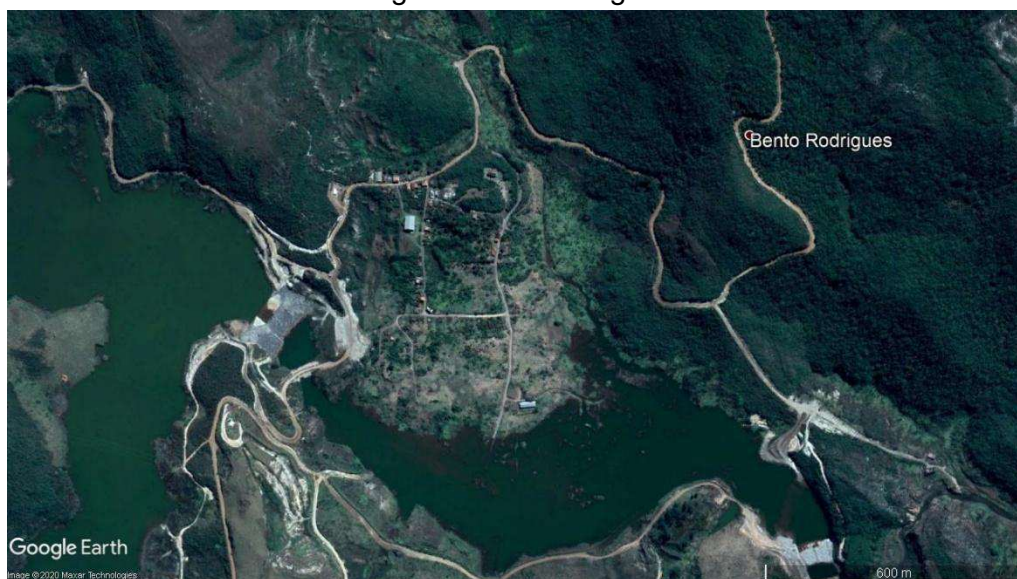
Fonte: Google Earth, acesso em out. 2020.

Bento Rodrigues em 30 de maio de 2017



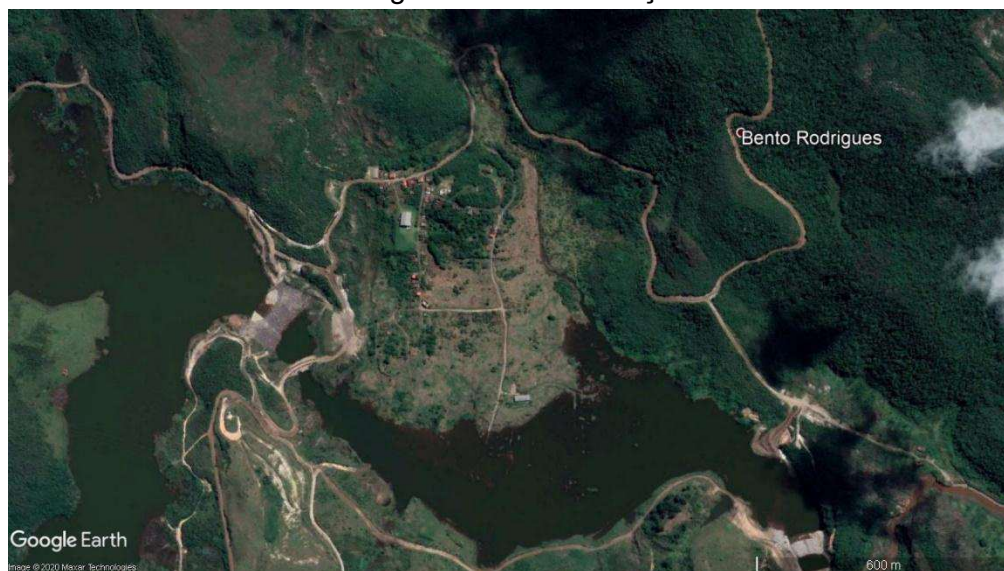
Fonte: Google Earth, acesso em out. 2020.

Bento Rodrigues em 31 de agosto de 2018



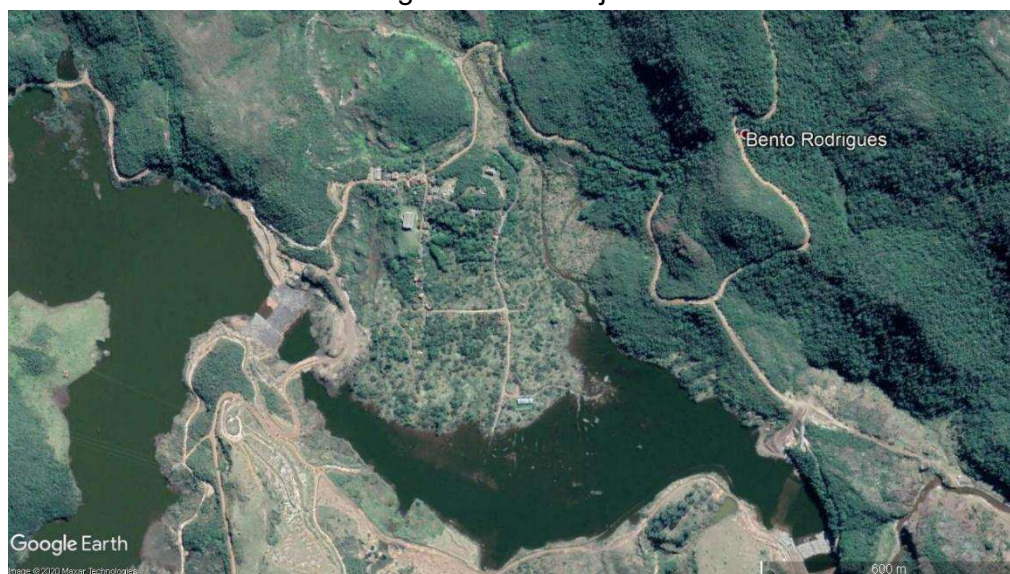
Fonte: Google Earth, acesso em out. 2020.

Bento Rodrigues em 13 de março de 2019



Fonte: Google Earth, acesso em out. 2020.

Bento Rodrigues em 20 de junho de 2020



Fonte: Google Earth, acesso em out. 2020.

Apêndice F

Tabela de levantamento de dados do Expediente das 51 edições do jornal "A Sirene" em estudo.

JORNAL A SIRENE						
ANÁLISE EDITORIAL - EXPEDIENTE						
Ed.		Realização	Apoio	Editores	Conselho Editorial	Jornalista Assistente
0	Fev.16	#UmMinutoDeSirene	Arquidiocese de Mariana	Bruno Magalhães		
		NITRO	ICSA/UFOP	Gustavo Nolasco Leo Drumond		
1	Mar.16	Atingidos pela rompimento da barragem de Fundão/Mariana	#UmminutodeSirene	Gustavo Nolasco		
			Arquidiocese de Mariana			
			ICSA/UFOP			
2	Abr.16	Atingidos pela rompimento da barragem de Fundão/Mariana	#UmminutodeSirene	Gustavo Nolasco		
			ICSA/UFOP			
3	Jun.16	Atingidos pela rompimento da barragem de Fundão/Mariana	#UmminutodeSirene	Gustavo Nolasco		
			ICSA/UFOP	Milton Sena		
4	Jul.16	Atingidos pela rompimento da barragem de Fundão/Mariana	#UmminutodeSirene	Gustavo Nolasco		
			Arquidiocese de Mariana	Milton Sena		
			UFOP			
5	Ago.16	Atingidos pela rompimento da barragem de Fundão/Mariana	#UmminutodeSirene	Milton Sena		
			Arquidiocese de Mariana			
			UFOP			
			Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)			
6	Set.16	Atingidos pelo rompimento da Barragem de Fundão/Mariana e Barra Longa	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena		Miriã Bonifácio
		Arquidiocese de Mariana				
		Projeto de Extensão "A Sirene" e o Direito à Comunicação dos Atingidos pela Lama (Curso de Jornalismo/ICSA/UFOP)				
		Um Minuto de Sirene				
7	Out.16	Atingidos pelo rompimento da Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena		
		Arquidiocese de Mariana				
		Projeto de Extensão "A Sirene" e o Direito à Comunicação dos Atingidos pela Lama (Curso de Jornalismo/ICSA/UFOP)				
		Um Minuto de Sirene				
8	Nov.16	Atingidos pelo rompimento da Barragem de Fundão/Mariana e Barra Longa	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena		
		Arquidiocese de Mariana				
		Projeto de Extensão "A Sirene" e o Direito à Comunicação dos Atingidos pela Lama (Curso de Jornalismo/ICSA/UFOP)				
		Um Minuto de Sirene				
		Atingidos pelo rompimento da Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)			
		Arquidiocese de Mariana				

9	Dez. 16	Projeto de Extensão "A Sirene" e o Direito à Comunicação dos Atingidos pela Lama (Curso de Jornalismo/ICSA/UFOP)	MICA/Brazil Foundation	Milton Sena	Cristiano José Sales	
		Um Minuto de Sirene			Fernanda Tropia Genival Pascoal Lucimar Muniz Manoel Marcos Muniz Mônica dos Santos Pe. Geraldo Martins Rodolfo Meirel Sérgio Fábio do Carmo (papagaio) Silvany Diniz Simone Maria da Silva Thiago Alves	
10	Jan. 17	Atingidos pela Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Angélica Peixoto	
		Arquidiocese de Mariana	MICA/Brazil Foundation		Ana Elisa Novais	
		Projeto de Extensão "A Sirene" e o Direito à Comunicação dos Atingidos pela Lama (Curso de Jornalismo/ICSA/UFOP)				Cristiano José Sales
		Um Minuto de Sirene			Fernanda Tropia Genival Pascoal Lucimar Muniz Manoel Marcos Muniz Mônica dos Santos Pe. Geraldo Martins Rodolfo Meirel Sérgio Fábio do Carmo (papagaio) Silvany Diniz Simone Maria da Silva Thiago Alves	
11	Fev. 17	Atingidos pela Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Angélica Peixoto	
		Arquidiocese de Mariana	MICA/Brazil Foundation		Ana Elisa Novais	
		Projeto de Extensão "A Sirene" e o Direito à Comunicação dos Atingidos pela Lama (Curso de Jornalismo/ICSA/UFOP)				Antonio Geraldo Santos
		Um Minuto de Sirene			Cristiano José Sales Fernanda Tropia Genival Pascoal Lucimar Muniz Manoel Marcos Muniz Mônica dos Santos Pe. Geraldo Martins Rodolfo Meirel Sérgio Fábio do Carmo (papagaio) Silvany Diniz Simone Maria da Silva Thiago Alves	
12	Mar. 7	Atingidos pela Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Angélica Peixoto	
		Arquidiocese de Mariana	MICA/Brazil Foundation		Ana Elisa Novais	
		Um Minuto de Sirene	Projeto de Extensão "A Sirene" e o Direito à Comunicação dos Atingidos pela Lama (Curso de Jornalismo/ICSA/UFOP)		Antonio Geraldo Santos	
					Cristiano José Sales Fernanda Tropia Genival Pascoal Lucimar Muniz Manoel Marcos Muniz Mônica dos Santos Pe. Geraldo Martins Rodolfo Meirel Sérgio Fábio do Carmo (papagaio) Silvany Diniz Simone Maria da Silva Thiago Alves	
13	Abr. 7	Atingidos pela Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Angélica Peixoto	
		Arquidiocese de Mariana	MICA/Brazil Foundation		Ana Elisa Novais	
		Um Minuto de Sirene				Cristiano José Sales Fernanda Tropia Genival Pascoal Lucimar Muniz Manoel Marcos Muniz Mônica dos Santos Pe. Geraldo Martins Rodolfo Meirel Sérgio Fábio do Carmo (papagaio) Silvany Diniz

					Simone Maria da Silva	
					Thiago Alves	
14	Mai.17	Atingidos pela Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Adelaide Dias	Rafael Drumond
		Arquidiocese de Mariana			Angélica Peixoto	
		Um Minuto de Sirene	MICA/Brazil Foundation		Ana Elisa Novais	
					Cristiano José Sales	
					Fernanda Tropia	
					Genival Pascoal	
					Lucimar Muniz	
					Manoel Marcos Muniz	
					Mônica dos Santos	
					Pe. Geraldo Martins	
					Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio)	
					Silvany Diniz	
					Simone Maria da Silva	
					Thiago Alves	
15	Jun.17	Atingidos pela Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Adelaide Dias	Rafael Drumond
		Arquidiocese de Mariana			Angélica Peixoto	
		Um Minuto de Sirene			Ana Elisa Novais	
					Cristiano José Sales	
					Fernanda Tropia	
					Genival Pascoal	
					Lucimar Muniz	
					Manoel Marcos Muniz	
					Mônica dos Santos	
					Pe. Geraldo Martins	
					Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio)	
					Silvany Diniz	
					Simone Maria da Silva	
					Thiago Alves	
16	Jul. 17	Atingidos pela Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Adelaide Dias	Rafael Drumond
		Arquidiocese de Mariana			Angélica Peixoto	
		Um Minuto de Sirene			Ana Elisa Novais	
					Cristiano José Sales	
					Fernanda Tropia	
					Genival Pascoal	
					Lucimar Muniz	
					Manoel Marcos Muniz	
					Mônica dos Santos	
					Pe. Geraldo Martins	
					Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio)	
					Silvany Diniz	
					Simone Maria da Silva	
					Thiago Alves	
17	Ago. 17	Atingidos pela Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Adelaide Dias	Rafael Drumond
		Arquidiocese de Mariana			Angélica Peixoto	
		Um Minuto de Sirene			Ana Elisa Novais	
					Cristiano José Sales	
					Fernanda Tropia	
					Genival Pascoal	
					Lucimar Muniz	
					Manoel Marcos Muniz	
					Mônica dos Santos	
					Pe. Geraldo Martins	
					Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio)	
					Silvany Diniz	
					Simone Maria da Silva	
					Thiago Alves	
18	Set. 17	Atingidos pela Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Adelaide Dias	Rafael Drumond
		Arquidiocese de Mariana			Angélica Peixoto	
		Um Minuto de Sirene			Cristiano José Sales	
					Genival Pascoal	
					Kleverson Lima	
					Lucimar Muniz	
					Manoel Marcos Muniz	
					Mônica dos Santos	
					Pe. Geraldo Martins	
					Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio)	
					Simone Maria da Silva	
					Thiago Alves	
		Atingidos pela Barragem de Fundão			Adelaide Dias	
		Arquidiocese de Mariana			Angélica Peixoto	
					Cristiano José Sales	
					Genival Pascoal	

19	Out. 17	Atingidos pela Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Kleverson Lima	Rafael Drumond
		Arquidiocese de Mariana			Lucimar Muniz	
20	Nov. 17	Um Minuto de Sirene	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Manoel Marcos Muniz	Rafael Drumond
					Mônica dos Santos	
21	Dez. 17	Um Minuto de Sirene	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Pe. Geraldo Martins	Rafael Drumond
					Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio)	
22	Jan. 18	Um Minuto de Sirene	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Simone Maria da Silva	Rafael Drumond
					Thiago Alves	
23	Fev. 18	Um Minuto de Sirene	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Adelaide Dias	Silmara Filgueiras
					Angélica Peixoto	
24	Mar. 18	Um Minuto de Sirene	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Cristiano José Sales	Silmara Filgueiras
					Genival Pascoal	
25	Abr. 18	Um Minuto de Sirene	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Lucimar Muniz	Silmara Filgueiras
					Manoel Marcos Muniz	
					Milton Sena	
					Mônica dos Santos	

					Pe. Geraldo Martins Rafael Drumond Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva Thiago Alves				
26	Mai. 18	Atingidos pela Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Milton Sena	Angélica Peixoto	Silmara Filgueiras			
		Arquidiocese de Mariana			Cristiano José Sales				
		Um Minuto de Sirene			Genival Pascoal Lucimar Muniz Manoel Marcos Muniz Milton Sena Mônica dos Santos Pe. Geraldo Martins Rafael Drumond Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva				
27	Jun. 18	Atingidos pela Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Angélica Peixoto		Silmara Filgueiras		
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Cristiano José Sales Expedito Lucas da Silva (Kaé) Genival Pascoal Lucimar Muniz Manoel Marcos Muniz Milton Sena Mônica dos Santos Pe. Geraldo Martins Rafael Drumond Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva				
		Um Minuto de Sirene							
28	Jul. 18	Atingidos pela Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Angélica Peixoto			Silmara Filgueiras	
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Cristiano José Sales Expedito Lucas da Silva (Kaé) Genival Pascoal Lucimar Muniz Manoel Marcos Muniz Milton Sena Mônica dos Santos Pe. Geraldo Martins Rafael Drumond Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva				
		Um Minuto de Sirene							
29	Ago. 18	Atingidos pela Barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Cristiano José Sales				Silmara Filgueiras
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Expedito Lucas da Silva (Kaé) Genival Pascoal Juçara Brittes Lucimar Muniz Manoel Marcos Muniz Milton Sena Mônica dos Santos Pe. Geraldo Martins Rafael Drumond Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva				
		Um Minuto de Sirene							
30	Set. 18	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Cristiano José Sales	Silmara Filgueiras			
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Expedito Lucas da Silva (Kaé) Genival Pascoal Letícia Oliveira Juçara Brittes Lucimar Muniz Manoel Marcos Muniz Mônica dos Santos Pe. Geraldo Martins Rafael Drumond Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva				
		Um Minuto de Sirene							
31	Out. 18	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)		Silmara Filgueiras		
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Juçara Brittes Lucimar Muniz Manoel Marcos Muniz				
		Um Minuto de Sirene							

		Um Minuto de Sirene		Sérgio Papagaio	Pe. Geraldo Martins Rafael Drumond Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
32	Nov. 18	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Silmara Filgueiras
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Juçara Brittes Manoel Marcos Muniz Pe. Geraldo Martins Rafael Drumond Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
33	Dez. 18	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Silmara Filgueiras
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Juçara Brittes Manoel Marcos Muniz Pe. Geraldo Martins Rafael Drumond Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
34	Jan. 19	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Silmara Filgueiras
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Juçara Brittes Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
35	Fev. 19	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Silmara Filgueiras
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Juçara Brittes Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
36	Mar. 19	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Pe. Geraldo Martins
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Juçara Brittes Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
37	Abr. 19	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Larissa Pinto
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Juçara Brittes Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
38	Mai. 19	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Larissa Pinto
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Juçara Brittes Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
39	Jun. 19	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Larissa Pinto
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Juçara Brittes Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
40	Jul. 19	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Larissa Pinto
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Pe. Geraldo Martins	

		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
41	Set. 19	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Widge Arcangelo
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
42	Out. 19	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Widge Arcangelo
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
43	Nov. 19	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Widge Arcangelo
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
44	Dez. 19	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Widge Arcangelo
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
45	Jan. 20	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Widge Arcangelo
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
46	Fev. 20	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Widge Arcangelo
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
47	Mar. 20	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Widge Arcangelo
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
48	Abr. 20	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Widge Arcangelo
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
49	Mai. 20	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Widge Arcangelo
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	
50	Jun. 20	Atingidos(as) pela barragem de Fundão	Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	Genival Pascoal	Expedito Lucas da Silva (Kaé)	Widge Arcangelo
		Arquidiocese de Mariana		Sérgio Papagaio	Genival Pascoal Letícia Oliveira Pe. Geraldo Martins Sérgio Fábio do Carmo (Papagaio) Simone Maria da Silva	

Apêndice G

Tabela de levantamento de dados acerca dos suportes de memória em Bento Rodrigues (MG) representados nos discursos das 51 edições do jornal “A Sirene”

JORNAL A SIRENE

ANÁLISE PARTICIPAÇÃO - COMUNIDADE BENTO RODRIGUES

Ed.	Mês/Ano	Pg.	Bento	Em conjunto	Memória/Suporte de memória	Nome do morador	Suporte de Memória
0	fev/16	3		1	0	Marinalva	
		4,5			0		
		6			0		
		7	1		1	Seu Filomeno da Silva, Elias Souza	
		8,9		1	1	Maurício Inácio	Imagem remete à Bento
		10;11	1		0	Nós do Bento	
		12	1		1	Nós Atingidos	
		13			0		
		14			0		
		15			0		
1	mar/16	3	1		1	Elias Souza	Morro do Fraga, Igreja Abandonada, Fazenda Ouro Fino, Cachoeiras, Calçamento de Pedra
		4,5		1	1		Fábrica de Geleia
		6			0		
		7			0		
		8,9		1	0	Terezinha Quintão, Sandra Quintão	Mesa na rua, festividade alimentar, alimentos produzidos. (Não é suporte material?)
		10;11	1		1	Keila Fialho, Neuza Santos, Sônia Santos, Rosângela	Fábrica de Geleia
		12			0		
		13	1		1	Dona Marcelina, Maria da Penha, Mônica dos Santos, Alexandra, Marianne Campidelle, Mônica do Santos, Alenir Maria Alves	Casa de dona Maria da Penha
		14;15		1	1		Sacolão
		16		1	1		Telhas Coloniais das Casas (identidade de Bento)
2	abr/16	3		1	0		
		4;5;6		1	0		
		7			0		
		8,9			0		
		10;11			0		
		12;13			0		
		14		1	0		
		15			0		
		16			0		
		3			0		
		4,5	1		1	Mauro Marcos da Silva	Vila da Alegria
		6,7			0		
		8,9	1		1	Atingidos do Bento	Terreno de Lavoura, a vivência em comunidade

3	jun/16	10;11			0		
		12;13			0		
		14			0		
		15		1	0		
		16;17			0		
		18;19			0		
		20			0		
4	jul/16	3	1		1	Lucimar Muniz	O rio/Prainha, Vila da Alegria/Terras da Família Muniz
		4;5			0		
		6			0		
		7	1		1	Lucimar Muniz, Manoel Marcos Muniz, Cristiano Sales, Mauro Marcos da Silva	Praças, Igrejas, Cachoeiras, o Rio, Pomar, O Cemitério
		8;9		1	1	Crianças de Bento	Quadra, A Escola, Cachoeira Ouro Fino
		10			0		
		11		1	1	Alcione Araújo, Andreia Sales	Festa Junina na Escola
		12;13	1			Filomeno da Silva	Capela de São Bento, As objetos sacros escondidos (a umbrela, a vara do rosário, as lanternas de vidro, as toalhas e a imagem de santana), os altares
14	1		1		A Escola		
15		1	0				
5	ago/16	3		1	0		
		4;5	1			Antônio Geraldo dos Santos, Cristiano José Sales, Lucimar Muniz, Manuel Marcos Muniz	Muros de Bento. As ruínas e as casas que sobraram como marcos do que foi. O dique S4 seria parte de uma nova memória?
		6			0		
		7	1		0	Marcos Muniz	
		8;9			0		
		10;11		1	1	Espedito Lucas Silva, Valéria Sousa	O Bento
		12			0		
		13	1		1	Mônica dos Santos, Lucimar Muniz	Capela de São Bento, Imagem de São Bento, O cemitério
14		1	0				
15			0				
16			0				
6	set/16	3	1		1	Lucimar Muniz, Genival Pascoal	Terras da Família Muniz
		4;5		1	1		Igreja das Mercês, Cabeça do Cristo Morto de Bento Rodrigues
		6			0		
		7			0		
		8;9	1		0		
		10;11			0		
		12;13			0		

		14			0			
		15			0			
		16			0			
7	out/16	3			0			
		4			0			
		5	1			0		
		6				0		
		7		1			0	
		8;9					0	
		10;11					0	
		12	1				1	Capela de São Bento
		13		1			1	Mônica dos Santos Ruas de Bento, Capela das Mercês
		14					0	
15					0			
8	nov/16	3				0		
		4;5		1		1	Seu Zezinho, Sandra Painéis, Camisa de Time, Chaves de casa	
		6;7		1			0	
		8;9					0	
		10	1				1	Stéphane Pires Casa da avó, Clarice Carvalho. A igreja. Cachoeiras e Rios. O pomar. O galinheiro.
		11					0	
		12;13					0	
		14;15		1			1	Antônio Geraldo dos Santos A Escola
		16;17;18;19		1			1	A escola, a comunidade, as igrejas
		20					0	
		21					0	
		22;23		1			1	Genival Pascoal, Mônica Santos O Bento, Igrejas, Cachoeiras, Cemitério
		24					0	
		25					0	
		26;27		1			1	Mônica Santos O Bento
		28		1			1	O Bento
29					0			
30;31		1			1	A Escola		
32					0			
9	dez/16	3				0		
		4				0		
		5	1				1	Mônica Santos Igreja das Mercês, Praça, O Bento
		6	1				1	Maria das Graças Quintão Santos O Bento, Igreja de São Bento
		7	1				1	Manoel Marcos Muniz Terras da Família Muniz
		8;9					0	
		10					0	
		11		1			0	
		12		1			0	
		13					0	
14					0			
15					0			
16		1			0			
		3				0		
		4;5				0		

10	jan/17	6;7	1		1	Antônia Dalua, Genival Pascoal, Lucimar Muniz, Mônica Santos	Muros de Bento, Igreja de São Bento, Serra do Caraça, Curral de Pedras, Banco próximo ao Bar da Sandra
		8;9	1		1	Filomeno da Silva, Tereza da Silva	Vila da Alegria, Rua São Bento
		10	1		1	Célis Felício, Mônica Santos	O Bento, Igreja de São Bento, A quadra
		11			0		
		12			0		
		13			0		
		14			0		
		15			0		
		16	1		0		
11	fev/17	3		1	1		Lavoura, Igreja de São Bento, Quadra
		4;5;6;7					
		8;9		1	1		Objetos ornamentais da casa
		10;11			0		
		12;13		1	1	Hiata Meiriane Salgado	O Bento
		14			0		
		15;16			0		
		17			0		
		18			0		
		19	1		1	Antônio Geraldo dos Santos	O morro de Bento, as ruas
		20			0		
		21			0		
		22;23			0		
		24;25		1	1	Genival Pascoal	O Bento, Igreja de Nossa Senhora das Mercês, as cachoeiras, o morro da pedrona, a água santa, segue...a paisagem cultural de Bento
26;27			0				
28			0				
29			0				
30	1		1	Marinalda, Simaria, Mauro, Maria, Cristiano, Branco, Mônica, Rosilene, Paula, Padre Geral Barbosa	Igreja de São Bento		
31			0				
32		1	0				
12	mar/17	3		1	0		
		4			0		
		5			0		
		6;7		1		Gabriel Marcos Cardoso Silva, Pablo Henrique Fialho dos Santos, Jennyfer Fialho dos Santos	O Bento, A Escola
		8			0		
		9			0		
10			0				
		11			0		

		12;13		1		1	Mônica, Olívia, Paula, Marquinhos, Samara, Cristiano, João Pedro, Branco	As cachoeiras	
		14				0			
		15				0			
		16				0			
13	abr/17	3				0			
		4		1		0			
		5		1		1	Zé Barbosa dos Santos, Geraldo Barbosa dos Santos, Egilson Santana Coelho	Banco de Pedra no Bar da Sandra.	
		6				0			
		7			1		0		
		8;9		1		1	Lucimar Muniz	Muros de Bento	
		10;11			1		1	A Escola	
		12		1		1	Olivia Quintao Muniz e Monica Santos	O Bento, Pousada da Sandra	
		13					0		
		14					0		
14	mai/17	15				0			
		16		1		0			
		3					0		
		4;5			1		1	Zé Barbosa	Uma venda
		6					0		
		7					0		
		8;9					0		
		10			1		1	Gabriel Marcos, Julio César, Irlane Geralda	Alimentação
		11		1			1	Manoel Marcos Muniz	Alimentação
		12;13		1			1	Manoel Marcos Muniz	As criações de animais
15	jun/17	14				0			
		15				0			
		16					0		
		3					0		
		4					0		
		5					0		
		6;7					0		
		8;9			1		0		
		10;11			1		0		
		12			1		1	Kleverson Lima e Lucimar Muniz	Galeria localizada no morro do Fraga, Rio Gualaxo do Norte
13					0				
14			1		1		Cemitério de Nossa Senhora das Mercês		
15					0				
16					0				
16	jul/17	3				0			
		4;5			1		1	Marcos Muniz, Maria Quintão	Casa onde morava, as festas da comunidade (festa de São Bento, de Nossa Senhora das Mercês, o Reveillon, o carnaval, a festa junina)
		6		1			0		
		7							
		8;9							
10									

		11					
		12					
		13		1	1	Conceição dos Santos, José Felipe dos Santos Casa onde morava	
		14	1		1	Time de futebol feminino de Bento A Quadra	
		15			0		
		16			0		
17	ago/17	3			0		
		4		1	0		
		5	1		1		Capela de São Bento
		6;7		1	0		
		8;9		1	0		
		10			0		
		11			0		
		12;13			0		
		14			0		
		15			0		
		16			0		
18	set/17	3			0		
		4			0		
		5			0		
		6			0		
		7		1	1	Andreia Aparecida Sales, Marinalva dos Santos Fotografias, Diários, Coleções de objetos	
		8;9		1		Joana D'Arc, Judite Souza, Kamilly Victoria, José Marques, Zé Barbosa A comunidade	
		10			0		
		11			0		
		12		1	1	Sandra Quintão Bar da Sandra, Praça, Igreja de São Bento	
		13			0		
14		1	0				
15			0				
16			0				
19	out/17	3		1	1	A Escola	
		4;5		1	1		
		6					
		7		1	0	Emerson, Kaé	
		8;9			0		
		10			0		
		11			0		
		12		1		Andreia Aparecida Sales, Mauro Marcos da Silva O Bento, Igreja das Mercês, Família Bento Rodrigues	
		13	1		1	Terezinha Quintão Casa da família, antiga quadra	
		14			0		
15			0				
16		1	0				
		3			0		
		4;5		1	1	Maria das Graças Quintão Santos, Manoel Marcos Muniz Banco de Pedra no Bar da Sandra. A praça. As ruas de Bento	
		6;7		1	0	Antônio Dalua	
		8		1	1	Keila Vardeli Fialho dos Santos, Paula Geralda Alves, Joelma Aparecida de Souza Fábrica de Geleia, Lanchonete "Cantinho de Minas"	
		9			0		

20	nov/17	10		1	0	Marinalva dos Santos Salgado, Mônica dos Santos, Andreia Sales	
		11		1	0		
		12			0		
		13			0		
		14			0		
		15;16;17;18		1	0	Mônica dos Santos, Keila Vardeli, Marianne Campinelli, Genival Pascoal	
		20;21			0		
		22;23		1	1	Marcos Manoel	Criações em Bento, O Bento
		24;25			0		
		26;27			0		
		28;29			0		
30			0				
31			0				
21	dez/17	3			0		
		4;5			0		
		6;7			0		
		8;9		1	1	Simaria Quintão, Sandra Quintão, Joelma Souza	O Bento, Lanchonete Joelma
		10;11		1	1	José Barbosa, José Delfonso, Maria Aparecida, Maria Felix	O Bento, Sobrero, Fábrica de Geleia
		12	1		0	Lucas Silva (Kaé)	
		13			0		
		14;15			0		
22	jan/18	3		1	0		
		4		1	0		
		5		1	0	Janaína Paschoal	
		6;7			0		
		8;9	1		1	Manoel Marcos Muniz, Marinalda Aparecida Silva Muniz	Igreja de São Bento
		10;11		1	1	Marinalva Salgado, Maria das Graças Quintão e Mônica Quintão	Pés de fruta, Bancos de Pedra
		12;13			0		
		14			0		
23	fev/18	15			0		
		16			0		
		3			0		
		4;5		1	0	Marcelina Xavier	
		6;7			0		
		8;9		1	0		
		10;11		1	0	Marcos Muniz, Cristiano Sales	
		12		1	0	Mônica Santos	
24	mar/18	13			0		
		14			0		
		15			0		
		16			0		
		3		1	0		
4		1	1	Marcos Manoel Muniz	Praça, Igreja de São Bento		
5	1			Andreia Sales, Marinalda Muniz e Genival Pascoal	Duas Lagoas: poço e lagoa santa		
6;7		1	1	Diomar Melo	Casa da família		
8;9			0				

24	mai/18	10			0		
		11			0		
		12			0		
		13	1		0	Cristiano Sales, Mônica dos Santos e Simária Quintão	
		14;15			0		
		16		1	0		
25	abr/18	3			0		
		4;5			0		
		6		1	0	Simaria Quintão	
		7;8;9		1	0	Marcos Muniz	
		10;11			0		
		12			0		
		13			0		
		14	1		1	Genival Pascoal, Paulo César, Terezinha Quintão, Joana D'Arc	O Bento, As criações
15			0				
16			0				
26	mai/18	3			0		
		4;5		1	1	Marcos Muniz	O Bento, o pomar
		6;7			0		
		8;9		1	0		
		10			0		
		11		1		Maria Félix, Raimundo Alves	
		12		1	0		
		13			0		
14;15			0				
16		1	0				
27	jun/18	3	1			Mauro da Silva	
		4	1		0	Zezinho Café, Kaé,	
		5			0		
		6;7			0		
		8;9			0		
		10;11			0		
		12	1		1	Raimundo Alves, Geralda da Conceição Gonçalves, Mônica Santos	O Bento
		13			0		
14;15			0				
16			0				
28	jul/18	3			0		
		4;5	1		0	Antônio Geraldo, Marcos Muniz, Genival Pascoal	
		6			0		
		7			0		
		8;9			0		
		10;11			0		
		12			0		
		13			0		
		14			0		
		15			0		
16			0				
29	ago/18	3			0		
		4;5			0		
		6			0		
		7			0		
		8;9		1	0	Andreia Sales, Maria Quintão	
		10			0		
11			0				
12			0				

		13		1	0	Claudia Aparecida dos Santos			
		14		1		Marcos Muniz, Simária Quintão			
		15		1	0	Arnaldo Arcanjo			
		16			0				
30	set/18	3			0				
		4;5			0				
		6			0				
		7			0				
		8;9			0				
		10			0				
		11			0				
		12;13			0				
		14			0				
		15			0				
		16			0				
		31	out/18	3			0		
				4;5			0		
6;7;8;9				1	1	Andreia Sales	O Bento, o pomar		
10;11				1	0				
12					0				
13					0				
14;15					0				
32	nov/18	16			0				
		3			0				
		4;5			0				
		6;7		1	0	Manoel Marcos Muniz, Expedito Lucas da Silva			
		8;9;10;11;12;13;14;15		1	0				
		16;17;18;19;20;21;22;23;24;25;26;27		1	0				
		28;29;30;31			0				
33	dez/18	32			0				
		3			0				
		4;5			0				
		6			0				
		7			0				
		8;9			0				
		10;11;12;13			0				
		14;15			0				
34	jan/19	16			0				
		3		1	1		O Bento, as festas		
		4;5			0				
		6			0				
		7;8;9			0				
		10;11			0				
		12;13			0				
		14;15			0				
35	fev/19	16			0				
		3			0				
		4			0				
		5			0				
		6		1	0				
		7			0				
8;9			0						
10;11			0						

		12;13			0		
		14;15			0		
		16			0		
36	mar/19	3			0		
		4			0		
		5			0		
		6;7		1	0		
		8;9;10;11			0		
		12;13			0		
		14;15			0		
		16			0		
37	abr/19	3			0		
		4;5		1	0	Mauro da Silva	
		6,7		1	1	Filomeno da Silva	A igreja de São Bento, as celebrações religiosas
		8;9			0		
		10;11		1	1	Orídes da Paixão Souza	O Bento
		12			0		
		13			0		
		14;15			0		
16			0				
38	mai/19	3			0		
		4;5			0		
		6			0		
		7;8;9;10;11		1	0	Terezinha Quintão	
		12;13			0		
		14			0		
		15	1		1	Marinalda Aparecida Silva Muniz, Marcos Muniz	O Bento, Muros de Pedra
16			0				
39	jun/19	3			0		
		4			0		
		5			0		
		6		1	0	Edilaine Marques dos Santos	
		7		1	0	Simária Quintão	
		8;9			0		
		10;11			0		
		12			0		
		13		1	0	Maria das Graças Quintão	
		14;15		1	1	Valéria	Quadra
16			0				
40	jul/19	3			0		
		4;5			0		
		6;7		1	0	Edilaine Marques dos Santos	
		8;9;10;11			0		
		12			0		
		13			0		
		14;15			0		
16			0				
41	set/19	3			0		
		4			0		
		5			0		
		6			0		
		7			0		
		8;9	1			Marly de Fátima, Antônio Pereira Gonçalves, Marquinhos Muniz, Mauro Silva	

		10;11	1		1	Lucimar Muniz, Janaína Flores		
		12;13	1		1	João Leôncio Martins	O Bento, Assembleia de Deus	
		14;15			0			
		16			0			
42	out/19	3			0			
		4			0			
		5		1			Simária Quintão	Capela de Nossa Senhora das Mercês
		6;7		1		0	Maria Eliza Alves da Silva, Lídice Maya da Silva, Samantha Fernandes, Raquel Luciana Felipe	
		8;9		1		1	Ana Luiza Euzébio, Lídice Maya da Silva, Raquel Luciana Felipe, Maria Eliza Alves da Silva, Samantha Fernandes	Pomar
		10	1			1	Ana Luiza Euzébio, Maria Eliza Alves da Silva, Isabela Raquel de Souza	As ruas
		11				0		
		12		1		0		
		13				0		
		14				0		
		15				0		
43	nov/19	16			0			
		3			0			
		4			0			
		5			0			
		6;7			0			
		8;9			0			
		10;11			0			
		12;13;14;15;16;17;18;19;20		1		0	Marinalda Aparecida da Silva Muniz, Cristiano Sales, Claudinei Marques da Silva, Genival Pascoal	
		21				0		
		22				0		
		23;24;25				0		
26;27;28;29;30		1		0	Cláudia de Fátima Alves			
31				0				
44	dez/19	3			0			
		4			0			
		5			0			
		6			0			
		7	1			0	Antônio Pereira Gonçalves (Dalua)	
		8;9				0		
		10;11				0		
		12;13				0		
		14				0		
		15				0		
		16				0		
45	jan/20	3			0			
		4			0			
		5			0			
		6			0			
		7			0			
		8;9;10;11				0		
		12;13	1			1	Onésio Isabel de Souza	Campo

		14;15			0		
		16			0		
46	fev/20	3			0		
		4			0		
		5;6;7;8;9;10;11;12;13			0		
		14			0		
		15			0		
		16			0		
		3			0		
47	mar/20	4			0		
		5			0		
		6			0		
		7			0		
		8;9		1	0	Paula Alves, Sandro José Sobreira	
		10;11			0		
		12;13			0		
		14;15	1		1	Olívia Quintão Muniz	Criações em Bento, O Bento
16			0				
48	abr/20	3			0		
		4			0		
		5			0		
		6;7			0		
		8;9		1	0	Marquinhos Muniz, Claudinei Marques da Silva, Simária Quintão, Antonio Pereira Gonçalves	
		10;11		1	1	Antonio Pereira Gonçalves, Simária Quintão, Marquinhos Muniz	O Bento
		12;13			0		
		14			0		
		15			0		
49	mai/20	16			0		
		3			0		
		4			0		
		5			0		
		6;7			0		
		8;9		1	0	Marquinhos Muniz	
		10;11			0		
		12;13			0		
		14			0		
50	jun/20	15			0		
		3			0		
		4			0		
		5			0		
		6;7			0		
		8;9			0		
		10		1	0	Mauro Silva	
		11		1	0	Terezinha Maria dos Santos	
		12;13		1	1		Igreja de Nossa Senhora das Mercês
14			0				
15			0				
16			0				

ANEXOS

Anexo A

Memórias Inventadas⁴²

Manoel de Barros

ESCOVA

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entressonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora.

⁴² BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. – 1ª– ed. – Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

Anexo B

Questões feitas pelo 'REAP' – 'Battery Park City'⁴³

BATTERY PARK CITY RESIDENT QUESTIONNAIRE

BASELINE INFORMATION ABOUT COMMUNITY AFFILIATION

1. How long have you lived here? With whom do you live?
2. What made you decide to live here?
3. Aside from residing in the neighbourhood, what else do you do here?
 Probe: Do you work here? If so, where and at what?
 Are you involved in any community organizations (i.e., a social, political, school, or religious group)? If so, what are they? What do you do in the organization(s)?
 Do you have friends or family in the neighbourhood?
4. How do you make use of the neighbourhood?
 Probe: Do you spend any leisure time in the neighbourhood? For example, go to the park or playground? Eat out in the neighbourhood? Take walks in the neighbourhood?
 Shop in the neighbourhood? Worship in the neighbourhood?

PERCEPTIONS OF THE COMMUNITY

5. What do you consider to be the boundaries of your community? Do you consider the boundaries of Battery Park City to include the residents and area beyond West Street? If not, how would you define the community?
 (Probe for terms, labels, or markers of the boundaries of the community and its constituents.)
6. (A question that gets people to elaborate on their feelings about the community) Have you liked living here? Why or why not? How do you feel about the community? How would you describe the character of the community?

CHANGE SINCE THE DISASTER

7. How has the community changed since the disaster?
8. Looking back throughout the past, what do you think is the main impact of the disaster on the community?
9. How did the disaster affect you (and your family)?
10. What do you consider the main issues facing the community now?
11. In terms of security, what do you feel are the main issues?
12. Is this a safe place to live now? Do you feel secure? Why?
13. Do you plan to keep on living here? Why or why not?
14. How do you think the solutions related to rebuilding the disaster site will affect the community?
15. What does this community need in general?
 For example (needs not connected with the disaster): more/less shopping, more residents, and/or more transportation connections
16. Demographics:
 Male or female?
 How old are you?
 What is your occupation?
 What is the highest level of education you have reached?
 What is your approximate household income?
 How do you identify yourself ethnically, racially, religiously, or otherwise?
 Where were you born?

⁴³ LOW, Setha M.; TAPLIN, Dana H.; LAMB, Mike. Battery Park City. *Urban Affairs Review*, [s.l.], v. 40, n. 5, p.655-682, maio 2005. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1078087404272304>.

Anexo C

Tabelas 'REAP'⁴⁴

Tabela 01: Metodologia REAP aplicada no caso “Independence National Historical Park”

Method	Data	Duration	Product	What Can Be Learned
Historical and archival documents	Newspaper clippings, collection of books and articles, reading notes	7 days	History of site's relationship to surrounding communities	Provides historical context for current study and planning process
Behavioral maps	Time-space maps of sites	2 days	Description of daily activities on site	Identifies cultural activities on site
Transect walks	Transcribed interviews and consultant's map of site, special places, special events, and culturally significant areas	6 days	Description of site from community member's point of view; problem with using tour guides—ample data but seemed rote	Community-centered understanding of site; local meaning; identification of sacred places
Individual interviews	Interview sheets in English, Spanish, Vietnamese, or Chinese with map	12 days	Description of responses of cultural groups in informal settings	Community responses and interest in the park
Expert interviews	In-depth interview transcriptions	10 days	Description of responses of local institutions and community leaders	Community leaders' interest in the park planning process
Formal-informal discussions; participant observation	Interview sheets	20 days	Description of context and history of project; description of park needs	Provides context for study and identifies NPS and community concerns
Focus groups	Field notes, tape recorded in English, Spanish, and Vietnamese; used facilitator and translator	6 days	Description of issues that emerge in small-group discussion (difficult to organize, conduct, and transcribe)	Enables understanding of conflicts and disagreement within cultural group

Disponível em: LOW, 2003, p.58

Tabela 02: Metodologia REAP aplicada no caso “Ellis Island Bridge and Access Alternatives”

Methods	Data	Duration	Product	What Can Be Learned
Physical traces mapping	Map of trash and clothing left in parks	1 day	Description of physical condition of site	Identifies night activities that would be affected by proposed bridge and alternatives
Behavioral maps	Time-space maps of site, field notes	2 days	Description of daily activities on site	Identifies daily activities that would be affected by proposed bridge and alternatives
Transect walks	Transcribed interviews and consultant's map of site, field notes	4 days	Description of site from community member's point of view	Community-centered understanding of site; local meaning
Individual interviews	Interview sheets, field notes	10 days	Description of responses of the constituency groups	Community and user responses to proposed bridge and alternatives
Expert interviews	In-depth interview transcriptions	5 days	Description of positions of local institutions and community leaders	Community leaders' responses to proposed bridge and alternatives
Group interviews	Field notes, video or tape recorded	5 days	Description of various community groups and their responses to the bridge and alternatives	Involves neighborhood and church groups in planning process; provides for public discussion of issues in local context
Focus groups	Field notes, video or tape recorded	2 days	Description of issues that emerge in small-group discussion	Enables development of a typology of responses and in-depth discussion of alternatives

Disponível em: LOW, 2003, p.60

⁴⁴ LOW, Setha M. Social Sustainability: People, History, and Values. In: ANNUAL US/ICOMOS INTERNATIONAL SYMPOSIUM. **Managing Change: Sustainable Approaches to the Conservation of the Built Environment**. 4. ed. Los Angeles: Getty Publications, 2003. p. 47-64.

REFERÊNCIAS

- A SIRENE:** Para não esquecer. Mariana: Sempre Editora/UFOP, 2016-2020. Mensal. ed.00 (fev. 2016) à ed. 50 (jun. 2020). Disponível em: <jornalasirene.com.br>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a memória das cidades.** Revista da Faculdade de Letras – Geografia, I série, Vol. XIV, Porto, 1998, p. 77 – 97.
- ABSTRACT: The Art of Design / Olafur Eliasson: O design da arte. Direção de Jason Zeldes. Produção de Scott Dadich; Morgan Neville; Dave O’connor; Jon Kamen; Justin Wilkes; Jason Spingarn-koff; Ben Cotner; Lisa Nishimura. Los Gatos, Califórnia: Netflix, 2019. (45 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/80057883>>. Acesso em: 17 out. 2019.
- ADOUE, Silvia Beatriz. O fulgor de Canudos. **Revista Espaço Acadêmico:** Dossiê - Movimentos sociais e poder popular, Maringá, n. 119, p.1-9, abr. 2011
- AGUALUSA, José Eduardo. **A sociedade dos sonhadores involuntários.** – 1 ed. – São Paulo: Planeta, 2017.
- ALTMAN, Irwin; LOW, Setha M. (Ed.). **Place Attachment.** Nova Iorque: Plenum Press, 1992.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. Tradução: Paulo Soethe.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas.** – 1ª– ed. – Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BRUNKHORST, Hauke. Crise. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do Século XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 156-160.
- BUENO, Lucia Magalhães Torres. **O Território Do Rio Doce:** uma análise discursiva de notícias sobre o rompimento da barragem da Samarco/Vale/BHP Billiton em jornais impressos de Mariana (MG), Governador Valadares (MG) e Linhares (ES). Orientadora: Mônica Santos de Souza Melo. 2019. 230 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2019.
- CAETANO, Paulo Henrique. **A palavra-chave racismo e suas relações lexicais:** uma análise crítica dos discursos sobre relações raciais brasileiras em corpus de jornal impresso. Orientadora: Célia Maria Magalhães. 2007. 261 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas

Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CÂMARA, Marco Túlio Pena. **Para nunca esquecer**: uma análise discursiva de coberturas midiáticas impressas sobre o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana. Orientador: Cláudio Humberto Lessa. 2018. 240 p. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural**: Conceitos, Política, Instrumentos. Belo Horizonte: AnnaBlume, 2009.

CHOAY, Fraçoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora Unesp, 2001. Tradução de Luciano Vieira Machado.

CRANFORD, Steven W. I May Not Have Symptoms, but COVID-19 Is a Huge Headache. **Matter**, [s.l.], v. 2, n. 5, p. 1068-1071, maio 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.matt.2020.03.017>.

DISCURSO. Dicionário online Houaiss, 15 de ago. de 2020. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em 15 de ago. de 2020

DUTRA, Bianca Pataro. **Relatório Técnico – Antropologia**. Diagnóstico preliminar dos bens culturais identificados no território atingido em Mariana pelo rompimento da barragem de Fundão. Mariana: Pólen Consultoria, Caritas Brasileiras, 2017.

EMICIDA. **AmarElo**. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/58O6GlnwuAIPfPIHWOUvvd>. Acesso em: 01 nov 2019

EMICIDA. **AmarElo – O filme invisível**: episódio 2. Canal Laboratório Fantasma no Spotify, 2020. (29 min). Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4x1668wQuOkI0JmQjus9pH?si=nV0cGL1qQM69yTI9Rc35FQ>>. Acesso em: 12 julho 2020.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse**. 1. Ed.- London: Routledge, 2003

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. – 2. Ed. – Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2016

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Être Affecté”. In. **Gradhiva**: revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie, 8. p. 3-9. 1990

FERREIRA, Lidia Helena da Silva. **As memórias de Bento**: representações pela nostalgia no jornal a sirene: para não esquecer. 2018. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

FERREIRA, Maria Raquel Alves. **Relatório Técnico – Arquitetônico e Urbanístico**. Diagnóstico preliminar dos bens culturais identificados no território atingido em Mariana pelo rompimento da barragem de Fundão. Mariana: Pólen Consultoria, Caritas Brasileiras, 2017.

FLORES, Janaína; MUNIZ, Lucimar; ALVES, Maria Cecília. Não seremos ouvidos sobre o futuro do nosso patrimônio? **A Sirene**. Mariana. Ano 4, edição nº41, set. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. – 24 ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014

GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Tradução brasileira de Bethânia S. Mariani [et al.] 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ltc, 2008.

GEVEHR, Daniel Luciano. A crise dos lugares de memória e dos espaços identitários no contexto da modernidade: questões para o ensino de história. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], v. 21, n. 67, p.945-962, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782016216748>.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos**, [s.l.], v. 28, n. 55, p.211-228, jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO)

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003

HARVEY, David C.. Heritage Pasts and Heritage Presents: temporality, meaning and the scope of heritage studies. **International Journal Of Heritage Studies**, [s.l.], v. 7, n. 4, p.319-338, jan. 2001. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13581650120105534>.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

ICOMOS/BRASIL. **Nota do ICOMOS/BRASIL**: referente ao “Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues”. Belo Horizonte, 2019.

ICOMOS/BRASIL; CASTRIOTA, Leonardo (Coord.). **Dossiê de Tombamento: Bento Rodrigues**. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução Marina Appenzeller; revisão técnica Rolf de Luna Fonseca. – 14 ed. – Campinas: Papyrus, 2012.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. Tradução Bernardo Leitão.

LEWICKA, Maria. Place attachment: How far have we come in the last 40 years? **Journal Of Environmental Psychology**, [s.l.], v. 31, n. 3, p.207-230, set. 2011. Elsevier BV.

- LOW, Setha M.. Lessons from Imagining the World Trade Center Site: An Examination of Public Space and Culture. **Anthropology & Education Quarterly: Anthropology and Education in the Aftermath of September 11**, v. 33, n. 3, p.395-405, set. 2002.
- LOW, Setha M.. Social Sustainability: People, History, and Values. In: **ANNUAL US/ICOMOS INTERNATIONAL SYMPOSIUM**. Managing Change: Sustainable Approaches to the Conservation of the Built Environment. 4. ed. Los Angeles: Getty Publications, 2003. p. 47-64.
- LOW, Setha M.. The Memorialization of September 11: Dominant and Local Discourses on the Rebuilding of the World Trade Center Site. **American Ethnologist**, Berkeley, v. 31, n. 3, p.326-339, ago. 2004.
- LOW, Setha M.; TAPLIN, Dana H.; LAMB, Mike. Battery Park City. **Urban Affairs Review**, [s.l.], v. 40, n. 5, p.655-682, maio 2005. SAGE Publications.
<http://dx.doi.org/10.1177/1078087404272304>.
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Proj. História**, São Paulo, n. 17, p.63-201, nov. 1998.
- MACIEL, Alice. Proposta de desapropriação surpreende moradores de Mariana. **Pública**. São Paulo, 10 set. 2019. Disponível em:
<<https://apublica.org/2019/09/proposta-de-desapropriacao-surpreende-moradores-de-mariana>>. Acesso em 03 nov. 2019
- MAGALHÃES, Célia Maria. Percursos das abordagens discursivas associadas à linguística sistêmica funcional. **Olhares em Análise de Discurso Crítica**. Editora: Josenia Antunes Vieira. Brasília: www.cepadic.com, 2009, p. 17-35
- MAGALHÃES, Izabel. Teoria Crítica do Discurso e Texto. **Linguagem em (Dis)Curso**: LemD, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 113-131, jan. 2004.
- MAGALHÃES, Izabel. Introdução: a análise de discurso crítica. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 3, n. 21, p. 1-9, jul. 2005.
- MAGNANI, José G. C.. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009
- MAJOWICZ, S. E.. What might the future bring? COVID-19 planning considerations for faculty and universities. **Epidemiology And Infection**, [s.l.], v. 148, n. 1, p. 1-5, 2020. Cambridge University Press (CUP).
<http://dx.doi.org/10.1017/s0950268820000898>
- MATTOS, C.L.G.; CASTRO, P.A., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011
- MELO, Iran Ferreira de. ANÁLISE DO DISCURSO E ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: desdobramentos e intersecções. **Letra Magna: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura**, São Paulo, n. 11, p. 1-18, jul. 2009. Semestral.

MENDES, Paulo Henrique A.; MENEZES, William A.. Discurso, cognição e formas de empoderamento: uma análise do jornal a sirene. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1047-1073, 2016.

MENDES, Paulo Henrique Aguiar. Metáfora e subjetividade em discursos sobre o rompimento da barragem de rejeitos da Samarco em Mariana: uma análise do jornal “A Sirene”. **Linguagem em Foco**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 25-36, jan 2018.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A Crise da Memória, História e Documento: Reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da. **Arquivos, Patrimônio e Memória**: Trajetórias e Perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1999. p. 11-29.

MILLER, Daniel. **Como conduzir uma etnografia durante o isolamento**. Canal LISA USP no YouTube, 2020. (20 min.), Cor. Disponível em: <<https://youtu.be/WC24b3nzp98>>. Acesso em: 20 maio 2020

MINAS GERAIS. Ministério Público de Minas Gerais. 2ª Promotoria de Justiça da Comarca de Mariana/MG. Relatório Institucional: o Ministério Público de Minas Gerais na defesa dos direitos humanos face ao maior desastre socioambiental do Brasil. Mariana: MPMG, 2017. 53 p.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS; MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Termo de Compromisso e Responsabilidade Socioambiental, Bento Rodrigues – Museu de Território, de 19 de agosto de 2019. Belo Horizonte, MG.

MUNIZ, Lucimar. Terras alagadas, direitos violados. **A Sirene**, Mariana, n. 13, p.8-9, abr. 2017.

NARRADORES de Javé. Direção de Eliane Caffé. Produção de Vânia Catani, André Montenegro. São Paulo: Bananeira Filmes, Gullane Filmes, Laterit Productions, Riofilme, 2004. Son., P&B. 100min.

NIXON, Rob. Introduction. In: NIXON, Rob. **Slow Violence and the Environmentalism of the Poor**. Cambridge, Massachusetts and London: Havard University Press, 2011.

NORA, Pierre. Entre memoria e historia. La problemática de los lugares, In.: NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire**. Montevideo: Trilce, 2008.

O DIREITO à Comunicação para os atingidos e o jornal A Sirene que ousamos sonhar. 2018. Disponível em: <http://jornalasirene.com.br/imprensa/2018/03/05/o-direito-comunicacao-para-os-atingidos-e-o-jornal-sirene-que-ousamos-sonhar>. Acesso em: 17 out. 2020.

ORWELL, George. **1984**. Tradução Alexandre Hubner, Heloisa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- PASQUINO, Gianfranco. Crise. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 305-308.
- PÊCHEUX, Michel. **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunod, 1969
- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- RELATO de atividades: Milton Manuel de Sena. [S.l.]: Fundação Renova, 2017. (4 min.), son., color. Disponível em: <https://youtu.be/RL78ibP2nFM>. Acesso em: 17 out. 2020.
- RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ROITMAN, Janet. Crisis. **Political Concepts: a Critical Lexicon**, Tel Aviv, New York, v. 35, set. 2016. Disponível em: <http://www.politicalconcepts.org/roitman-crisis/>. Acesso em: 04 abr. 2019.
- ROSA, Débora Diana da. **Violências e resistências: impactos do rompimento da barragem da Samarco/Vale e BHP Billiton sobre a vida das mulheres atingidas em Mariana/MG**. 2018. 332 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- RZYMSKI, Piotr; NOWICK, Michał. Preventing COVID-19 prejudice in academia. **Science**, Washington, v. 367, n. 1, p. 1313-1315, 20 mar. 2020.
- SANTOS, Heloisa Mônaco dos. Etnografia em Estudos Organizacionais: Qual Etnografia?. **Anais do XXXII Encontro da ANPAD**, Rio de Janeiro, p.1-16, 2008.
- SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 37-58.
- SILVA, Hélio R. S.. A situação etnográfica: andar e ver. In. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009
- SKIPPER, Magdalena (ed.). We're with you. **Nature**, Londres, v. 579, n. 1, p. 471-472, 26 mar. 2020.
- SMITH, Laurajane. **Uses of Heritage**. Londres: Routledge, 2006.
- STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- TAPLIN, Dana H.; SCHELD, Suzanne; LOW, Setha M.. Rapid Ethnographic

Assessment in Urban Parks: A Case Study of Independence National Historical Park. **Human Organization**, Nova Iorque, v. 61, n. 1, p.80-93, ago. 2002.

THE Mind, Explained. Produção de Marie Cascione, Adam Cole, Rebecca Davis, Claire Gordon. Los Gatos, Califórnia: Vox Media, 2019. Son., color. Legendado.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Barcelona: Paidós, 2000.

TUAN, Yi-Fu. The Significance of the Artifact. **Geographical Review**, [s.l.], p.462-472, out. 1980.

URTIZBEREA, Iñaki Arrieta (Ed.). **Lugares de memória traumática: Representaciones museográficas de conflictos políticos y armados**. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2017.

VAN DIJK, Teun A.. **Discurso e Poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

VIANNA, Bruna Hamacek *et al.* **Estudo da Morfologia e da Paisagem Urbana em Bento Rodrigues**. Belo Horizonte: PPG-ACPS, 2016. 39 slides, Disciplina Morfologia Urbana, professora Stael de Alvarenga Pereira Costa.

VIGH, Henrik. Crisis and Chronicity: Anthropological Perspectives on Continuous Conflict and Decline. **Ethnos**, [s.l.], v. 73, n. 1, p.5-24, mar. 2008. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00141840801927509>.

WATERTON, Emma. **Politics, Policy and the Discourses of Heritage in Britain**. 1. Ed. Londres: Palgrave Macmillan, 2010

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? In. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009

WEE, Sui-lee; MCNEIL JUNIOR, Donald G.. China Identifies New Virus Causing Pneumonia-like Illness: the new coronavirus doesn't appear to be readily spread by humans, but researchers caution that more study is needed. **The New York Times**. Nova Iorque, p. 1-1. 8 jan. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/01/08/health/china-pneumonia-outbreak-virus>. Acesso em: 02 jun. 2020.

YAMAMOTO, Cícera Rosa Segredo. **Memória e Identidade na poética de Manoel de Barros**. 173 f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

ZHOURI, Andréa (Org.). **Mineração: violências e resistências: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil**. 1.ed. Marabá, PA: Editorial iGuana; ABA, 2018.

